

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS - FLET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

**A VARIAÇÃO DO SUJEITO *NÓS* E A *GENTE* NA FALA BENJAMIN-
CONSTANTENSE**

BENJAMIN CONSTANT / AM
2021

HELBIA REIS FERNANDES

**A VARIAÇÃO DO SUJEITO *NÓS* E A *GENTE* NA FALA BENJAMIN-
CONSTANTENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Dr. Orlando da Silva Azevedo.

BENJAMIN CONSTANT / AM
2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F363v Fernandes, Helbia Reis
A variação do sujeito nós e a gente na fala benjamin-constantense. / Helbia Reis Fernandes . 2021
135 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Orlando da Silva Azevedo
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Sociolinguística. 2. Variação nós e a gente. 3. Benjamin Constant. 4. Amazonas. I. Azevedo, Orlando da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

HELIA REIS FERNANDES

**"A variação do sujeito "nós" e "a gente" na fala
benjamim-constantense"**

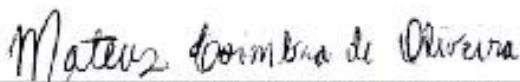
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da
Universidade Federal do Amazonas como requisito
para obtenção do título de Mestre em Letras na área
de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 14 de abril de 2021.

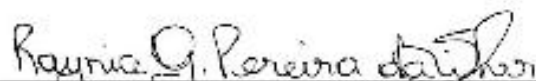
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo (UFAM)



Prof. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira (UFAM)



Profa. Dra. Raynise Geraldine Pereira da Silva (UFAM)

Dedico este trabalho aos meus pais, Juarez e Irany, à minha irmã, Jaqueline, ao meu esposo Francisco e aos meus filhos, Áthilo e Arthur, por todo amor, carinho e compreensão nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela proteção, direcionamento e fortaleza em todos os momentos;

À minha família, por todo apoio e minha trajetória acadêmica e pessoal;

Aos meus amigos, pela amizade e incentivo;

À Universidade Federal do Amazonas, aos colegas do Instituto de Natureza e Cultura – INC, em Benjamin Constant, pelo apoio na realização deste Mestrado;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAM pelas contribuições;

Ao Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, meu orientador, por toda orientação e contribuição para a realização desta pesquisa;

Aos informantes entrevistados, pela participação e por compartilharem comigo suas experiências;

À Banca Examinadora, pela disponibilidade e contribuição na melhoria desta pesquisa.

“Para Deus tudo é possível”
(Mt. 19,26)

RESUMO

Esta pesquisa foi embasada nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972), e teve como objetivo geral analisar, na posição de sujeito, o uso da variável /*nós*/ em suas realizações pronominais como *nós* e *a gente* na fala de moradores da cidade de Benjamin Constant/AM, que está localizada no Alto Solimões, região de tríplice fronteira (Brasil, Peru e Colômbia). Além do objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: i) identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem na ocorrência das variantes *nós* e *a gente*; ii) explicar se existe relação entre o grau de escolaridade, o contexto social, o sexo, a idade e a variável em estudo: P4 /*nós*/, primeira pessoa do plural, e suas variantes *nós* e *a gente*. Nesta pesquisa, a amostra foi constituída por onze entrevistas, cujos informantes foram distribuídos por três faixas etárias (de 18 a 30 anos; de 31 a 50 anos; e de 51 a 65 anos); por sexo (masculino e feminino); e por escolaridade (Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio Completo). Apesar das limitações da pesquisa resultantes de contexto pandêmico vivenciado em 2020 e ainda em 2021, conseguimos finalizá-la. Considerando a análise estatística, incluindo todas as variáveis tanto intralinguísticas quanto extralinguísticas, o programa *GoldVarb X* selecionou como relevantes o fator de ordem linguística *Paralelismo Formal* e os fatores de ordem extralinguística *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária*. Os resultados mostraram que as realizações pronominais da variável /*nós*/ foram mais expressivas segundo os fatores: intralinguístico, no *Paralelismo Formal*, em que a incidência maior foi para a variante *a gente*; e extralinguísticos: por sexo, sendo mais incidente a variante *a gente*, na fala das mulheres; e por escolaridade, ocorrendo de forma mais incidente segundo o parâmetro ensino fundamental 2 e nível médio, a variante *a gente*; porém, segundo o fator Ensino Fundamental 1, as duas variantes foram empregadas na mesma proporção; e por faixa etária, a variante *a gente* foi mais empregada no fator faixa etária 2 e 3, enquanto o fator faixa etária 1 favoreceu o emprego da variante *nós*.

Palavras-Chave: Sociolinguística; Variação *nós* e *a gente*; Benjamin Constant.

ABSTRACT

This research was based on the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Change (LABOV, 1972), and it had as a general objective to analyze, in the position of subject, the use of the variable /us/ in its pronominal realizations as *nós* and *a gente* in the dialect of residents of the city of Benjamin Constant/AM, which is located in Alto Solimões, in triple border region (Brazil, Peru and Colombia). In addition to the general objective, the following specific objectives were outlined: i) to identify the linguistic and extralinguistic factors that interfere in the occurrence of the *nós* and *a gente* variants; ii) explain whether there is a relationship between the level of education, social context, gender, age and the variable under study: P4 /nós/, first person plural, and its variants *nós* and *a gente*. In this research, the sample consisted of eleven interviews, whose informants were distributed over three age groups (from 18 to 30 years old; from 31 to 50 years old; and from 51 to 65 years old); by sex (male and female); and by schooling (Elementary School 1, Elementary School 2 and Complete High School). Despite the limitations of the research resulting from the pandemic context experienced in 2020 and still in 2021, we could to finished it. Considering the statistical analysis, including all intralinguistic and extralinguistic variables, the GoldVarb X program selected as relevant the linguistic factor Formal Parallelism and the extralinguistic factors sex, education and age group. The results showed that the pronominal realizations of the variable /we/ were more expressive according to the factors: intralinguistic, in Formal Parallelism, in which the highest incidence was for the variant *a gente*; and extralinguistic: by sex, it was more incident the variant *a gente*, in the speech of women; and by schooling, occurring more incidentally according to the parameter elementary education 2 and high school, the variant *a gente*; however, according to the Elementary Education factor 1, the two variants were used in the same proportion; and by age group, the variant *a gente* was more used in the age group factor 2 and 3, while the age group factor 1 favored the use of the variant *nós*.

Key words: Sociolinguistics; *nós* and *a gente* Variation; Benjamin Constant.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

Figura 1 Mapa das Mesorregiões do Amazonas	18
Figura 2 Mapa das Microrregiões do Amazonas	18

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADRO)

Quadro 1 Grupo de Fatores	68
---------------------------------	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICO)

Gráfico 1 Percentuais de ocorrência de nós e a gente na função de sujeito.....	72
Gráfico 2 Percentuais das realizações das formas nós e a gente.....	74
Gráfico 3 Percentuais de uso da forma “A GENTE explícita com verbo na 3ª pessoa do singular” –Sexo	75
Gráfico 4 Percentuais das formas nós e a gente na variável Paralelismo Formal.....	79
Gráfico 5 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito segundo o fator sexo..	80
Gráfico 6 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito: Escolaridade	81
Gráfico 7 Percentuais “nós” e “a gente” na função de sujeito no Ensino Fundamental I	83
Gráfico 8 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito: Faixa Etária.....	84
Gráfico 9 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito: Tempo Verbal	87
Gráfico 10 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito: Eu-ampliado	88

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (TABELA)

Tabela 1 Ocorrências dos pronomes nós e a gente na função de sujeito.....	71
Tabela 2 Realização do emprego das formas nós e a gente na função de sujeito ...	73
Tabela 3 Resultados de nós / a gente na posição de sujeito: Paralelismo Formal....	76
Tabela 4 : Resultados de nós / a gente na posição de sujeito: Sexo	80
Tabela 5 Resultados de nós / a gente na posição de sujeito: Escolaridade.....	82
Tabela 6 Resultados de nós / a gente na posição de sujeito: Faixa Etária	85
Tabela 7 Realização de Nós / A gente na posição de sujeito: Aspecto Verbal	86
Tabela 8 Realização de Nós / A gente na função de sujeito: Eu-Ampliado.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DE BENJAMIN CONSTANT	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1 Sociolinguística Variacionista	22
2.1.1 Comunidade de fala	24
2.1.2 Variável, variante, variação e variedade.....	29
2.2 REVISÃO DA LITERATURA	47
2.2.1 Trabalhos no Brasil sobre as formas pronominais <i>nós</i> e <i>a gente</i>	49
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	55
3.1 Ponto de inquérito	55
3.2 Perfil do informante	55
3.3 Entrevista e Questionário Social	56
3.4 A variável	58
3.6 Codificação dos dados	67
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	93
ANEXO I – Ficha do Informante.....	97
ANEXO II – Roteiro para Entrevista	98
ANEXO III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	99
APÊNDICE I - TCLE	101
APÊNDICE II -EXEMPLOS DE TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	124

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “A variação do sujeito *nós* e a *gente* na fala benjamin-constantense”¹ está inserida dentro da subárea da Linguística denominada Sociolinguística, que, por sua vez, estuda a relação entre língua e sociedade.

A vertente escolhida para a realização deste estudo foi a Sociolinguística Variacionista, que investiga os fenômenos que envolvem as variações e mudanças linguísticas, tendo como principal expoente William Labov (2008) - o pesquisador que iniciou a abordagem de que a língua utilizada por um determinado falante sofre as influências externas, mas que esses fatores externos não são determinantes, pois o falante também dispõe de um repertório próprio. Por isso, esse mesmo falante apresenta em sua fala as características e normas da comunidade ou das comunidades da qual faz parte.

Ainda sobre a Sociolinguística Variacionista, Beline (2010, p. 125) afirma que “o sociolinguista variacionista tem como principal interesse compreender de que modo a variação é regulada”; e nesse aspecto, cabe destacar que variações e mudanças linguísticas podem ocorrer nos diferentes níveis gramaticais, ou seja, podem ocorrer no campo lexical, fonológico, fonético, morfológico, sintático, etc.

Este estudo objetivou analisar a alternância do uso das formas *nós* e *a gente*, variantes da variável /*nós*/, no falar dos moradores da cidade de Benjamin Constant/AM, região de tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru), que está localizada na região do Alto Solimões, pertencente ao Estado do Amazonas.

Esta pesquisa contou com a contribuição epistemológica de autores como: Coelho et al. (2015), na busca pela conceituação de variável, variante, variação e variedade e Comunidade de Fala; Mollica e Braga (2004), na necessidade de conceituar Sociolinguística Variacionista; Barreto e Salgado (2009), Martins e Abraçado (2015), cujas pesquisas serviram de base para apresentar os trabalhos sobre *Nós* e *A gente* pesquisados no Brasil.

Destacamos que no decorrer desta pesquisa utilizamos as expressões *forma inovadora* para nos referirmos ao pronome *a gente*; e *forma conservadora* ou *mais antiga* para nos referirmos ao pronome *nós*, tendo por base a pesquisa de Lopes (2004, p.68).

¹ A pesquisa ainda está processo de submissão junto ao comitê de ética.

O *corpus* da pesquisa é constituído por dados linguísticos coletados de onze informantes, todos moradores da cidade de Benjamin Constant/AM. Destacamos, que em virtude do momento pandêmico da COVID-19, não foi possível ampliar o número de informantes que iriam participar da entrevista. Porém, com a amostragem composta por onze informantes, foi possível a estratificação social deles, os quais foram distribuídos segundo as dimensões: sexo (homem *versus* mulher); faixa etária (de 18 a 30 anos; de 31 a 50 anos; e de 51 a 65 anos); escolaridade (Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio Completo). Os dados obtidos totalizaram 275 ocorrências das variantes de *nós*, os quais foram submetidos à análise estatística do programa estatístico *GoldVarb X*.

Na função de sujeito, para uma maior compreensão do uso de *nós* e *a gente* na fala benjamin-constantense, a partir da realização de entrevistas, foi proposto, portanto, analisar o uso das variantes pronominais *nós* e *a gente* na fala dos moradores de Benjamin Constant, Alto Rio Solimões, no Estado do Amazonas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram traçados os seguintes objetivos específicos: i) identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem na ocorrência das variantes *nós* e *a gente*; ii) explicar se existe relação entre o grau de escolaridade, o contexto social, o sexo, a idade e a variável em estudo: P4 /*nós*/, primeira pessoa do plural, e suas variantes *nós* e *a gente*.

Quanto aos fatores linguísticos e sociais controlados nesta pesquisa, foram os seguintes: paralelismo formal, eu-ampliado e tempo verbal, sexo, faixa etária e escolaridade.

Quanto à hipótese da pesquisa, partimos do princípio de que a variante que se apresenta com maior frequência é a variante *a gente* e que a mesma é mais utilizada pelos falantes mais jovens.

Sobre os dados, estes foram coletados com a aplicação de questionário e de entrevistas dirigidas visando atender aos objetivos propostos neste estudo.

Em nossa pesquisa, é importante destacar que as variáveis intra ou extralinguísticas que determinam a escolha de uma das variantes *nós* ou *a gente* não caracterizam a estigmatização social do falante.

Em se tratando da estrutura da dissertação segue a seguinte configuração: o primeiro capítulo apresenta uma visão sucinta dos aspectos socioeconômicos de Benjamin Constant/AM; o segundo capítulo apresenta o referencial teórico que embasou toda a pesquisa suscitada; o terceiro capítulo trata da metodologia

empregada para alcançar os objetivos; o quarto capítulo apresenta a análise dos dados obtidos; e por último seguem as considerações finais, referências e anexos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa.

No capítulo seguinte, são abordados alguns aspectos socioeconômicos sobre a cidade de Benjamin Constant.

1 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DE BENJAMIN CONSTANT

Neste tópico, faremos uma breve apresentação do panorama histórico, localização geográfica, aspectos socioeconômico e populacional do município de Benjamin Constant, estado do Amazonas, localizado na região de tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, visto que, o referido município serviu de ponto de inquérito para a realização desta pesquisa.

1.1 Panorama geográfico e histórico

O Estado do Amazonas está localizado na região Norte do Brasil possuindo uma área de 1.559.168,117 quilômetros quadrados, correspondendo a 18% da superfície do país e população de 3.483.985 habitantes, de acordo com o Censo 2010². Está dividido em 62 municípios, os quais formam 13 microrregiões que estão agrupadas em 04 mesorregiões geográficas.

De acordo com o Art. 25, §3º, da Constituição Brasileira de 1988, as microrregiões são constituídas por agrupamento de municípios limítrofes, visando integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, desde que definidos por lei complementar estadual.

Para esta pesquisa interessou a zona urbana do município de Benjamin Constant, localizado na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. O município faz parte da Microrregião do Alto Solimões, a qual compõe a Mesorregião do Sudoeste Amazonense. E de acordo com Martins (2013), as mesorregiões não constituem uma entidade política e administrativa, uma vez que foram criadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE para fins estatísticos.

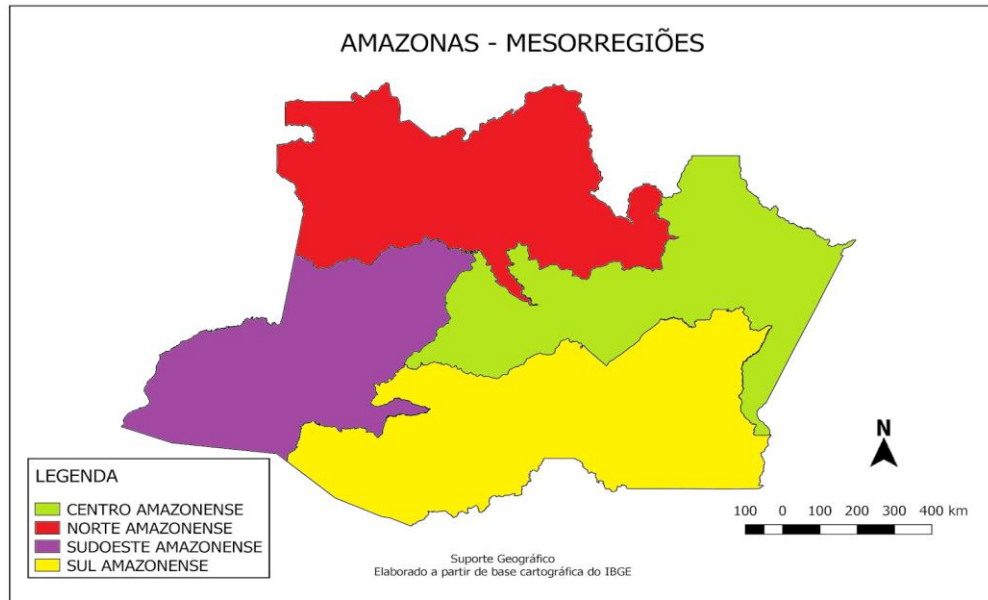
O município de Benjamin Constant, segundo o Censo de 2010³, possui uma área territorial de 8.742,66 quilômetros quadrados e população de 33.411 habitantes e está distante de Manaus, capital do Estado, 1.118 quilômetros em linha reta e 1.638 quilômetros, via fluvial, subindo o rio Solimões e Javari, e faz limites com os Municípios de Tabatinga, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença, Ipixuna, Eirunepé, Jutai, e com a República do Peru.

² Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2020.

³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/benjamin-constant/panorama>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2020.

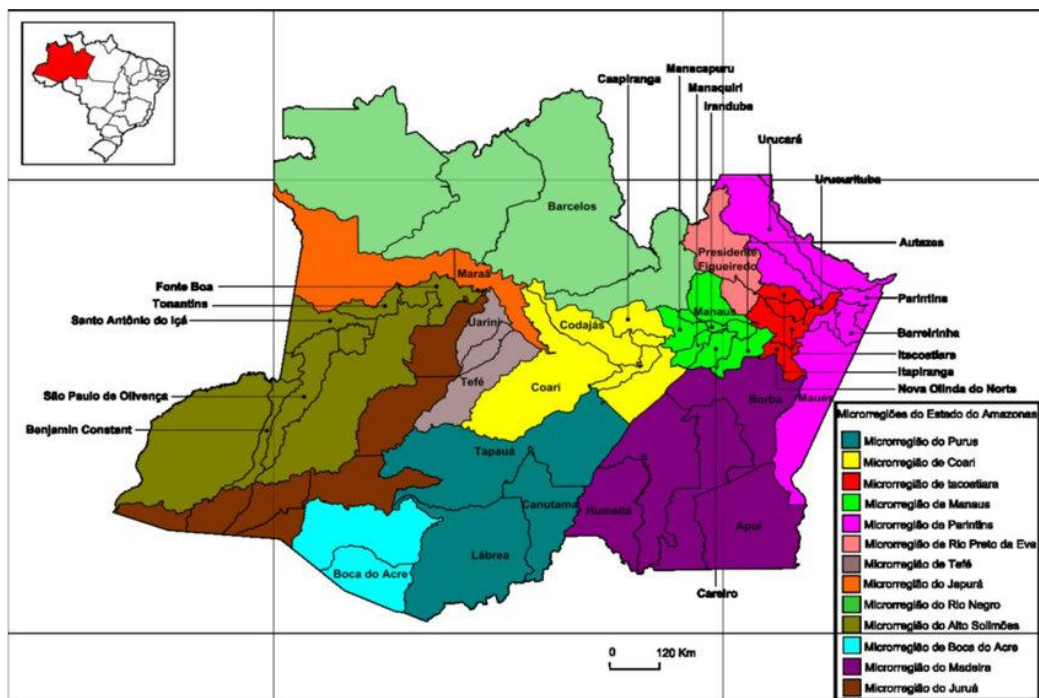
Mostraremos a seguir os mapas ilustrativos com as divisões das mesorregiões e microrregiões do Amazonas:

Figura 1 Mapa das Mesorregiões do Amazonas



Fonte: <<https://suportegeografico77.blogspot.com/2019/07/mapa-mesorregioes-do-amazonas.html>>

Figura 2 Mapa das Microrregiões do Amazonas



Fonte: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-com-as-Microrregioes-dos-Municipios-do-Estado-do-Amazonas-que-aderiram-ao_fig1_341885048>

Acerca do panorama histórico de Benjamin Constant, Lima (2014) nos contou que por volta das primeiras décadas do século XVIII, iniciou-se o povoamento de Esperança⁴, que deu origem ao município de Benjamin Constant, nome sugerido pelo General Cândido Mariano Rondon, ao Capitão Nelson de Melo, Interventor Federal no Amazonas.

Ainda de acordo com Lima (2014), a região em que se localiza o município de Benjamin Constant pertencia ao município de São Paulo de Olivença, mas que devido ao pagamento de altos valores em tributos, os habitantes de Benjamin Constant recorreram ao governo para que alguma providência fosse tomada.

E essa providência foi tomada em 29 de janeiro de 1898, sob a forma da Lei nº 191, com a criação do município de Benjamin Constant, bem como o termo judiciário com sede em Remate de Males⁵, separando assim, de São Paulo de Olivença “toda a margem brasileira do Javari”, conforme destacado por Lima (2014), Santos (2018) e Matos (2016).

Em relação à população inicial de Benjamin Constant, Lima (2014, p. 21) destacou que:

Era formada inicialmente por povos indígenas e, em sua maioria, caboclos ou filhos de nordestinos, em decorrência da exploração da borracha por seringueiros, vindos do nordeste. Não se pode, no entanto, deixar de mencionar a presença portuguesa no início do povoamento da região. [...] Com o passar do tempo, em final do século XIX e início do século XX, em virtude da abundância de seringais, o município passa a ser alvo de forte interesse econômico atraindo para seu território pessoas de diversas origens.

Outra informação importante foi apresentada por Santos (2018), em sua pesquisa destacou que, em épocas de cheias todo o bairro do Javarizinho, o centro comercial e boa parte da frente da cidade ficam alagados, levando os moradores, comerciantes e demais cidadãos a construírem pontes para conseguirem transitar nessa parte da cidade nesse período de cheia dos rios.

⁴ Esperança foi fundado em 1880, pelo comerciante Antônio José dos Remédios, que instalou seu comércio na região que seria a sede do Município de Benjamin Constant. Disponível em: <https://www.benjaminconstant.am.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>

⁵ Remate de Males, 1ª sede do município de Benjamin Constant, foi fundado em 1890, pelo maranhense Alfredo Bastos, que veio do Peru e se instalou na região. O nome foi uma homenagem ao lugar e as pessoas, pois o viajante encontrou naquela região, um remate para todos os seus males e, colocou na frente de seu barracão a placa ‘Remate de Males’, que acabou originando o nome da localidade. Atualmente, essa região localiza-se o município de Atalaia do Norte. Disponível em: <https://www.benjaminconstant.am.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>

1.2 Aspectos Socioeconômicos

Conforme Lima (2014), a população de Benjamin Constant, atualmente, é constituída pelas pessoas nascidas no próprio município, assim como oriundas de diversos locais do Brasil, em virtude, principalmente, da instalação do *Campus*⁶ da Universidade Federal do Amazonas na cidade. Além disso, os peruanos representam grande parte da população também, visto que muitos deles fixaram seus comércios e residências em Benjamin Constant.

Ainda sobre a população benjamin-constantense, Matos (2016, p.92) informou que,

Os nativos (Ticuna, Marubos, Cocamas) foram contados pelo IBGE (2012), em mais de 9.800 pessoas, com destaque para os Ticuna que são maioria. O gênero humano predominante no meio urbano é o feminino. Quanto à cor, os pardos são maioria. Na cidade, quase todos se conhecem, a maioria é parente [...].

Percebemos através dos autores citados uma miscigenação na constituição da população benjamin-constantense em decorrência, da localização geográfica (área de tríplice fronteira), do acesso ao ensino superior (UFAM), das possibilidades de trabalho (Funcionalismo Público).

Sobre a economia local, Lima (2014, p. 21) informou que,

Benjamin Constant apresenta uma economia basicamente movimentada pelos recursos resultantes do serviço público municipal, estadual e federal e de programas sociais, destacam-se nesse contexto: o comércio varejista que, notadamente, possui um número significativo de comerciantes peruanos em solo brasileiro; a atividade agrícola, embora não tão representativa economicamente, apresenta algumas peculiaridades: a maioria dos produtos agrícolas (banana, macaxeira, abacaxi, etc.) produzida no município é cultivada por peruanos, por indígenas nas comunidades, e por moradores costumeiramente chamados ribeirinhos.

Sobre a produção agrícola, Silva (2009, p. 22), destacou que “está baseada principalmente nos cultivos temporários de mandioca, arroz, feijão, milho e melancia, além da fruticultura com banana, cupuaçu, pupunha e cítricos”.

⁶ Criado através da resolução nº 024/2005/CONSUNI de 25 de novembro de 2005, o Campus Universitário do Polo Alto Solimões, sediado no Município de Benjamin Constant. E também no mesmo dia, pela resolução nº 027/2005/CONSUNI foi criada a Unidade Acadêmica Permanente de Benjamin Constant, que posteriormente foi denominada, conforme resolução nº 027/2006/CONSUNI de 26 de outubro de 2006, de Instituto de Natureza e Cultura - INC.

Conforme Silva (2009) o município de Benjamin Constant começou a incentivar a produção da piscicultura, no entanto, devido à interrupção da linha de crédito, bem como dos alevinos e da ração, a piscicultura não prosperou.

Para Lima (2014), a criação da Feira Municipal foi muito importante para estimular a economia local, pois os agricultores da região tiveram um espaço para vender seus produtos, incentivando, desta maneira, a agricultura familiar que contribui para a renda das famílias.

Sobre a economia local, Matos (2016), destacou que sua história pode ser contada em dois períodos: o extrativismo (século 20) e o funcionalismo (século 21). No extrativismo, o comércio de madeira gerava emprego (informal) e movimentava o comércio local. No entanto, após a proibição da extração da madeira (1995), as pessoas perderam suas rendas e o comércio perdeu força. Diante desse cenário e com a instalação de algumas instituições públicas, o funcionalismo foi crescendo no município.

Sobre o funcionalismo Matos (2016, p. 74) destacou que

As empresas públicas como INCRA, IDAM, FUNAI, CORREIOS, INSS, UFAM e CETAM, [estabelecidas na cidade] as pessoas passaram a depender destas organizações, sendo a Prefeitura e a Universidade os maiores empregadores, cujos investimentos movimentam a cidade e o comércio local. Como a Universidade recebe estudantes de quase todos os municípios do Alto Solimões e professores de outras regiões, o comércio de Benjamin Constant teve que ampliar seu escopo para atender a demanda.

A renda das famílias benjamin-constantenses passou a ser determinada, principalmente, pelas Instituições Públicas, tendo a Prefeitura Municipal, como o maior empregador. Em síntese, a economia local gira em torno dos servidores públicos, comerciantes e dos agricultores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo apresentamos os estudos que fundamentaram nossa pesquisa, tendo por base os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008), sobre os quais fizemos uma sucinta explanação destacando suas contribuições para o estudo da língua. Além disso, apresentamos também a definição de comunidade de fala, as noções de variável, variante, variação e variedade linguística, assim como, alguns trabalhos realizados no Brasil sobre *nós* e *a gente*, destacando nessa conceituação os principais autores que embasaram a pesquisa.

2.1 Sociolinguística Variacionista

Neste tópico, abordam-se questões relacionadas à Sociolinguística Variacionista apresentando os autores que contribuíram para origem e o desenvolvimento dessa subárea da Linguística.

A segunda metade do século XX, mais precisamente a década de sessenta marcou o início de uma nova visão acerca do estudo da linguagem, e a Sociolinguística surgiu a partir das inquietações de alguns linguistas que não encontraram na Linguística Moderna Estruturalista, liderada por Ferdinand de Saussure, e na Linguística Moderna Gerativista, principal expoente Noam Chomsky, as respostas para as suas indagações.

Autores como o francês Antoine Meillet e os russos Nicholas Marr e Mikhail Bakhtin, em suas propostas já apresentavam no estudo da língua um viés com concepções sociais, uma vez que percebiam que não poderiam estudar a língua separando a mesma das concepções sociais. As ideias⁷ de Meillet, que fora discípulo de Saussure, são utilizadas por William Labov, o principal expoente da Sociolinguística Variacionista.

⁷ Para Meillet e seus discípulos, a língua por ser um fato social deveria ser estudada levando em consideração o contexto social, visto que é neste contexto que as variações e mudanças de uma língua podem ser explicadas. No entanto, nem Meillet e nem seus discípulos conseguiram desenvolver um campo de conhecimento que estudasse a língua como um fato social. (Marra & Milani, 2012).

Foi em 1964 que a Sociolinguística fixou-se, mais precisamente, surgiu em uma Conferência em Los Angeles (Estados Unidos) organizada por William Bright, que contou com a participação de vinte e cinco pesquisadores, os quais abordaram temas variados acerca da Sociolinguística.

Destacamos, porém, que conforme Bright (1966, apud CALVET, 2002, p. 21) “a Sociolinguística não é fácil de se definir com precisão, pois seus estudos dizem respeito às relações entre linguagem e sociedade”.

Os estudos sociolinguísticos principiaram através das pesquisas no campo da fonética e da fonologia e tiveram como pioneiro nesse campo o linguista americano William Labov que pesquisou sobre a pronúncia da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ e a realização do /r/ pós-vocálico, respectivamente, em Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts. E como resultado da pesquisa, em ambos os estudos, os fatores extralinguísticos destacaram-se.

Desse modo, pode-se dizer que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.

Conforme destaca Tarallo (1985, p. 19),

[...] Até este momento da exposição de nossas ideias vimos nos referindo frequentemente a “língua falada”, mas não a apresentamos ainda em sua forma e essência. Pois bem, aqui está a primeira tentativa de definição: a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados.

Por estudar as situações reais da língua, a Sociolinguística analisa seu objeto tendo por base aspectos internos e externos da língua. Os condicionantes internos voltam-se para questões inerentes à língua, enquanto os condicionantes externos direcionam-se para o aspecto social da língua. De acordo com Beline (2010, p. 125) a sociolinguística procurou “[...] verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua – a fonética, a morfologia e a sintaxe – também no seu léxico”.

Somente a partir da década de 1970 foi que os estudos da Sociolinguística voltaram-se para o campo diferente da fonologia e destacaram-se pesquisas de

níveis de análise fonológico, morfológico e sintático, além de estudos de aspectos semânticos-pragmáticos, ou seja, de discurso.

Por se tratar de uma ciência nova, a Sociolinguística apresentou um vasto campo para pesquisa, e nesse aspecto, muitos foram os estudiosos que estavam enveredando para essa área. Além disso, a Sociolinguística possui em seu campo de conhecimento, estreita relação com as ciências como Antropologia, Sociologia e Geografia por se voltar para o aspecto social.

Em relação aos aspectos externos da língua, a Sociolinguística destacou em seus estudos a variação regional ou diatópica, a social ou diastrática, a estilística ou diafásica, e na fala e na escrita, foi chamada de variação diamésica. É importante destacar, nesse aspecto, que Labov em suas pesquisas estudou a relação dos aspectos extralinguísticos como fatores determinantes de escolha.

Segundo Coelho (2010, p. 74),

A maior contribuição desse estudo foi mostrar a grande influência que os fatores condicionadores extralinguísticos podem ter sobre a língua, ou seja, as motivações sociais que a variação linguística pode apresentar. Ele se tornou um “clássico” e serve, até hoje, como base para outras pesquisas sociolinguísticas.

Percebemos que os estudos da língua levando em consideração o aspecto social da mesma já iniciaram em vários campos e em uma grande quantidade de lugares, praticamente todo o país já foi cenário de pesquisas sociolinguísticas. Nesse aspecto, vale ressaltar os estudos realizados na região de Benjamin Constant/AM, cenário do qual esta pesquisadora pretende investigar e, que será descrito mais adiante.

2.1.1 Comunidade de fala

Ao longo deste estudo discurremos que, sob o olhar da Sociolinguística Variacionista, a língua passou a ser estudada levando-se em consideração, os fatores sociais; logo para esta ciência, o que interessa, não é o falante em si, mas a interação deste na sociedade na qual está inserido.

Para delimitar esse espaço e para melhor compreensão e análise do estudo sociolinguístico, o *locus* que serve de fonte de pesquisa é chamado de comunidade de fala, e conforme exposto anteriormente, interessa ao pesquisador analisar o grupo de indivíduos que compõem uma determinada comunidade de fala. Para Coelho et al. (2015, p. 67), “a Sociolinguística se preocupa essencialmente com a

gramática geral da comunidade de fala, e não com o sistema específico de um ou outro indivíduo”. Nesta abordagem, levam-se em consideração as características linguísticas comuns presentes na comunidade, e para isso, acredita-se que o indivíduo que faça parte de uma comunidade de fala específica, apresentará as características peculiares daquele grupo, conforme destaca Beline (2010, p. 128), “como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam”. A partir dessas constatações fica evidente que a identificação da comunidade de fala foi imprescindível para a realização da pesquisa sociolinguística.

E por comunidade de fala Labov (2008 [1972], apud COELHO et al., 2015, p.68) destacou que,

Uma comunidade de fala não é apenas um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que, além disso, compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua – o que pode ser observado tanto em “comportamentos avaliativos explícitos” como pela “uniformidade de padrões abstratos de variação”.

Isso não quer dizer que todos os falantes de uma comunidade de fala específica falem da mesma maneira, pois se sabe que cada indivíduo dispõe de suas peculiaridades, e por isso mesmo podem pertencer a várias comunidades de fala. No entanto, essas mesmas características individuais encontraram na comunidade linguística, na qual o falante estava inserido, os limites para a sua variação individual. De acordo com Labov (2008 [1972]), as fronteiras que limitaram uma comunidade da outra foram postas mediante dois aspectos, um deles no nível consciente e outro no nível inconsciente.

Sobre estes dois aspectos, Labov (2008 [1972], apud COELHO et al., 2015), destacou que os falantes pertencentes a um mesmo grupo manifestaram de maneira consciente e inconsciente as características do fenômeno variável. De maneira consciente, destacaram-se os estereótipos; já de maneira inconsciente, os marcadores e indicadores, foram determinantes.

Ainda sobre o conceito de comunidade de fala, Bagno (2017) discorreu que, dentro da própria Sociolinguística, o conceito de comunidade de fala não foi empregado pelos diversos estudiosos de maneira semelhante.

Segundo Bloomfield (1933, apud BAGNO, 2017, p. 53) “algumas definições se concentraram na frequência de interação de um grupo de pessoas”; Para Lyons (1970, apud BAGNO, 2017, p. 53), o conceito de comunidade de fala está “no uso

compartilhado de uma língua”; Para Hymes (1972, apud BAGNO, 2017, p. 53) está “nas regras compartilhadas de fala e interpretações de desempenhos de fala”; Labov (1972a, apud BAGNO, 2017, p. 53); encontra-se “em atitudes e valores compartilhados acerca de formas linguísticas e do uso da língua”; Sherzer (1977, apud BAGNO, 2017, p. 53); “em noções e pressupostos socioculturais compartilhados acerca de eventos da fala”.

Para sintetizar Hymes (1974, apud BAGNO, 2017), definiu comunidade de fala como um grupo humano que,

Compartilha o conhecimento das regras para a conduta e a interpretação da fala. Esse compartilhamento compreende o conhecimento de pelo menos uma forma de fala e também o conhecimento de seus padrões de uso. Ambas as condições são necessárias.

O falante-indivíduo para fazer parte de uma comunidade de fala precisa apresentar em sua fala as características linguísticas, culturais, sociais, referentes àquela comunidade, pois é sabido que cada comunidade dispõe de normas⁸ linguísticas específicas, e são essas normas que são analisadas pelo pesquisador, em virtude da recorrência que esse fenômeno linguístico se apresenta na fala do indivíduo.

De acordo com Faraco (2008, p. 41), “uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas”.

Ainda de acordo com o autor uma língua é formada por várias normas e um mesmo falante pode pertencer a várias comunidades linguísticas, simultaneamente, dominando, nesse caso, várias normas.

Essa apropriação de normas ocorre em virtude de o falante querer pertencer a outros grupos, ou outra comunidade, o que leva esse indivíduo a buscar dominar as normas da comunidade pretendida.

Abordamos que os limites de variação na fala de uma pessoa encontravam-se limitados na comunidade linguística na qual o mesmo encontrava-se inserido. Em se

⁸Para Faraco (2008, p. 40) “norma é o termo que usamos em estudos linguísticos, para designar os fatos de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala. Em outras palavras [...] é o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação”. Por exemplo, temos as normas características de comunidades rurais, as normas características dos grupos juvenis, dentre outros.

tratando de delimitação ou dos limites de uma comunidade de fala, Beline (2010) apresentou como limites externos para essas comunidades o aspecto geográfico e o aspecto social. Como exemplo de aspecto geográfico citou a fala carioca, pois a mesma encontrava-se limitada dentro do espaço do Rio de Janeiro. Em se tratando do aspecto social, esta se delimitava levando-se em consideração fatores sociais, tais como escolaridade, nível econômico e, nesse aspecto, as barreiras geográficas não foram determinantes para limitar uma comunidade de fala de outra.

Discorremos que para estudar uma comunidade de fala levaremos em consideração às características linguísticas comuns dos membros que fazem parte dessa comunidade, assim com as características de seus falantes.

Para auxiliar nesse aspecto, Beline (2010, p.130), discorreu que: “chegamos a um ponto, portanto, em que não basta falar em termos do que é diferente e do que é igual, no interior das comunidades linguísticas e entre elas. Precisamos saber o quanto se é diferente e o quanto se é igual”. Ainda segundo o autor, “para estudar a variação linguística, torna-se necessário usar um modelo de análise que opere com quantidades de dados”.

Para isso nos apropriamos do aparato metodológico da Sociolinguística Quantitativa, vez que a mesma se ocupa de analisar, por exemplo, a quantidade de vezes que determinado fenômeno variável aparece na fala do indivíduo.

De acordo com Beline (2010) para estudar uma comunidade de fala não precisamos entrevistar todos os seus membros para comparar se os mesmos apresentaram características comuns daquela comunidade. Faz-se necessário apenas o contato com alguns de seus integrantes para obter o resultado satisfatório da pesquisa, pois os membros compartilharam as mesmas normas linguísticas e apresentaram a mesma postura no uso da língua; além é claro, do aspecto social também ser semelhante.

Nesse estudo foi importante destacar também o que Coelho et al. (2015) citou sobre comunidade de fala, pois, de acordo com a autora, há alguns pesquisadores que apresentaram outros conceitos acerca do *locus* de um fenômeno linguístico, entre eles, Lesley Milroy (1980, apud COELHO et al., 2015) que chamou de **redes sociais** as redes de relacionamento dos indivíduos estabelecidas na vida cotidiana, que variam de um indivíduo para outro e foram constituídas por ligações de diferentes tipos, envolvendo graus de parentesco, amizade, ocupação (ambiente de trabalho).

Para Coelho et al. (2015, p.68),

Uma análise sociolinguística baseada em redes sociais procura captar a dinâmica dos comportamentos interacionais dos falantes e possibilita o estudo de pequenos grupos sociais, como grupos étnicos minoritários, migrantes, populações rurais etc., favorecendo a identificação das dinâmicas sociais que motivam a mudança linguística.

Penelope Eckert (1996, apud COELHO et.al., 2015) atribuiu o conceito de comunidades de práticas, para o *locus* de um fenômeno linguístico, que segundo a pesquisadora, referiu-se às práticas sociais compartilhadas por indivíduos que se reúnem em torno de uma meta comum. Ela citou como exemplos de comunidades de práticas, as reuniões de pais e professores, rotinas familiares, entrevistas médicas.

Conforme Penelope Eckert (1996, apud COELHO et.al., 2015, p. 69) propôs que,

O estudo da variação seja centrado nas comunidades de prática, pois nelas as variantes linguísticas assumiram significação social, havendo relação direta entre língua e identidade. Nesse contexto, os estilos individuais, como marcas de identidades sociais, ocupariam um lugar central no estudo da variação linguística. Tal enfoque se aproxima do de redes sociais (ambos de nível “micro” e mais qualitativo) em oposição ao de comunidades de fala (de nível “macro” e predominantemente quantitativo).

Percebemos através de nosso estudo que o pesquisador sociolinguista pode limitar o *locus* para investigar o fenômeno linguístico em variação dentro de uma comunidade de fala; ou ainda, através das redes sociais e/ou comunidades de prática que se encaixam dentro de uma abordagem mais minuciosa.

A respeito dessa temática Coelho et al. (2015) destacou que,

Essas opções não são mutuamente excludentes: um mesmo fenômeno pode ser analisado, num primeiro momento, sob a ótica da comunidade de fala, que permite um olhar mais amplo e panorâmico sobre o objeto, e num momento posterior, ser analisado em redes sociais e/ou comunidades de prática, permitindo uma visão mais detalhada, mais “micro” do fenômeno. (COELHO, 2015, p. 70).

Percebemos que além da comunidade de fala, dispomos ainda das redes sociais e/ou comunidades de prática; estas últimas se apresentaram como uma continuação daquela, pois as mesmas se complementaram. Evidenciamos ainda, que independente da abordagem, seja ela comunidade de fala, redes sociais e/ou

comunidades de prática, o objetivo principal desses domínios foi o foco na língua em seu contexto social.

Neste tópico, discorreremos acerca do conceito de comunidade de fala através da contribuição de diversos autores que são referência no assunto. No entanto, diante de alguns questionamentos sobre a noção de comunidade de fala, nesta pesquisa adotamos a reelaboração da concepção laboviana de comunidade de fala disposta em Gregory Guy (2011, apud COELHO et al., 2015, p. 68) que “propõe uma definição a partir de três critérios: 1 - Devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; 2 - Devem ter uma frequência alta de comunicação entre si; 3 - Devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

Percebeu-se que a primeira característica organiza as semelhanças e diferenças linguísticas no uso da língua, logo o falante ao apresentar determinada pronúncia, por exemplo, demonstrou pertencer a uma comunidade específica, assim como, apresentar um comportamento linguístico diferente identifica o falante como um estranho à comunidade.

2.1.2 Variável, variante, variação e variedade

Sabemos que as mudanças fazem parte da natureza humana e que a língua, principal meio de comunicação entre os falantes, acompanhou essas mudanças, pois é intrínseca aos diversos falares existentes na sociedade.

Conforme Orlandi (1999, p. 51), é importante destacar que “trata a questão da mudança não na perspectiva evolutivo-cronológica, como as gramáticas do século XIX, mas como diferenças de usos que podem ser observadas hoje. Quer dizer, a linguagem está sempre mudando e podemos observar essa mudança em curso, na atualidade”.

As mudanças ou variações ocorridas dentro da língua são uma das áreas de interesse da Sociolinguística e, logo, representam grande fonte de pesquisa para os estudos sociolinguísticos, pois onde existe algum fenômeno em variação, existe ali um objeto de estudo da Sociolinguística. Foi como destacou Mollica (2004, p. 10), “A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”.

Para entendermos ainda mais sobre o estudo da Sociolinguística, descrevemos abaixo os conceitos de variável, variante, variação e variedade.

2.1.2.1 Variável

E partindo desse pressuposto de que toda **variação** linguística é passível de análise, a Sociolinguística destaca que quando existe um fenômeno **variável**, existem também formas alternativas, chamadas de **variantes**, as quais se encaixam dentro de uma **variedade**.

De acordo com Tarallo (1985, p.08), a **variável** é um “conjunto de variantes”, já Coelho et al. (2015, p. 17), conceitua **variável** como “o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata”, podemos citar como exemplo de variável “a expressão pronominal de P4”, conforme Coelho et al. (2015, p.19).

Dentro dessa perspectiva dizemos que a variável se refere ao elemento, dentro da Língua Portuguesa, passível de variação. Segundo Freitag & Lima (2010, p. 49,), a variável linguística “é o objeto ou o foco da pesquisa e costuma ser relacionada como variável dependente”. Como exemplo de variável linguística citamos a alternância entre o uso de nós e a gente, objeto desta pesquisa.

Coelho et al. (2015), em seus escritos afirmou que,

As variáveis independentes, como o nome sugere, idealmente não apresentam uma relação de dependência entre si. Já a variável dependente, também como o nome sugere, depende de sua relação com as variáveis independentes, afinal, são estas que condicionam a forma de realização daquela. Coelho et al. (2015, p. 20)

Dentro de uma pesquisa Sociolinguística as variantes independentes ou grupo de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua, e atuam pressionando seu uso, aumentando ou diminuindo a frequência de suas ocorrências; já as variáveis dependentes, de acordo com Mollica (2004, p. 11), “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural”.

Em relação às variáveis de natureza interna destacaram-se as de nível fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, textual / discursivo. Em se tratando das variáveis de natureza externa destacaram-se aspectos inerentes ao indivíduo, tais como: etnia, sexo, idade; os aspectos sociais como: escolaridade,

profissão, classe social, dentre outros; assim como os aspectos contextuais: grau de formalidade e tensão discursiva.

Citamos alguns exemplos de fenômenos variáveis já estudados pela Sociolinguística tais como: a alternância entre os pronomes pessoais tu e você para a expressão pronominal de segunda pessoa do singular; a monotongação dos ditongos decrescentes, por exemplo: “peixe” e “pexe” para o ditongo [ey] e a vogal [e]; a pronúncia ou não do /r/ em final de sílaba, exemplo: “andar” e “andá” na fala paulistana e carioca; além da alternância entre os pronomes “nós” e “a gente” para a expressão pronominal de primeira pessoa do plural, dentre outros.

Dentre os estudos citados percebemos que já há um grande número de investigações sociolinguísticas em todas as regiões do país, porém a região Norte, principalmente as áreas mais longínquas, ainda precisam de mais investigações.

Abaixo abordamos os conceitos de variantes, assim como os condicionadores que determinam a sua escolha.

2.1.2.2 Variantes

As formas alternativas que se destacaram nos fenômenos variáveis foram chamadas de variantes, que em geral concorrem com uma variante padrão, pela preferência do falante. Segundo Tarallo (1985, p. 12), “a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade”. “As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade”.

Nesse aspecto, a escolha do falante por uma ou outra variante vai depender do seu grau de instrução, de interação com o interlocutor, da comunidade na qual está inserido, do meio familiar, dentre outros.

De acordo com Tarallo (1985),

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadora vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (TARALLO, 1985, p. 11-12).

É importante destacar que nem sempre a variante inovadora será considerada a de menor prestígio ou estigmatizada, pois conforme Tarallo (1985),

um estudo realizado por Labov, no ano de 1963, na Ilha de Martha's Vineyard no Estado de Massachusetts sobre a realização dos ditongos /au/ como em *house* e /ay/ como em *right*, investigou as pronúncias inovadoras trazidas pelos veranistas que frequentavam a ilha e a pronúncia conservadora dos moradores locais. Destaque-se que a pronúncia inovadora apresentava semelhança com a pronúncia do inglês-padrão, o que a tornava uma variante de prestígio. No entanto, ao final da pesquisa, identificou-se que a forma conservadora, ou seja, a que era pronunciada pelos moradores da ilha era a variante predominante na fala dos moradores da Ilha de Martha's Vineyard.

A partir desse exemplo, percebemos o quanto foi e é importante a realização de uma pesquisa sociolinguística. Ao identificarmos um fenômeno variável, o pesquisador sociolinguista tem a obrigação de realizar um estudo para comprovar, de fato, qual a variante conservadora e qual a variante inovadora.

De acordo com Tarallo (1985, p. 08), as “Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Para Coelho et al. (2015, p. 17), são chamadas de “variantes as formas individuais que disputam pela expressão da variável”. Coelho et al. (2015) destacou ainda que dois requisitos deviam ser cumpridos para que duas ou mais formas possam ser chamadas de variantes: 1. Elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto. 2. Elas devem manter o mesmo significado referencial / representacional.

A Sociolinguística não evidencia o certo ou o errado, para essa área de estudo, o ideal é que o falante conheça as variadas possibilidades que possui para empregar a língua nos diversos contextos em que está inserido.

De acordo com Coelho et al. (2015), uma das contribuições da Sociolinguística foi justamente a de desmascarar o falso argumento de que uma construção é, em si, “errada”: incontáveis pesquisas já constatarem que não há nada nas formas variáveis de uma língua que possa afirmar que umas sejam melhores ou mais corretas do que as outras, ou que o uso de uma ou outra forma tivesse qualquer relação com a capacidade cognitiva do falante.

Sabemos que a preferência do falante não se aplica de maneira aleatória e, nem tampouco, tendo por base apenas um fator, seja ele social, econômico, cultural ou outro, dá-se, no entanto, pela junção de vários fatores, tanto internos quanto externos à língua, os quais são chamados de condicionadores. Segundo Coelho et

al. (p. 61, 2015), “a escolha entre uma ou outra das variantes é motivada por fatores internos ou externos à língua – os *condicionadores*”.

Vamos abordar mais sobre os condicionadores linguísticos e extralinguísticos nos tópicos seguintes.

2.1.2.2.1 Condicionadores Internos

Sabendo que a língua é heterogênea e que as nossas escolhas no emprego de uma ou outra expressão estão diretamente ligadas aos fatores intrínsecos e extrínsecos à língua que falamos, ou seja, aos condicionadores linguísticos e extralinguísticos, os quais também são chamados de variáveis independentes, não tornam a língua incompreensível, visto que esta heterogeneidade dispõe de regras, que a torna compreensível.

Alguns estudos na área da Sociolinguística apontaram que as escolhas dos condicionadores tanto internos quanto externos levaram em consideração a região em que morava, o grau de instrução do falante, o grau de formalidade entre os interlocutores, a faixa etária. E que, estes condicionadores, assim como as variações linguísticas, ocorrem nos níveis fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, textual / discursivos.

Como destacou Coelho et al. (2015, p. 32), em relação ao uso dos condicionadores, “é esperado que forças de um nível linguístico operem sobre fenômenos do mesmo nível”, ou seja, caso o fenômeno variável tenha ocorrido no campo fonético, os condicionadores devem ocorrer no mesmo nível, no entanto, percebemos que esses condicionadores não estão estanques dentro de um mesmo nível linguístico, e que os mesmos transitam entre os vários campos da língua, dependendo da manifestação do fenômeno variável.

De acordo com Coelho et al. (2015), apresentamos alguns estudos sociolinguísticos realizados nos diversos níveis da gramática, os quais tiveram como foco os condicionadores internos.

No campo fonético-fonológico destacou-se o condicionador interno *contexto seguinte* na escolha entre as variantes no fenômeno de monotongação.

A mesma autora destacou como importante condicionador interno, a *saliência fônica*, para a escolha da variante, no fenômeno variável de natureza morfossintática, “concordância verbal de terceira pessoa do plural”.

No campo morfológico, para a realização do /r/ em coda silábica, (variantes presença e ausência do -r), Coelho et al. (2015) destacou que a *classe morfológica* da palavra é um condicionador interno relevante para explicar o fenômeno variável citado.

No campo sintático, apresentou a *ordem dos constituintes* ou posição na sentença, como condicionador interno relevante para o fenômeno variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural.

Já no nível semântico, a autora através dos estudos de Duarte (1989, apud COELHO et al., 2015, p. 35), apresentou como condicionador interno a *animacidade* para analisar a variável “realização do objeto direto anafórico”.

No nível textual / discursivo da língua, Görski (2000, apud COELHO et al., 2015, p. 36), destacou como condicionador o *tipo de escopo*, para analisar a ordenação de orações adverbiais temporais introduzidas por “quando”.

Elencamos sob a ótica de Coelho et al. (2015), alguns estudos de condicionadores internos da língua presentes em estudos já realizados com viés sociolinguístico.

2.1.2.2.2 Condicionadores Externos

Além dos condicionadores internos à língua como um dos determinantes na escolha de uma variante linguística destacamos também os condicionadores externos. Conforme Tarallo (1985, p. 46),

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução do seu “caso”. A formalidade vs. a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores.

É importante frisar que esses fatores não agem isoladamente, pelo contrário, precisam ser analisados conjuntamente para melhor precisão no resultado da pesquisa. De acordo com Coelho et al. (2015, p. 38,), “para a Sociolinguística, os fatores extralinguísticos são tão importantes quanto os linguísticos”. Ainda segundo a mesma autora os condicionadores extralinguísticos estão estreitamente relacionados aos tipos de variação.

Os tipos de variação serão analisados mais adiante, por ora nos manteremos abordando apenas sobre os condicionadores extralinguísticos, os quais levam em consideração o aspecto social do falante.

Nesse aspecto social e tendo por base alguns resultados de estudos sociolinguísticos destacamos os condicionadores extralinguísticos que podem influenciar no tipo de variação que ocorre no fenômeno variável. Dentre os condicionadores que mais foram abordados nos estudos sociolinguísticos destacamos: o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero e a faixa etária. Ressaltamos que dependendo da pesquisa a ser realizada outros fatores extralinguísticos podem ser incluídos e analisados.

Para Coelho et al. (2015) o grau de escolaridade significa que:

Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “nós vai” ou “a gente vamos” que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “nós vamos” e “a gente vai”. (COELHO et al., 2015, p. 41).

De acordo com a autora e com estudos sociolinguísticos realizados quanto mais anos de escolaridade possui o falante mais ele se aproxima da variante considerada padrão. Esse aspecto pode ser analisado tendo por base variações linguísticas no fenômeno variável de concordância nominal de número. Ainda segundo a autora, no Brasil são poucos os trabalhos que analisam esse condicionador em seus estudos.

Coelho et al. (2015) destacou que o condicionador nível socioeconômico em pesquisas sociolinguísticas:

[...] apontam que o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão. Mas essa constatação, em geral, é também correlacionada com a ocupação dos falantes e com uma diferenciação estilística. O efeito de indicadores sociais sobre o perfil sociolinguístico dos falantes não é nada simples. (COELHO et al., 2015, p. 41)

O aspecto socioeconômico foi levado em consideração na realização de uma análise sociolinguística, pois o indivíduo apresenta em sua fala marcas das características que o compõem. Como exemplo da utilização desse condicionador destacamos o estudo de Labov (1964) realizado em lojas de Nova York, o qual

analisou o fenômeno variável presença/ausência de /r/ em posição pós-vocálica. Com essa pesquisa, Labov (1964), pretendia verificar a correlação entre o fenômeno linguístico e o nível socioeconômico dos falantes, tendo em vista que as lojas pesquisadas localizavam-se em espaços que atendiam a classe média alta, a classe média baixa e classe baixa, respectivamente. De acordo com o resultado da pesquisa e, tendo por base o nível da loja, quanto mais alto o padrão da loja, mais se percebia a presença do /r/ em suas falas; e quanto mais baixo o padrão da loja, menos se percebia o uso do /r/ nas falas. Segundo o autor existe relação entre o nível socioeconômico do falante e o fenômeno linguístico.

No Brasil, o estudo de Amaral (2003, apud COELHO et al., 2015, p.43) serviu como exemplo da utilização do condicionador nível socioeconômico, no qual o pesquisador investigou a concordância verbal com o pronome de segunda pessoa do singular. Em seu estudo Amaral (2003, apud COELHO et al., 2015, p. 43) acrescentou mais três condicionadores ao condicionador nível socioeconômico, a saber: ocupação/profissão, renda/patrimônio e escolaridade e concluiu que aqueles que realizavam a concordância mais vezes encaixavam-se no nível socioeconômico mais alto.

Em relação ao condicionador sexo, Coelho et al. (2015) abordou que,

A variação social relacionado ao sexo/gênero dos informantes, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras que os homens: em geral, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente. É como se as mulheres fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola. (COELHO et al., 2015, p. 44)

Alguns estudos sociolinguísticos discorreram que a mulher apresentou-se mais conservadora em relação aos homens. Em seus estudos Scherre (1996, apud COELHO et al., 2015, p. 44) ao analisar a concordância nominal, constatou que as mulheres realizaram mais concordância padrão do que os homens. Com esse resultado a autora comprovou que as mulheres se mantêm mais conservadoras em relação à escolha da variante padrão do que os homens.

É importante destacar que esse resultado analisou apenas o condicionador sexo na escolha da variante ou das variantes em um fenômeno variável. Não se cogita aqui discutir o papel da mulher ou do homem na sociedade, visto que esse não foi o foco da pesquisa.

Quanto ao condicionador, faixa etária, Coelho et al. (2015) discorreu que,

A relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões entre os sociolinguistas no Brasil e no mundo, pois, em geral, no controle desse condicionador entre em jogo a questão da mudança linguística. (COELHO et al., 2015, p. 44)

Ao abordar a questão da variação e dos condicionadores destacou-se a faixa etária que, conforme algumas pesquisas é estudada quando o fenômeno variável está em processo de mudança, visto que se acredita que os falantes mais idosos tendem a permanecer utilizando a variável mais conservadora.

Para exemplificar a utilização desse condicionador, a autora destacou os estudos de Emílio Pagotto (2001, apud COELHO et al., 2015, p. 45) que investigou como se dava a pronúncia de consoantes oclusivas alveolares diante de /i/ na fala de florianopolitanos. A pesquisa utilizou *três variantes*⁹, sendo duas inovadoras e uma conservadora ou mais antiga e que também representava a fala da cidade. O estudo em questão investigou *três faixas etárias*¹⁰ e o resultado obtido apontou que as pessoas mais idosas optaram pela variante mais conservadora, enquanto que os entrevistados mais jovens optaram pelas formas inovadoras.

A partir dos resultados de variados estudos sociolinguísticos percebeu-se que quando o fator idade consta em uma pesquisa, o mesmo de antemão já apresenta que há naquele fenômeno em variação a possibilidade de mudança, pois conforme, Tarallo (1985, p. 47,), “no caso de você prever um caso de variação que já projete uma mudança dentro do sistema, o fator faixa etária é de extrema importância”.

Destacamos alguns condicionadores externos que mais estão presentes nas pesquisas sociolinguísticas, no entanto, é importante frisar que dependendo da pesquisa outros fatores são necessários para apresentar um resultado mais satisfatório.

⁹ Três variantes: a não africada (como em [tʃia] - considerada conservadora -, a africada não palatal (como em [tsʃia] e a africada palatal (como em [tʃʃia] – consideradas inovadoras. (COELHO, p. 45, 2015).

¹⁰ Faixas etárias: 1 (15 a 23 anos); 2 (25 a 50 anos); 3 (Mais de 50 anos). (COELHO, p. 45, 2015).

2.1.2.3 Variação

A língua não é estática e como tal encontra-se constantemente sofrendo alterações que são identificadas através dos fenômenos variáveis estudados pela Sociolinguística. É importante frisar que a heterogeneidade da língua não se tornou incompreensível, e nesse aspecto, os estudos sociolinguísticos foram e são um importante aliado na análise e compreensão desses fenômenos linguísticos.

Nessa dinâmica, e tendo por base as inquietações, é que vamos descobrindo as mudanças, vamos percebendo a velocidade com que as coisas se transformam, talvez em virtude das facilidades de estudo e de pesquisa e pela necessidade do conhecimento, segundo Becker e Marques (2010, p.125),

Os conhecimentos são produzidos pelos indivíduos e estão acumulados naquilo que se pode chamar a mente dos indivíduos, mas são constituídos nas trocas com os outros, se comunicam aos outros e se aperfeiçoam na relação com os demais, no processo de compartilhá-los e confrontá-los com o que pensam ou sabem fazer os outros. Os indivíduos podem produzir conhecimentos que antes não existiam, dando lugar ao progresso cultural, mas recebemos dos outros a maioria dos conhecimentos ou os adquirimos por meio de nossa atividade nas trocas sociais.

A busca de conhecimento é o pilar para qualquer investigação. E nesse viés, de compreender como um fenômeno em variação pode ser analisado, a Sociolinguística Variacionista se destaca nessa área de estudo, possibilitando aos pesquisadores a oportunidade de conhecer as comunidades falantes na qual estão inseridos.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 49), “O estudo da variação linguística é complexo. Sua complexidade equivale à da própria ação humana, por sua vez, determinada por fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais”.

Para estudar essas variações linguísticas que ocorrem com a língua dentro de uma sociedade as pesquisas sociolinguísticas procuram investigar os fenômenos em variação, levando em consideração que a mesma sofre constantes influências externas e que esses fatores são determinantes para que as mudanças linguísticas ocorram, conforme destacou Orlandi (1999, p. 51), “a Sociolinguística toma a sociedade como causa, vendo, portanto na linguagem os reflexos das estruturas sociais”.

Destacamos que essa variação ocorre dentro de uma comunidade de fala, por um determinado grupo, e também de modo individual, através do falante. Conforme Coelho et al. (2015), a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes.

Enfatizamos que a Sociolinguística procura estudar o fenômeno variável, levando em consideração todas as características que o mesmo apresenta. Para ela, o importante é o fenômeno e não o falante, desta maneira faz-se importantíssimo que o pesquisador se livre de toda carga preconceituosa que possa influenciar no resultado da pesquisa.

Ao estudar a variação que um termo ou uma expressão está sofrendo na língua nos direcionamos para identificar se o fenômeno linguístico encontra-se em processo de variação estável ou mudança em curso.

Para Mollica (2004, p. 11),

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos.

Destacamos sobre variação e mudança vez que essa temática é assunto da Sociolinguística Variacionista, a qual direciona esta pesquisa, além disso, está diretamente ligada ao tema de estudo desta pesquisadora, tendo em vista que se procura investigar se o fenômeno variável, a forma pronominal *nós* encontra-se em variação estável ou mudança em curso.

Tarallo (1985, p. 63) acerca de variação e mudança destacou que “nem tudo o que varia sofre mudança: toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!”

Somente através de estudos sociolinguísticos bem detalhados é que podemos analisar um fenômeno variável e identificamos a sua real situação linguística. Estudar a nossa diversidade linguística proporciona aos pesquisadores e estudantes de modo geral a conhecer melhor os fenômenos da linguagem presentes em nossa língua.

Acerca dessa diversidade, dessa variação linguística, Coelho et al. (2015) destacou que,

[...] a variação linguística não é caótica; pelo contrário, é ordenada e pode ser descrita criteriosamente a partir de condicionadores. Focalizamos aqui os condicionadores linguísticos, que atuam como forças dentro da língua. Vimos que cada fenômeno variável funciona em conformidade com certos condicionadores, que podem ser diferentes em cada caso. Vimos também que, assim como os fenômenos linguísticos podem estar em variação em diferentes níveis gramaticais, também os condicionadores atuam em diferentes níveis da língua. Cabe ao pesquisador sociolinguista descobrir as “regras do jogo”. (COELHO, 2015, p. 37).

Como citado anteriormente e segundo a mesma autora os condicionadores possuem a funcionalidade de descrever como a variação linguística ocorre, pois é através da análise dos condicionadores, que entendemos como o fenômeno variável se apresenta.

Nessa vertente de procurar identificar o que motiva uma determinada escolha linguística em detrimento a outra, Coelho et al. (2015, p. 20) destacou,

Os condicionadores, em caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) rival(s).

Cabe salientar que os condicionantes linguísticos voltam-se estritamente para o estudo das variações que ocorrem dentro da língua; já os condicionantes extralinguísticos baseiam-se em aspectos que levam em consideração questões de cunho cultural, biológico, social, dentre outros que estão fora dos fatores linguísticos, como afirmou Orlandi (1999, p. 52), “A Sociolinguística vai relacionando as variantes linguísticas com as variantes sociológicas (profissão, educação, salário) referindo ainda as diferenças de idade, sexo, raça. Explica então a variação linguística através de fatores sociais”.

Ainda sobre esse assunto Coelho et al. (2015, p. 20),

Os condicionantes ajudam ao analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos da língua ou externos a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos. Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos. Entre os condicionadores extralinguísticos de natureza social, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante.

Nessa perspectiva de levar em consideração o contexto social da língua e não apenas o que foi descrito nas gramáticas normativas, destacou-se William Labov, pesquisador que iniciou a abordagem de que, a língua utilizada por um determinado falante sofre as influências externas, mas também apresenta os conhecimentos individuais desse mesmo falante, pois para o autor, esse indivíduo também contribui com as características presentes em uma determinada comunidade.

É importante destacar que essas variações presentes na fala carregam muitas características dos falantes que as utilizam, sejam elas dentro ou fora da língua. Abordaremos abaixo, as variações internas e externas.

2.1.2.3.1 Variações Internas

As variações linguísticas ocorrem em diversos níveis da língua. De acordo com Coelho et al. (2015), a variação não está limitada apenas a um dos níveis de análise. Quando tratamos da dimensão interna da variação linguística, por exemplo, encontramos variação em nível lexical, fonológico, morfológico, sintático e discursivo. Ocorrem, ainda, fenômenos variáveis situados no que podemos chamar de *interfaces* de níveis, envolvendo níveis como morfossintático e morfofonológico.

A variação lexical, como o próprio nome sugere ocorreu no campo lexical da língua, ou seja, com os vocábulos. Quando se leva em consideração o lugar, onde ocorre a variação lexical, ela é chamada de variação diatópica; e se a variação linguística ocorre no momento da situação comunicativa, é denominada de variação diafásica.

Na variação diatópica citamos o exemplo típico dos vocábulos *jerimum* e *abóbora*, que dependendo da região, os falantes utilizam uma ou outra palavra, ou seja, o mesmo fruto recebe nomes diferentes dependendo da região. No exemplo em questão se a palavra for pronunciada no Norte e Nordeste do país recebe o nome de jerimum; no Centro-Oeste e Sudeste é conhecida como abóbora; e no sul do país, recebe o nome de abóbora e moranga. (NELO; QUEIROZ; GONÇALVES, 2019, p. 05).

A variação diafásica ocorre quando a utilização das palavras leva em consideração a situação, seja ela mais formal ou mais informal.

Acerca da variação lexical, Beline (2010) destacou que,

Esse tipo de variação, a lexical, é entretanto apenas um dos modos como uma língua pode variar. Em outras palavras, fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos casos que mostram que, de fato, as línguas variam. Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica -, seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando – variação diafásica. (BELINE, 2010, p. 122).

Identificamos que a variação lexical abordou a variação no vocábulo, de acordo com o lugar, a situação, e em alguns casos, a pronúncia das palavras também foi levada em consideração.

Além da variação lexical abordamos a variação fonológica que estudou os fenômenos ocorridos na língua no âmbito fonológico, no ato da fala. Como exemplo de variação fonológica destacamos os estudos sociolinguísticos nos fenômenos de despalatalização, nos casos de ‘paia’ por ‘palha’, de acordo com Coelho et al. (2015, p. 25), “esse fenômeno – chamado de despalatalização – consistiu na perda de palatalização (<lh> passa para <l>: *palha* > *palia*), seguida de *iotacismo* (evolução de um som para a vogal /i/ ou a para a semivogal correspondente: *palia* > *paia*)”. Percebemos que esse fenômeno variável ocorreu em vários termos da língua, o que comprovou a nossa diversidade linguística. Além do exemplo de despalatalização, temos estudos sociolinguísticos voltados para a síncope, a monotongação, o alçamento das vogais médias pré-tônicas, a epêntese vocálica, o rotacismo.

O outro nível linguístico que sofreu variação foi o campo morfológico. Para iniciar a abordagem conceitual citaremos Coelho et al. (2015) a qual esclareceu que, para entendermos bem esse tipo de variação foi necessário saber a diferença entre morfema e fonema. Para a autora o morfema consiste na unidade mínima de significado. E é essa definição que interessa nesse tipo de variação, pois o que determina se há uma variação morfológica ou fonética, é o local onde ocorre a variação, ou seja, se ocorrer no morfema, então a variação será do tipo morfológica, mas caso ocorra com um fonema, então essa variação será do tipo fonológica.

Como exemplo de variação morfológica, citamos Beline (2010), o qual destacou que,

Podemos dizer “andar”, pronunciando o –r, ou então o que seria grafado como “andá”, colocando o acento agudo sobre o “a” da última sílaba. Desse modo, as variantes seriam respectivamente “presença do –r final” e “ausência do –r final”. Em outros termos, temos dois morfemas – as variantes – para expressar a noção gramatical de “infinitivo”: o morfema {-r} e o morfema ∅ (vazio, decorrente do apagamento do –r). (BELINE, 2010, p. 123)

Vários estudos já foram realizados tendo por base a variação morfológica da língua, e nesse aspecto, destacamos que essa pesquisa encaixa-se nesse tipo de variação morfológica, tendo em vista tratar-se de vocábulos pertencentes à mesma classe gramatical.

Em síntese podemos dizer que, quando a variação ocorre no fonema, temos variação fonológica; quando a variação se dá no morfema, então temos variação do tipo morfológica. No entanto, nem sempre os fenômenos variáveis ocorrem dentro de um mesmo nível de análise, há casos em que essas variáveis ocorrem em mais de um nível. Quando isso acontece temos as interfaces, que segundo Coelho et al. (2015, p. 28), “é um caso, portanto, de interface, que ocorre quando um caso de variação abarca dois ou mais níveis gramaticais”.

Quando isso ocorre temos os tipos de variação morfofonológica e a variação morfossintática. A variação morfofonológica ocorre quando o fenômeno variável acontece com um fonema e com um morfema, em uma mesma palavra. Para a variação morfossintática podemos citar o exemplo citado por Coelho et al. (2015), em referência P2 em “tu anda” e a referência P6 em “eles anda”, nesse caso a variação ocorre no âmbito do pronome com o verbo em uma frase. Ainda segundo a mesma autora, os fenômenos em variação morfológica são, em sua maioria, casos de variação morfofonológica ou morfossintática.

Alem dos tipos de variação já citados e também dos casos de interface temos também outro tipo de variação, a variação sintática que ocorre quando o fenômeno variável engloba não apenas uma palavra, mas uma frase. Para esse tipo de variação sintática, Coelho et al. (2015) destacou os exemplos: “Eu vi-o no cinema” / “Eu o vi no cinema”, onde o primeiro exemplo apresenta ênclise; e o segundo exemplo mostra próclise. Conforme estudos sociolinguísticos destacados pela autora, o segundo exemplo foi o mais utilizado pelos falantes.

Verificamos as variações no nível da palavra e da frase. E, de acordo com Coelho et al. (2015), quando os aspectos semântico-pragmáticos (que envolvem a significação e o contexto situacional), são expandidos para além da frase, de modo a abarcar porções textuais ou discursivas maiores, temos as variações discursivas.

Vários estudos sociolinguísticos já foram realizados acerca dos fenômenos variáveis no tipo de variação discursiva. É importante destacar que para a realização desse tipo de estudo, interessou o texto ou discurso completo, pois caso a análise fosse feita de maneira pontual, o resultado poderia ser comprometido, tendo em

vista que o mesmo poderia ser feito levando em consideração outro tipo de variação. Para essa variação no nível do discurso, citamos a pesquisa Snichelotto (2009, apud COELHO et al., 2015, p. 31) que analisou o funcionamento dos *marcadores discursivos*⁹ ‘olha’ e ‘vê’ (e suas variações), oriundos de verbos de percepção visual, em amostras de escrita e fala catarinense. Apresentamos, para fins de exemplificação, uma *ocorrência*¹⁰ da pesquisa autora. E o resultado da pesquisa encontrado pela autora foi o seguinte:

Concluimos, portanto, que os MDs olha e vê, resultantes de mudança semântico-pragmática e de mudança categorial verbo > MD, podem ser incluídos no rol de itens que passam por processo de gramaticalização no PB, à semelhança do que ocorre em outras línguas românicas. (ROST SNICHELOTTO e GORSKI, 2011, p.449).

Elencamos neste tópico alguns exemplos de variações ocorridos no âmbito interno da língua. Abordamos a seguir os tipos de variações ocorridos no âmbito externo da língua.

2.1.2.3.2 Variações Externas

Através dos estudos sociolinguísticos percebemos que as línguas variam, e que essas variações podem ser compreendidas e analisadas. Neste tópico explanaremos de forma sucinta as variações regional ou geográfica, variação social, variação estilística e variação na fala e na escrita.

Identificamos, por exemplo, através da fala, a região de origem do nosso interlocutor; podemos perceber ainda características sociais; diferentes estilos de falar ou a adequação conforme o contexto em que o falante encontra-se inserido. Além desses tipos de variações presentes no ato da fala há também a variação entre a fala e a escrita, sendo esta mais monitorada, e aquela mais espontânea.

A variação regional ou geográfica ou diatópica foi definida como aquela que nos possibilitava identificar através da fala do indivíduo, a sua origem, ou seja, através de sua pronúncia, conseguimos perceber com precisão se o falante era baiano, paulista, gaúcho, por exemplo.

⁹ São elementos que servem não apenas à organização da fala e à manutenção da interação entre falante e ouvinte, mas também que atuam no encadeamento coesivo das partes de um texto. (COELHO et al., 2015, p.31)

¹⁰ Então, daí são confeccionados colchões, [são <confecci>] são confeccionados cobertores né? pra enfrentar o frio dessa terra aqui. Porque olha, é frio mesmo no inverso. Pode ver a lareira, ainda não foi Ainda tem o vestígio do inverno porque não foi lavada ainda. (COELHO et al., 2015, p.31).

Vale ressaltar, no entanto, que apresentamos apenas uma percepção da origem de uma pessoa através de sua fala e que somente os estudos sociolinguísticos são capazes de confirmar através de suas análises a verdadeira origem do falante, conforme Coelho et al. (2015) apenas,

O aparato teórico-metodológico da Sociolinguística nos equipa para que possamos sair de um nível impressionístico (e, às vezes, caricato) da variação geográfica e descobirmos quais são exatamente as marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região em relação à de outra. (COELHO et al., 2015, p. 38).

Os fenômenos variáveis foram confirmados a partir de estudos detalhados, os quais através de seus condicionadores nos possibilitaram confirmar ou refutar as hipóteses pensadas no início da pesquisa, por isso essas pesquisas foram tão importantes para conhecermos a realidade na qual estamos inseridos.

Outro tipo de variação externa que se destacou foi a variação social ou diastrática. Nesse tipo de variação os fenômenos variáveis foram identificados através dos fatores sociais: grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo, faixa etária.

Esse tipo de variação, assim como a variação regional, também pode ser identificado através da fala do indivíduo, ou seja, a partir da interação face a face com o interlocutor. No contato verbal com o falante percebemos seu grau de instrução, ou seja, através de seu repertório fazemos uma previsão se esse falante estudou muito ou pouco; se faz parte de um grupo com mais poder aquisitivo ou com poucos recursos financeiros; dentre outras características. Ressaltamos que essas características são apenas previsões a partir do contato com o falante.

Conforme Coelho et al. (2015, p. 45), “a região onde uma pessoa nasceu e/ou mora pode influenciar o modo como ela fala, assim como diferentes fatores de ordem social”. Além desses fatores, o falante ainda dispunha de um repertório linguístico que o possibilitava se adequar, conforme o lugar, o ambiente, ou seja, em casa, com os amigos, com os colegas de trabalho, com o chefe, enfim para cada situação, uma opção de linguagem. Para Coelho et al. (2015, p. 46.), “esse tipo de variação linguística, resultante dos diferentes papéis sociais que desempenhamos nas diferentes situações comunicativas, recebe o nome de variação estilística ou diafásica”.

A mesma autora destacou que enquanto falantes desempenhamos papéis sociais, e que esses papéis se correlacionam aos tipos de relações, ou seja, dependendo do assunto, do interlocutor, do grau de proximidade, o falante tende a adequar a sua fala, tornando-a mais monitorada / formal ou mais descontraída / informal.

Nos estudos sociolinguísticos encontramos também outro tipo de variação além das já citadas anteriormente, nesse caso, destacou-se a variação entre a fala e na escrita ou variação diamésica. Coelho et al. (2015) afirmam que,

Para estudar a variação diamésica é necessário entender que existem diferenças entre o meio falado e o meio escrito. Podemos dizer que, salvo em situações excepcionais, a produção de um texto falado é uma atividade *espontânea, improvisada e suscetível à variação* nos diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade *artificial* (não espontânea), *ensaiada* (no sentido de que reservamos tempo e espaço para planejamento, revisões e reformulações), e um pouco *menos variável*, pois em geral está mais vinculada à produção de gêneros sobre os quais há maior pressão de regras normativas e maior monitoramento. (COELHO et al., 2015, p. 49).

É importante destacar que para analisar esses estudos, o pesquisador precisou se apropriar de métodos distintos, tendo em vista que se tratou de duas modalidades, nesse caso, a fala e a escrita. E conforme a autora, a fala foi mais espontânea; enquanto que a escrita foi mais monitorada.

Neste tópico abordamos os tipos de variação que a língua sofreu, tanto na fala quanto na escrita sob o olhar da Sociolinguística.

2.1.2.4 Variedade

Estudando a língua constatamos o quão diversa e heterogênea a mesma se apresentou, mas que essa heterogeneidade da língua não chegou a gerar um caos, e esse fenômeno foi estudado pela Sociolinguística. Toda essa diversidade percebida na fala de uma pessoa, de um determinado grupo ou de uma determinada comunidade de fala interessou à Sociolinguística que denominou de variedade.

Coelho et al. (2015) definiu variedade como a fala característica de determinado grupo. Para estudar a variedade da língua a autora destacou critérios geográficos, como por exemplo, variedade baiana, variedade gaúcha, dentre outras; destacou também critérios sociais, tais como: falantes mais ou menos escolarizados, ou ainda pessoas jovens ou mais idosas; apresentou critérios da ocupação/profissão que nesse aspecto destacaram-se a variedade de jornalistas, variedade de

advogados, variedade de médicos, dentre outros. Há ainda os falantes que usaram nas redes sociais uma determinada variedade, enfim, existem variados grupos que usaram a língua como uma característica peculiar que foi percebida na fala dessas pessoas. Ainda de acordo com a autora é importante destacar que temos uma variedade específica a que os sociolinguistas se referiram com certa frequência. Sobre esta variedade Coelho et al. (2015) destacou que,

A variedade culta é normalmente associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu status, comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para a sua fala (COELHO et al., 2015, p. 15.).

Como destacou a autora a variedade padrão sempre foi vista como privilégio das classes mais altas da sociedade ou mais escolarizadas, porém há sempre exceção à regra, pois há pessoas que detêm um grande poder aquisitivo e não se apropriam da variedade padrão.

É como destacou Coelho et al. (pág. 15, 2015) quando diz que assim “como qualquer outra variedade, a variedade culta também apresenta variações – basta pensar que as variedades, ainda que agreguem falantes com características (geográficas, sociais etc.) em comum, não são homogêneas”.

Nesse aspecto, cabe ressaltar que uma característica seja ela geográfica ou social não se apresentava da mesma maneira em mais de uma comunidade de fala, pois, cada comunidade, cada indivíduo dispunha de características peculiares e foram essas peculiaridades que enriqueceram ainda mais a nossa língua.

2.2 REVISÃO DA LITERATURA

Discutimos, neste tópico, sucintamente, o percurso que a expressão *a gente* percorreu no português do Brasil. É importante enfatizar que não temos a pretensão de discutir sobre gramaticalização, trata-se apenas de uma visão panorâmica relacionada ao fenômeno aqui estudado.

Lopes (2002); Callou et. al. (2006); Omena (2003, apud SILVA, 2010, p. 01), “afirmaram que a implementação de *a gente* no quadro pronominal do português se iniciou entre os séculos XVII e XVIII, ainda que seu uso categórico só seja percebido a partir do século XX”. E desde então, vários estudos foram realizados sobre a gramaticalização da expressão *a gente*.

Ramos et al. (2009) destacou que,

O processo de pronominalização do substantivo *gente* (originalmente um coletivo), cristalizado na forma de *a gente*, foi lento e gradual, havendo, portanto, uma progressão de uma fase de ocorrências raras e interpretação ambígua (até meados do século XIX) a uma fase de encaixamento no sistema dos pronomes. (RAMOS et al. 2009, p. 283)

Assim como a Sociolinguística Variacionista, os estudos da gramaticalização apontam que esse processo ocorreu gradualmente, e que a mudança foi sendo introduzida lentamente na língua, em geral, em concorrência com outra variante.

Por gramaticalização, Martelota (2011, p. 92), definiu como um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passaram a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuaram a desenvolver novas funções gramaticais.

Nesse processo, torna-se importante destacar também que nem sempre a forma gramaticalizada perde os aspectos de sua forma original, ou seja, a sua forma inovadora manteve algumas das propriedades sintáticas da categoria de origem, como destacou Lopes (2015), “a forma gramaticalizada preservou a referência genérica e a noção coletiva do nome *gente*. Tal noção também pode ser expressa pelo pronome *nós*”.

Procurando exemplificar a partir do fenômeno em estudo, destacamos que a expressão *a gente* carrega em sua forma pronominal características da forma anterior – substantivo coletivo - como, por exemplo, a impossibilidade de determinante, a referência a uma quantidade indeterminada de pessoas.

Acerca dessa relação sintática que a forma inovadora manteve Omena (1996, apud SOUZA e BOTASSINI, 2009, p. 01) enfatizou que,

Semanticamente, acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminador, a referência à pessoa que fala, deitivamente determinada; gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema dos pronomes pessoais, conservando porém com o verbo a mesma relação sintática de terceira pessoa gramatical.

Percebemos nesse processo que a forma *a gente* sofreu mudança gramatical - de substantivo para pronome -, e uma mudança semântica, ao indicar a pessoa do discurso e, nesse aspecto, concorrer com a expressão pronominal “*nós*”.

Este tópico apresentou parcialmente, através da contribuição de alguns pesquisadores, o processo de gramaticalização sofrido pela expressão *a gente*. A

seguir apresentamos algumas pesquisas variacionistas realizadas no Brasil sobre a variação dos pronomes *nós* e *a gente* no Português do Brasil.

2.2.1 Trabalhos no Brasil sobre as formas pronominais *nós* e *a gente*

Neste tópico, discorreu-se sobre alguns estudos realizados no Brasil acerca da alternância das formas *nós* e *a gente*. Destacamos que não temos a pretensão de esgotar a bibliografia existente, e que expusemos algumas pesquisas realizadas em diferentes regiões do país.

Para este estudo citamos os resultados das pesquisas de Omena (realizado em 1986 e publicado em 1996) e Lopes (1993, apud VIANNA e LOPES, 2015).

A pesquisa de Omena (1986; 1996, apud VIANNA e LOPES, 2015) foi a pioneira em tratar da alternância entre *nós* e *a gente* na língua falada. Em sua pesquisa a autora analisou a fala de informantes não cultos do Estado do Rio de Janeiro, de um banco de dados do Projeto Censo. Nessa pesquisa, a autora contou com uma amostra constituída por 64 falantes, estratificados em sexo (masculino e feminino), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49, e acima de 50 anos) e escolaridade (1º e 2º ciclos do ensino fundamental e ensino médio).

Em sua análise, Omena (1986; 1996, apud VIANNA e LOPES, 2015, p.111) “localizou 1.979 ocorrências de “*a gente*” em posição de sujeito, em um total de 2.701 dados, registrando a frequência de 73% na fala carioca”. Diante desse resultado, a autora procurou identificar os motivos que levavam os falantes cariocas a escolherem a forma inovadora em lugar do pronome pessoal, além disso, pretendia desvendar e avaliar a ação dos condicionantes no processo de escolha pelos falantes.

De acordo com Omena (1998, apud FRANCESCHINI, 2011), a pesquisa se refere à disposição das formas na sequência do discurso (ou paralelismo) e os resultados indicaram que a probabilidade de usar *a gente* ao invés de *nós*, foi preferencial quando, na sequência discursiva, foi antecedido por *a gente* e há manutenção da referência semântica. Nesse caso, o peso relativo (PR) se mostrou de 0.81 para os adultos e 0.78 para as crianças. Em se tratando do uso de *nós* foi observada a mesma tendência quando o pronome tem uma realização igual anterior e há o mesmo referente. Para esse resultado, o PR foi de 0.86 para adultos e 0.75 para crianças.

Em relação à escolha de uma das variantes para a 1.^a referência, Omena (1998, apud FRANCESCHINI, 2011, p.67) verificou que a probabilidade ficou em torno de .50:

A escolha de uma das formas, ao se nomear pela primeira vez um referente na sequência de um discurso, deve-se a outros fatores. No entanto, uma vez escolhida a forma, essa escolha atua sobre o uso das formas subsequentes, até que um novo fator atue, provocando nova escolha.

Outra variável linguística controlada por Omena (1998, apud FRANCESCHINI, 2011, p. 67) foi a saliência fônica e, de acordo com a autora “o grau de diferença entre as formas verbais de 3.^a pessoa do singular e 1.^a pessoa do plural também condicionaram a ocorrência (ou não) de *a gente*”. Destacou ainda que:

Se a concordância do verbo com o sujeito é sensível ao maior ou menor grau de saliência fônica verbal, supõe-se que o falante use mais a forma *nós* (com flexão verbal *-mos*) como sujeito, com formas verbais onde exista maior diferença fônica entre a 3.^a pessoa do singular e a 1.^a do plural. (OMENA, 1998, apud FRANCESCHINI, 2011, p. 68).

Segundo a autora as formas verbais que apresentaram menor saliência fônica favoreceram o uso da forma *a gente* tanto para adultos quanto para crianças. Ainda acerca da saliência fônica, Omena (1998, apud FRANCESCHINI, 2011) questionou, de certa forma, a pertinência desta variável na análise da variação *nós* e *a gente*, quando destacou que,

A maior ou menor saliência fônica na diferença entre as duas formas verbais que acompanham as variantes, já testadas em investigações sobre concordância verbal, evidencia aqui um efeito a indicar que a desinência do verbo seleciona a forma do sujeito. Ou será que o falante aprende a forma como um todo? (OMENA, 1998, apud FRANCESCHINI, 2011, p.68).

Em se tratando da variável tempo e aspecto verbal, Vianna e Lopes (2015, p. 112), destacaram que, “o tempo verbal propriamente dito é fator condicionante: quando há ação no tempo presente ou tempos marcados, é mais provável o emprego de “*a gente*” – sendo categórico com o gerúndio e altamente favorecido com o infinitivo”. Destacaram ainda que “a ação no tempo passado ou no tempo futuro favorece a presença do pronome padrão”.

Sobre o resultado do estudo da variável linguística *indeterminação e número de referentes*, Vianna e Lopes (2015) destacaram que essa variável se tornou significativa para a escolha de uma das formas quando os grupos forem i) grande e determinado, ii) grande e indeterminado, iii) grupo intermediário/pequeno determinado, iv) grupo indeterminado / pequeno indeterminado. Nesse aspecto, as

autoras destacaram que, em se tratando de um número grande de pessoas, haverá preferência pela forma “*a gente*” quando a referência for indeterminada (PR 0.72); quando a referência for determinada, prevalece o uso de “*nós*” (PR 0.72). Em relação aos grupos intermediários / pequenos determinados e indeterminados, e de acordo com as autoras, os resultados não apontavam favorecimento de nenhuma das formas.

Além das variáveis linguísticas, Omena (1986; 1996, apud VIANA e LOPES, 2015, p. 112) procurou controlar as variáveis sociais e “a faixa etária dos informantes foi considerada especialmente relevante no sentido de impulsionar a escolha por uma ou outra forma”.

E de acordo com “os resultados encontrados, o uso de “*a gente*” é bastante favorecido na faixa etária mais jovem, o que poderia estar indicando um processo de mudança em curso, como prevê a Teoria da Variação”. (LABOV, 2001, apud VIANNA e LOPES, 2015).

Sobre o processo de mudança em curso da forma *a gente*, Omena (2003, apud VIANNA e LOPES, 2015) publicou um artigo intitulado “*A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?*”, no qual a autora procurou responder se o fenômeno variável, encontrava-se em: i) estágio de variação estável ou em ii) processo de mudança linguística. Para isso procurou confrontar os resultados das pesquisas de (1986, 1996) com o resultado da pesquisa de (2003) e “a comparação [...] indica relativa estabilidade da comunidade no intervalo de 20 anos considerado”. (OMENA, 2003, apud VIANNA e LOPES, 2015, p. 112).

Mesmo apresentando relativa estabilidade percebeu-se, em termos de frequência geral, que a forma “*a gente*”, na função de sujeito, foi à preferida pelos falantes, apresentando, praticamente, as mesmas frequências, porcentagem de 78% (década de 80) e 79% (anos 2000).

Outra pesquisa que abordamos foi à investigação realizada por Lopes (1993, apud VIANNA e LOPES, 2015). É importante salientar que nessa pesquisa, a autora procurou analisar a variação “*Nós e a gente no português falado culto no Brasil*” na fala culta de três regiões do país: Rio de Janeiro (RJ), região Sudeste, Salvador (BA), região Nordeste e Porto Alegre (RS), região Sul.

O corpus da pesquisa foi constituído de uma amostra de 18 (dezoito) entrevistas, do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e que foram retiradas do Arquivo Sonoro do Projeto NURC/Brasil, contabilizando um total de 06

(seis) entrevistas para cada cidade, estratificada entre homens e mulheres cultos e divididos em três faixas etárias: 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 55 anos.

Para esta pesquisa, Lopes (1993, apud VIANNA e LOPES, 2015) tomou por base os resultados da pesquisa de Omena (1986, 1996, apud VIANNA e LOPES, 2015), objetivando descobrir se o comportamento linguístico dos informantes cultos era semelhante ao dos falantes com pouca escolaridade; e também, se o fenômeno em estudo encontrava-se em variação estável ou mudança linguística.

Como resultado de sua pesquisa Lopes (1993, apud VIANNA e LOPES, 2015), destacou as variáveis linguísticas: i) Paralelismo formal; ii) Saliência fônica; iii) Tempo verbal; iv) Traço semântico de indeterminação; e o grupo de fatores sociais destacando que,

- i) com relação às faixas etárias, os resultados indicam favorecimento da forma “*nós*” entre os idosos e equilíbrio no uso das duas formas, entre os adultos. No grupo dos jovens, a forma inovadora é amplamente favorecida.
- ii) a variável sexo, por sua vez, responde por sutis diferenças no comportamento dos indivíduos, visto que os homens tendem a favorecer o emprego da forma padrão (PR 0,61), ao passo que as mulheres apresentam comportamento oposto (PR 0,41), isto é, utilizam mais frequentemente a forma nova.
- iii) por fim, os resultados relativos às cidades apontam o comportamento do Rio de Janeiro como sendo o mais inovador (há preferência pelo uso de “*a gente*”), enquanto Salvador e Porto Alegre são mais conservadores. (LOPES, 1993, apud VIANNA e LOPES, 2015, p. 114).

Diante dos resultados, Lopes (1993, apud VIANNA e LOPES, 2015, p. 114) confirmou os resultados de Omena (1986; 1996, apud VIANNA e LOPES, 2015), com falantes não cultos, ou seja, “as duas investigações apontam os mesmos condicionamentos sociais e linguísticos para a variação do sujeito *nós* e *a gente*”.

Abordamos ainda as pesquisas realizadas no município de Benjamin Constant, na área da Sociolinguística voltadas, principalmente, para a temática da variação linguística. Destacamos que existem muitas pesquisas acerca da variação linguística em várias regiões do Brasil, no entanto, no Amazonas, especificamente em Benjamin Constant são poucas as investigações.

Para sintetizar as pesquisas realizadas nessa região, citamos Martins (2013) que em sua tese nos apresenta os estudos realizados acerca da variação linguística,

Para citar, já temos conhecimento, principalmente, de características fonético/fonológicas e semântico-lexicais dos falares de moradores de algumas cidades, através de estudos sociolinguísticos como o de Sandra Campos (2009) e de estudos dialetológicos, como o de Hydelvídea Corrêa em 1980, o de Maria Luíza Cruz em 2004 que resultou na elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas (doravante ALAM) e o de outros trabalhos

(iniciação científica, dissertações). Também encontramos um trabalho de cunho morfológico de Germano Martins (2010) que investiga a alternância dos pronomes “tu e você” numa cidade do interior do Amazonas. (MARTINS, 2013, p. 19)

Além dos trabalhos mencionados, na citação acima destacaram-se também monografias de acadêmicos do Instituto de Natureza e Cultura – INC/UFAM referente às pesquisas realizadas em nosso município a respeito da variação linguística, e neste aspecto percebemos que estudos voltados para a concordância nominal de número na fala, e também, sobre o tema de investigação dessa pesquisadora, nesse caso, o estudo sobre a variação do sujeito *nós* e *a gente*.

Em relação às pesquisas das acadêmicas do INC/UFAM destacamos o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de Braga (2010) com o título *Variações de a gente x nós na fala dos habitantes benjaminenses: reflexões sobre o ensino de língua portuguesa*. Nesse estudo Braga (2010) destacou que foi importante o professor ter conhecimento das variações linguísticas para que pudesse contribuir efetivamente com a formação do aluno.

Destacamos também, o TCC de Cauamari (2011) tendo como título a *Variação da Concordância Nominal de número na escrita de alunos de duas escolas do município amazonense Benjamin Constant*. Em sua pesquisa Cauamari (2011) investigou a escrita dos alunos em duas escolas públicas visando identificar se havia variação na concordância nominal de número.

Sobre o uso da variável *nós* e *a gente*, Coelho et al. (2010, p.157), destacou que “A entrada da forma *a gente* na língua como pronome de primeira pessoa do plural veio a competir com o pronome *nós*. O uso do *a gente* aparece com frequência principalmente na língua falada de pessoas mais jovens.”

Outra situação ainda em relação ao uso dessa variável evidenciou-se em relação à fala e à escrita, percebeu-se que na fala existe a predominância do uso da expressão *a gente*, enquanto que na escrita optou-se por *nós*.

Segundo Silva-Brustolin (2009, apud COELHO et al., 2010, p. 88),

Verificou que os pronomes **nós** e **a gente** na fala e na escrita foram usados diferentemente: há um uso majoritário do pronome de primeira pessoa *a gente* (a forma nova) e de sujeito preenchido na fala, enquanto na modalidade escrita, há uma predominância do pronome *nós* (a forma mais antiga) com sujeito nulo.

Percebemos através das pesquisas realizadas e dos trabalhos analisados que a escolha por uma das variantes linguísticas já apresentava algumas características,

como sendo mais frequente na fala dos jovens e na escrita, ou seja, a variável “nós” teve relação com o uso da língua formal, enquanto que a expressão “a gente” estava mais presente nas situações mais informais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste tópico, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa destacando o ponto de inquérito, o perfil do informante, o caráter das entrevistas e o questionário; e a seguir, descrevemos como foi realizada a coleta de dados e a análise dos mesmos.

Vale destacar que a pesquisa foi desenvolvida sob a luz da Metodologia da Sociolinguística Variacionista que basicamente voltou-se para coletar e analisar os dados, objetivando compreender a variação linguística que ocorreu dentro de um contexto social.

3.1 Ponto de inquérito

Para a realização desta pesquisa, o ponto de inquérito investigado foi a zona urbana do município de Benjamin Constant, que integra a microrregião do Alto Solimões/AM, conforme abordado no Capítulo 1.

O município de Benjamin Constant, localizado na região de Tríplice Fronteira (Brasil, Colômbia e Peru), constitui um excelente campo de pesquisa, visto que foram poucas as pesquisas realizadas nessa região. E a falta de pesquisadores nessa microrregião, se comparado à existência de um número mais expressivo em outras regiões do país, e também pelo fato da pesquisadora morar na cidade de Benjamin Constant/AM.

Além de definir a zona urbana como ponto de inquérito, delimitou-se, a princípio, os bairros mais antigos para realizar a entrevista com os moradores locais e brasileiros, que se encaixaram no perfil estratificado.

3.2 Perfil do informante

A escolha dos informantes levou em consideração as variáveis sociais que serviram de base para a realização desta pesquisa, e que constituíram a amostra. Os critérios de escolha dos informantes forneceram dados mais precisos quanto à utilização das variantes propostas neste estudo.

Foi necessário considerar a estratificação da amostra, ou seja, a constituição das células sociais, pois foram essas células que agruparam as características sociais relevantes para a análise do fenômeno a ser investigado.

Seguindo esse princípio, Beline (2010, p. 135) destacou que,

Podemos estudar a língua de uma comunidade inteira partindo da fala de alguns de seus membros, pois os pesos relativos que vão definir os usos de formas variantes pelos falantes são os mesmos pesos relativos que definem a comunidade inteira, ainda que possa haver diferenças nas quantidades de dados de cada falante, dentro do quadro geral de variação.

Nesse aspecto, os critérios de estratificação social estabelecidos nessa pesquisa foram faixa etária, grau de escolaridade e gênero, e os informantes foram selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- a) Brasileiros de pais brasileiros nascidos em Benjamin Constant/AM;
- b) Ou Brasileiro filhos de pais brasileiros chegados à comunidade pesquisada até os 10 anos de idade;

Esses e os demais critérios foram confirmados através do preenchimento das fichas sociais dos informantes (Anexo I).

Para este estudo, o *corpus* da pesquisa, foi composto por uma amostra de 11 (onze) entrevistas (diálogo entre informante e entrevistador) com informantes brasileiros e que residem no município de Benjamin Constant (AM). Ressalte-se que a pesquisa foi comprometida em sua amostragem em virtude do momento pandêmico que estamos enfrentando e as limitações ocasionadas pela pandemia.

Os informantes da nossa amostra foram divididos entre homens e mulheres, os quais foram subdivididos em três faixas etárias: de 18 a 30 anos, faixa etária I; de 31 a 50 anos, faixa etária II; e de 51 a 65 anos, faixa etária III. Além disso, foram controladas três escolaridades: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio Completo.

Para representar as informações foram adotadas as seguintes combinações: H para Homem, M para Mulher; F1 (18-30 anos), F2 (31-50 anos), F3 (51-65 anos); EF1 (Ensino Fundamental 1), EF2 (Ensino Fundamental 2), EM (Ensino Médio).

3.3 Entrevista e Questionário Social

O tipo de contato com o informante deu-se através de entrevistas, que para investigar estudos de âmbito morfossintáticos, caso desta pesquisa, foi o procedimento metodológico mais vantajoso.

Beline (2010, p.126), destaca que,

O entrevistado deve-se tornar conhecido do pesquisador no início da pesquisa. O melhor seria ter um longo contato com ele, mas, na prática,

torna-se difícil ter esse longo contato prévio e igual para todos os falantes da amostra. Constrói-se, pois um questionário social montado de acordo com a pesquisa e a comunidade pretendida.

Isso não quer dizer que o entrevistado seja amigo do entrevistador, mas é necessário que o entrevistador conheça previamente o seu informante para gerar empatia com o mesmo. Para isso, sugeriu-se a criação de uma ficha social, a qual tinha o propósito de traçar o perfil social do falante, além de servir de suporte ao entrevistador no ato da entrevista.

Conforme Beline (2010, pág. 126), “outra vantagem [...], nesse conhecimento do informante, é poder melhor conduzir a entrevista propriamente dita, já que se torna possível saber sobre seus interesses para melhor dirigir a conversa”.

Esse conhecimento possibilitou ao entrevistador direcionar sua pesquisa, pois o objetivo principal foi fazer com que o informante fale de algo que conhece para que o mesmo procure se envolver com a história e não com o monitoramento da fala.

É como destacou Tarallo (1985, p. 22),

Para atingir tais propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal. Os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como. E é precisamente esta a situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador-sociolinguista.

Tendo por base essas recomendações foi elaborado um roteiro prévio de entrevista levando em consideração temas voltados para o cotidiano, tais como: os serviços públicos, a violência, perigo de morte, amigos, jogos e brincadeiras de infância, trabalho, dentre outros. A partir de leituras de outros estudos percebeu-se a importância de ir adequando o roteiro, pois nem sempre o que serviu para um entrevistado servirá para o outro.

Objetivando investigar o uso das formas “*nós*” e “*a gente*” e conhecer o que determinou a escolha de uma variação linguística, a entrevista foi realizada com o auxílio de um gravador de áudio e celular, com duração média de 30 (trinta) minutos, totalizando aproximadamente 5 (cinco) horas e 30 (trinta) minutos de gravação das falas. O horário e o local para realização da entrevista foi escolhido pelo informante.

Todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos informantes, e os horários, ficaram divididos entre manhã e tarde.

Além disso, e visando resguardar o sigilo e a identidade do informante foi apresentado ao investigado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual consta no anexo II deste trabalho.

3.4 A variável

Neste tópico, investigamos a variação do sujeito “*nós*” e “*a gente*” no Português do Brasil (PB), a partir de trabalhos já realizados.

Pretendemos analisar ainda, algumas variáveis independentes ou grupo de fatores testados em outros trabalhos, tais como: paralelismo formal, tempo verbal, saliência fônica, eu-ampliado (variáveis intralinguísticas); e também a faixa etária, sexo e escolaridade (variáveis extralinguísticas). Essa análise objetivou entender o fenômeno variável em estudo, visto que o mesmo pode ser sistematizado através do controle dos grupos de fatores supracitados.

Destacamos que dentre as variáveis intralinguísticas propostas para investigação, a Saliência Fônica mostrou-se pouco relevante e, por isso não foi considerada nos resultados finais.

E como destacou Coelho et al. (2015), esse processo inicial foi um pouco intuitivo, dependeu das impressões que a pesquisadora teve a respeito da fala da comunidade investigada, mas a partir das observações dos primeiros dados, essa questão foi se delimitando e as impressões foram sendo confirmadas ou não.

Para isso, a pesquisadora precisou ir a campo para confirmar ou refutar as hipóteses propostas na pesquisa.

3.4.1 Variável dependente

Coelho et al. (2015, p, 20), destacou que “a variável propriamente dita (ou seja, aquela que corresponde ao lugar da gramática em que ocorre variação), também pode ser tratada por variável dependente”.

Partindo das leituras que foram realizadas e dos trabalhos investigados sobre a variação do sujeito “*nós*” e “*a gente*” no PB, a variável em estudo pode ocorrer da seguinte maneira:

a) *Nós explícito / implícito*

(1) É, ou passa bem ou passa mal, mas **nós** vamos tá juntos. (M6F3EF1)

(2) Se ele liberasse **nós** ia... **nós** ia brincar. Se ele dissesse não, **nós** num ia, Ø num descia nem pro chão, **nós** nem fazia cara feia senão Ø ia pra peia. (M3F2EF1)

b) A *gente* explícito / implícito

(3)... aqui **a gente** somo assim é ... vizinho assim, unido. (M5F2EM)

(4) **A gente** ia pro quintal que era grande Ø brincava lá atrás. (M2F1EM)

O exemplo 1 destacou a presença do pronome *nós*, no qual a entrevistada fez referência ao momento que se separou do marido e indagou aos filhos se eles queriam ficar com o pai ou acompanhá-la, visto que a mesma saiu da casa, pois moravam com os sogros.

Já o exemplo 2 iniciou seu discurso com o pronome *nós* explícito nas primeiras sequências e em seguida usou o *nós* implícito. Nesse exemplo, a entrevistada destacou como era a criação antigamente e que elas só brincavam quando os pais, no caso, o pai permitia, não havendo espaço para birras.

O exemplo 3 destacou a presença do *a gente* explícito na frase, ao ser questionada se já havia pensado em mudar de bairro, a entrevistada negou e pontuou a relação amistosa que existe entre os vizinhos como fator decisivo em gostar de morar no bairro.

Na sequência, no exemplo 4, a informante iniciou sua fala com *a gente* explícito e, em seguida, empregou o *a gente* implícito, informando o local que costumava brincar com os irmãos na infância.

3.4.2 Variáveis independentes intralinguísticas e extralinguísticas

As variáveis independentes intralinguísticas ou grupo de fatores que serão investigadas neste estudo, tiveram como ponto de partida, os resultados encontrados nas pesquisas de Omena (1998; 2003, apud VIANNA e LOPES, 2015), Menon (1994; 2006, apud FRANCESCHINI, 2011), Tamanine (2010, apud FRANCESCHINI, 2011), Lopes (1998), Franceschini (2011), Seara (2000), Tamanine (2002), Borges (2004, apud FRANCESCHINI, 2011), dentre outros que já investigaram a variação '*nós*' e '*a gente*' na posição de sujeito, objetivando descobrir

se essas variáveis atuavam da mesma maneira na fala benjamin-constantense, local que foi investigado.

As variáveis linguísticas que foram controladas nesta pesquisa foram: o paralelismo formal, tempo verbal e eu-ampliado, descritas a seguir, assim como, as hipóteses embasadas em trabalhos já realizados.

3.4.2.1 Paralelismo formal

Lopes (1998, p. 06,), destacou que a variável paralelismo, como atualmente é rotulada nos diversos estudos de fenômenos do português e de outras línguas, consiste na tendência de o falante repetir uma mesma forma numa sequência discursiva, seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos.

A partir da definição da autora percebeu-se que a escolha da primeira forma condicionou a escolha das formas pronominais subsequentes, ou seja, se o falante iniciou sua fala com a expressão *a gente* ou *nós*, tende a continuar no decorrer de seu discurso com a mesma expressão, seja ela explícita ou implícita.

O estudo de Omena (1996, apud MUNIZ, 2008), que também analisou a função de sujeito, destacou que para as formas pronominais alternantes *nós* e *a gente* a variável paralelismo formal foi altamente atuante. A autora observou que a escolha anterior da forma do pronome influenciou sobre o uso de *nós* e *a gente*, ou sujeito zero numa série de sujeitos num discurso.

Para esse estudo da variável paralelismo formal levou-se em consideração os fatores analisados por Vítório (2017), a saber: Primeiro da série (exemplo 5), Realização Isolada (Exemplo 6), Antecedido por *nós* (Exemplo 7); Antecedido por *a gente* (exemplo 8).

Destacamos que, para analisar os dados da pesquisa, primeiro separamos as *ocorrências isoladas*¹³ das *sequências*¹⁴ discursivas, em “um intervalo não superior a

¹³ “Não aparecem em nenhum tipo de sequência”. (TAMANINE, 2002, p. 40). E foram consideradas as ocorrências em que o falante não dava prosseguimento na conversa e que precisava da atuação do entrevistador para prosseguimento da conversa.

¹⁴ “Consideramos sequências em relação aos pronomes-sujeito *nós* e *a gente* uma sucessão mista ou igual [...] das formas pronominais [...]”(TAMANINE, 2002, p. 40)

dez orações, sem a interferência do entrevistador e com as formas variantes explícitas” (MUNIZ, 2008, p. 106), e “nos casos de formas variantes implícitas foi considerado identificável até dois períodos anteriores”. (TAMANINE, 2002, p.43).

Nos exemplos abaixo, ilustramos como foi feita a análise dos dados, para isso levamos em consideração as seguintes informações: 1 - para oração isolada; 2 - para primeiro da série; 3 - para antecedente por a gente; 4 - para antecedente por nós.

(5) **A gente** (2) brincava mais era na roça, com meus irmãos, **Ø** (3) brincava e **Ø** (3) trabalhava. (M4F2EF2)

(6) Aí **a gente** (1) fumo trabalhar em negócio de madeira que ele conseguiu pra trabalhar. (M3F2EF1)

(7) Lá no Papoco¹⁵ mesmo porque desde pequeno **nós** (2) morava lá também, desde pequenininho mesmo, aí **nós** (4) viemo pra cá pro bairro (apontando para o Bairro Bom Jardim que havia morado anteriormente), daí do bairro **nós** (4) viemo pra cá. (H1F1EF2).

(08) **A gente** (2) tinha horário para tá em casa, a **gente** (3) saia de noite e **Ø** (3) chegava nove horas, no máximo... a **gente** (3) tinha uma hora pra chegar em casa. (H4F3EM).

No exemplo 5, a entrevistada discorreu como foi sua infância e as brincadeiras, em geral, brincavam no intervalo dos trabalhos. O exemplo (6), a entrevistada relatou que parou de estudar porque casou cedo e teve que acompanhar o marido viajando no barco, porque ele trabalhava transportando madeira.

No exemplo (7), o entrevistado falou que gostaria de voltar a morar no Bairro Papoco, pois era o bairro que mais tinha gostado de morar. Já no exemplo (8), o entrevistado discorreu como era a criação dos pais e como tinham horário para tudo, mesmo sendo homem tinha horário para chegar a casa.

¹⁵ Designação atribuída pelos moradores a Rua 7 de Setembro – Centro, em decorrência da violência.

Em relação a essa variável paralelismo formal e tendo por base os estudos já realizados, confirmamos que o falante benjamin-constantense empregou com mais frequência a forma inovadora *a gente* antecedido por *a gente*.

3.4.2.2 Tempo Verbal

Variadas pesquisas sobre o emprego das expressões pronominais *nós* e *a gente* na função de sujeito apontaram a variável tempo verbal como fator relevante para a escolha de uma das formas pronominais.

Omena (1986, apud LOPES, 1998) observou que o pretérito imperfeito, o presente e as formas nominais favoreceram o uso de *a gente*, já o futuro e o pretérito perfeito favoreceram a presença de *nós*. Lopes (1998) constatou que as maiores probabilidades para o uso de “*nós*” ocorreram com o pretérito perfeito. Ainda segundo a autora, os pesos relativos maiores para o uso de *a gente* ocorreram em formas nominais (infinitivo .65 e gerúndio .75) e presente do indicativo .60.

Borges (2004, apud FRANCESCHINI, 2011, p. 125),

Efetuiu um cruzamento entre os resultados de *a gente* considerando os fatores referência específica do sujeito e tempo verbal e constatou o favorecimento de *a gente específico* com verbos no pretérito imperfeito e no pretérito perfeito, em contextos verbais próprios à narrativa.

De acordo com Tamanine (2010, apud FRANCESCHINI, 2011, p.125),

Os resultados apontaram o pretérito imperfeito do indicativo como favorecedor do uso de *a gente*, já o presente do indicativo desfavoreceu este pronome. Segundo a autora, esse resultado nos dados de Curitiba reforçou que não foi somente a *desambiguidade* entre os tempos *presente/pretérito perfeito* que influenciou a escolha do falante entre as formas, mas que outras circunstâncias podem ser mais relevantes, como, por exemplo, a prosódia.

Seara (2000), em sua pesquisa observou que os tempos Presente, Pretérito Perfeito e Imperfeito do Modo Indicativo, foram os de maior probabilidade de aparecimento, já que as entrevistas foram, em sua maioria, relatos de casos passados, destacou que os tempos Presente e Pretérito Perfeito favorecem o uso de *nós* e o tempo Pretérito Imperfeito favorece o uso de *a gente*.

E para esta pesquisa controlamos os tempos verbais propostos por Seara (2000). Sobre esses tempos verbais analisados encontramos os seguintes exemplos em nossos dados:

(09) A gente *faz* o almoço, *costuma* sentar para conversar. (M1F1EF2)

(10) Aí, a gente *gostava* também de tomar banho no garapé que tinha lá perto de casa. (M2F1EM)

(11) A gente *tinha* balanço aí atrás, o nosso pai armava um balanço, fazia as brincadeiras, queimada. (H2F1EM)

No exemplo (09), a entrevistada relatou o que ela e a família costumavam fazer nos dias livres, nas horas de lazer.

O exemplo (10) a entrevistada discorreu como foi a infância no Bairro que morava, e como ela e as primas se divertiam naquela época.

Já no exemplo (11) o entrevistado descreveu como foi a sua infância e do que eles brincavam.

3.4.2.3 Eu-ampliado

Para analisar o eu-ampliado ou inclusão do eu partimos do resultado de alguns estudos, dentre eles destacamos Omena (1998, apud OLIVEIRA, 2008), que em sua pesquisa sobre a fala de pessoas pouco escolarizadas destacou que quando o falante se referiu a um grupo grande e indeterminado, a preferência foi pelo uso da expressão *a gente*, mas quando o grupo foi grande e determinado, optou-se pelo emprego do pronome *nós*, destacando a importância da indeterminação para a escolha.

Ainda nessa mesma pesquisa a autora destacou que quando se tratava de grupos pequenos e intermediários, fossem eles determinados ou indeterminados, ocorreu uma neutralização, emprego das duas formas pronominais, indicando uma possível evidência de que a forma *a gente* estava perdendo a marca de indeterminação.

Outro estudo que analisou a variável em questão foi o de Lopes (1993; 1996, apud OLIVEIRA, 2008), que discorreu que o falante utilizava o pronome *nós* quando se referiu a ele mesmo e mais um interlocutor (eu+você) (.91), ou a (eu+ele) (.87): referente [+perceptível] e [+determinado]. Por outro lado, no momento em que o falante ampliou a referência, indeterminando-a, houve maior favorecimento para o uso do pronome *a gente* (.65).

Em nossa pesquisa adotamos os fatores citados em Oliveira (2008), conforme elencados abaixo:

1) Eu ou 1 pessoa qualquer;

(12) É uma cidade pequena entendeu? Tipo a gente já *tem* cantos que *enjoa* só de ir. (H2F1EM)

2) 2 ou 3 pessoas (eu + 1 pessoa; eu + 2 pessoas);

(13) A gente só *fez entregar* o celular, tava eu e meu primo no dia. A gente *ficou* assim sem reação entendeu?... a gente *num esperava* entendeu? (H2F1EM)

3) Grupo Intermediário¹⁶;

(14) A gente podia brincar a vontade, mas a gente sabia da obrigação. A gente sabia o que tinha que fazer. (H2F1EM)

4) Grupo grande¹⁷.

(15) Antigamente, a gente *pensava* de um jeito, aí depois, a gente, já mais adulto, já *foi* vendo que as coisas são diferentes, não são como a gente *pensava* quando criança. (H2F1EM)

No exemplo (12) percebemos na fala do entrevistado que a expressão a gente referiu-se apenas a sua visão, ao seu posicionamento quando questionado se a cidade oferecia boas opções de lazer.

O exemplo (13) deixou claro que se tratava de duas pessoas, quando o entrevistado relatou o assalto que sofreu com seu primo.

O exemplo (14), o entrevistado destacou que podiam brincar a vontade, mas desde que cumprissem as suas obrigações em casa. No exemplo citado não ficou claro quantas pessoas faziam parte da brincadeira, mas identificamos, no decorrer da conversa, que as brincadeiras eram no quintal de casa e que se resumiram apenas a família, aos moradores da casa.

¹⁶ Entenda-se como grupo familiar.

¹⁷ Entenda-se como grupo comunitário.

No exemplo (15), o entrevistado discorreu como era antigamente a vida da família benjamin-constantense. Pelo contexto da sua fala percebemos que o entrevistado referiu-se a ele e todos da mesma época de sua criação, ou seja, um grupo grande e indeterminado.

A partir do resultado dessas pesquisas, percebemos que a determinação ou indeterminação favoreceu o uso de uma das formas pronominais. Para nossa hipótese a indeterminação favoreceu o uso da expressão *a gente*, e a determinação o uso do pronome *nós*.

3.4.3 Variáveis Sociais

Em nossa pesquisa que tratou da variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala benjamin-constantense procuramos verificar se havia uma tendência da variante *a gente* se apresentar com maior frequência por todos os informantes, conforme hipótese inicial da pesquisa. Para isso, além das variáveis linguísticas, controlamos também as variáveis sociais: faixa etária, sexo e escolaridade, que já mostraram atuar de maneira significativa em dados de fala de outros Estados do Brasil a fim de verificar se atuavam ou não da mesma forma nos dados de fala aqui investigados.

3.4.3.1 Faixa Etária

A faixa etária presente em muitas pesquisas sociolinguísticas apresentou-se bastante significativa nos estudos sobre variação linguística. Citando Seara (2000) que apresentou a hipótese clássica da mudança em tempo aparente e que o estado atual da língua de um falante adulto refletia o estado da língua adquirida na época da puberdade. Logo, essa variável tinha muito a dizer sobre as mudanças que a língua vinha sofrendo.

Os trabalhos de Omena (1998), Menon (1994), Tamanine (2002, 2010), Seara (2000) e Borges (2004, apud FRANCESCHINI, 2011), apresentaram em suas pesquisas resultados para a faixa etária e confirmaram a hipótese de que os falantes mais jovens tendiam a favorecer o uso da forma inovadora *a gente*.

Diante disso, investigamos tendo por base Omena (1986, apud VIANNA e LOPES, 2015) a hipótese de que os mais jovens tendiam a usar com mais frequência a forma inovadora *a gente* na função de sujeito.

3.4.3.2 Sexo

A variável social sexo, de acordo com Paiva (2004, p. 34),

Destacou que diversos outros estudos de orientação sócio-variacionista puderam corroborar a constatação de Fischer (1958): gênero/sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresentou um padrão bastante regular em que as mulheres demonstraram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Ainda sobre essa variável Franceschini (2011) destacou que em situação de variação estável, as mulheres tinham demonstrado preferência pela forma de prestígio, e em casos de mudança linguística, a preferência foi pelas formas inovadoras.

Seara (2000) destacou que os informantes do sexo masculino inclinavam-se mais ao uso da variante *nós* (0,70), e que as mulheres tendiam ao emprego da variante *a gente*.

A partir dos resultados de algumas pesquisas investigamos a hipótese de que as mulheres utilizavam com mais frequência a forma inovadora *a gente*.

3.4.3.3 Escolaridade

A variável social escolaridade estava presente em muitos estudos realizados no âmbito da Sociolinguística. Percebemos que essa variável favoreceu a frequência do uso da variante padrão.

Vitório (2017) destacou que essa variável constituiu um fator social significativo na manutenção ou exclusão de formas gramaticais, mostrando que pessoas mais escolarizadas tendiam a usar mais as formas de prestígio.

Seara (2000) apresentou que a variável social escolaridade foi mais frequente com informantes do colegial, do que com os informantes primários. Isso foi contrário ao que se esperava encontrar, pois acreditou-se que quanto mais escolarizados fossem os entrevistados, maior seria o uso da variante denominada padrão.

A hipótese da nossa pesquisa considerou que o maior nível de escolaridade condiciona o emprego da forma considerada padrão; e que o menor nível de escolaridade, menor o uso dessa forma.

3.5 Dados desconsiderados

Alguns dados da amostra foram desconsiderados na análise da variação *nós* e *a gente*, por não se enquadrarem no objeto pesquisado. (FRANCESCHINNI, 2011)

1) Não desempenhavam a função de sujeito:

(16) Pois é, apesar de a gente não ter aquela educação de aula, que assim né?... mas os pais *da gente* educava a *gente* muito bem educada... M3F2EF1

(17) Foi uma coisa tão ... primeiro morreu a minha irmã, essa que eu to dizendo que cuidou de *nós* ...M6F3EF1

(18) Eu acho que sim porque... tinha aquele respeito com o pai, com a mãe... agora não... é como se eles fosse já os pais *da gente*, não respeitam mais. M5F2EM

2) Tempo Verbal diferente do pesquisado:

(19) Mas é como eu sempre digo **a gente** pensando bem, é melhor **a gente** ficar porque se **correr** o bicho pega e se **ficar** ele come, né? M7F3EF2

(20) Ninguém podia sair... e se **a gente** chegasse tarde... M2F1EM

3.6 Codificação dos dados

Para o estudo da variação linguística, fez-se necessário utilizar um modelo de análise que atuasse com quantidades de dados, destacou-se nesse sentido, o modelo de abordagem quantitativa, que utilizou um programa específico chamado *Goldvarb*, que forneceu os pesos relativos que cada fator, seja linguístico ou extralinguístico, se correlacionavam com o uso de uma determinada variante, no caso deste estudo, com as formas “*nós*” e “*a gente*”.

Para a realização da codificação dos dados, que conforme Coelho et al. (2015, p. 124) “é um requisito para a análise estatística”; Scherre e Naro (2004, p. 155) destacaram que “codificar é transformar em código identificável pelos programas computacionais disponíveis tudo o que queremos que seja quantificado”.

Para isso foi feito primeiramente, a transcrição dos dados de 11 (onze) gravações. E sobre a transcrição de dados linguísticos, Paiva (2004, p. 146) disse que a mesma,

Pressupõe um conjunto de decisões que são norteadas, na maioria das vezes, pelos objetivos que o pesquisador tem em mente. É importante lembrar que não existe transcrição de dados linguísticos perfeita e incontestável, dado que essa atividade envolve, inevitavelmente, um componente subjetivo. Uma transcrição é, de certa forma, um compromisso entre aquilo que percebemos e aquilo que reconstruímos pela interpretação.

O mais importante é que a transcrição apresente o máximo de coerência e que seja submetida ao ouvido de outras pessoas, através de revisões. Uma vez decidido que fenômenos ou aspectos serão assinalados e a forma de fazê-lo, deve-se buscar o máximo de consistência, de forma a tornar os dados legíveis e acessíveis a potenciais futuros interessados.

Com a transcrição dos dados realizada e com os grupos de fatores detalhados e atribuídos os seus respectivos códigos, partimos para a análise estatística preliminar. É importante salientar que utilizamos o programa do Word para digitação e realização dos recortes necessários para serem submetidos à análise.

Elencamos abaixo os símbolos utilizados para a realização da codificação dos dados:

Quadro 1 Grupo de Fatores

Grupo de Fatores	Variante	Código
G1 – Variável Dependente	Nós	N
	A gente	G
G2 – Paralelismo Formal	Primeiro da Série	Y
	Realização Isolada	Z
	Antecedido por “a gente”	B
	Antecedido por “nós”	C
G3 – Tempo Verbal	Presente	P
	Pretérito Perfeito	Q
	Pretérito Imperfeito	R
G4 – Eu-Ampliado	Eu ou 1 pessoa qualquer	V
	2 ou 3 pessoas (eu + 1 pessoa; eu + 2 pessoas)	W
	Grupo Intermediário	X
	Grupo Grande	T
G5 – Sexo	Masculino	H
	Feminino	M
G6 – Faixa Etária	18 a 30 anos	1
	31 a 50 anos	2
	51 a 65 anos	3
G7 – Escolaridade	Ensino Fundamental 1	f
	Ensino Fundamental 2	F
	Ensino Médio	m

Em síntese a metodologia adotada seguiu os seguintes critérios:

- 1) Seleção dos informantes conforme os critérios estabelecidos;

- 2) Realização das entrevistas com gravação;
- 3) Transcrição das entrevistas;
- 4) Codificação dos dados;
- 5) Análise preliminar dos dados;
- 6) Corroboração ou refutação das hipóteses iniciais estabelecidas e/ou acrescentadas no decorrer da pesquisa através da análise estatística com o programa *GoldVarb*.

3.7 Programa Estatístico *GoldVarb X*

Para análise estatística dos dados foi utilizado o pacote *GoldVarb X* que de acordo com Scherre (2012, p. 04) corresponde “a última versão do VARBRUL para o ambiente *Windows*”.

Sobre o Pacote estatístico VARBRUL, Coelho et al. (2010, p. 136) destacou que,

O Varbrul (*Variable rules analysis*) é um pacote estatístico desenvolvido por Sankoff e Rousseau, em 1978, usado para descrever padrões de variação entre formas alternativas de uso da língua. O pacote fornece cálculos de frequência, percentuais e pesos relativos associados a cada fator das variáveis independentes em relação à aplicação da regra, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de uma das variantes. Além disso, realiza a seleção estatística dos grupos de fatores por ordem de relevância. É bastante utilizada, nas pesquisas sociolinguísticas, a versão Varbrul 2S.

Para a análise transportamos os *dados codificados*¹¹, do Word para o arquivo de dados (.tkn) do *GoldVarb X*, em seguida, criamos o *arquivo de especificações*¹², e depois o *arquivo de condições*¹³ (.cnd). A partir do arquivo de condições realizamos a primeira rodada com todos os grupos, gerando o *arquivo de células*¹⁴ (.cel).

¹¹ Ex.: (GZRTM1m Antigamente A GENTE obedecia né? Obs.: Cada dado recebeu uma cadeia de código e iniciou sempre com o abre parênteses, exigência do pacote estatístico. (GREGORY e ZILLES, 2007). Na sequência inserimos os códigos que significam: G – ocorrência de ‘a gente’; Z – Realização Isolada (Paralelismo Formal); R – Pretérito Imperfeito (Tempo Verbal); T – Grupo Grande (eu-ampliado); M – Mulher(Sexo); 1 – 18 a 30 anos (Faixa etária); m – Nível Médio(Escolaridade)

¹² Corresponde “aos grupos, valores e Default. Cada grupo tem um Default, um fator que deve ser um dos fatores daquele grupo. Pode ser qualquer fator, é apenas uma referência para o programa saber qual o fator mais esperado por você. Confira se os grupos têm pelo menos 2 fatores e se os valores estão corretos”. (OLIVEIRA, 2014, p.10).

¹³ “Em que constam todos os grupos” (OLIVEIRA, 2014, p.10).

¹⁴ “Primeiro arquivo de resultados, informa a quantidade de ocorrências e os percentuais para cada variante em relação a cada fator considerado nos grupos de fatores” (OLIVEIRA, 2014, p. 15)

É neste primeiro arquivo que corrigimos os *nocautes*¹⁵ (KnockOuts) e *Singleton Groups*¹⁶. Feitas as correções e ajustes o arquivo foi submetido à rodada final para cálculo dos *pesos relativos*¹⁷.

Scherre, (2012, p. 04) destacou que o “GOLDVARB X só efetua a análise de pesos relativos de duas variantes (binominal), em um nível (one level) ou em múltiplos níveis (*up and down*), mas calcula as frequências absolutas e relativas brutas de até nove variantes na variável dependente.”

Para o cálculo dos pesos relativos, no *arquivo de porcentagens*²⁵ (res) clicamos em Binominal (*up and down*) e o resultado foi gerado logo abaixo do arquivo de porcentagens, destacando os grupos de fatores relevantes e os eliminados, os pesos relativos para cada fator percentual, a *significância*¹⁸ que é o nível de confiabilidade dos resultados.

Finalizamos este capítulo abordando todo o caminho metodológico adotado para a realização da pesquisa destacando o perfil dos informantes, a localidade que foi investigada, assim como o método adotado. Além disso, apresentamos as variáveis independentes que foram controladas, assim como as hipóteses estabelecidas, as quais puderam ser confirmadas ou não no capítulo seguinte: apresentação e análise dos dados.

¹³ “Em que constam todos os grupos” (OLIVEIRA, 2014, p.10).

¹⁴ “Primeiro arquivo de resultados, informa a quantidade de ocorrências e os percentuais para cada variante em relação a cada fator considerado nos grupos de fatores” (OLIVEIRA, 2014, p. 15)

¹⁵ “Acontece sempre que há regra categórica 0% ou 100% dos dados em algum fator”. (OLIVEIRA, 2014, p.12). Destaque-se que, nesta análise não ocorreram nocautes, pois o grupo de fatores que apresentou nocautes foi retirado da análise por sugestão da Banca de Qualificação.

²³ “Grupo que contém apenas um fator” (OLIVEIRA, 2014, p12).

¹⁶ Quanto mais próximo de 1,0, maior o peso relativo do fator, isto é, maior o efeito dele sobre a variante escolhida como aplicação da regra; quanto mais próximo de 0,0, menor o peso relativo, ou seja, menor a força de atuação desse fator na escolha daquela variante; próximo ao valor de 0,5, temos o **ponto neutro** – pesos relativos próximos a esse valor indicam que o grupo de fatores tem pouco efeito sobre a aplicação da regra variável. (COELHO et.al, 2012, p.139)

¹⁷ “Novo arquivo de células” (OLIVEIRA, 2014, p.25).

¹⁸ “Para as ciências humanas, o nível máximo aceitável é de 0,050.” (OLIVEIRA, 2014, p. 35).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados desta pesquisa sobre a ocorrência das formas pronominais *nós* e *a gente*, primeira pessoa do plural, a partir dos dados linguísticos coletados mediante entrevistas, envolvendo a participação de onze informantes. Reiteramos que a amostra ficou comprometida em virtude do momento pandêmico da Covid-19 vivenciado no mundo, no Brasil, na região Norte, no Amazonas, e em Benjamin Constant, inviabilizando, assim, a coleta de mais dados linguísticos sobre o fenômeno em estudo. Por conta disso, participaram da pesquisa onze informantes selecionados de acordo com o perfil previamente estabelecido.

Os informantes escolhidos para participar desta pesquisa são moradores da cidade de Benjamin Constant – Amazonas, localizada na tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru). Para que pudessem participar da pesquisa, foram estratificados por sexo, masculino e feminino; por faixa etária, sendo distribuídos entre três faixas etárias (de 18 a 30 anos; de 31 a 50 anos e de 51 a 65 anos); e por escolaridade, conforme o parâmetro Fundamental 1, Fundamental 2 e Ensino Médio Completo.

Abordamos, inicialmente, a apresentação dos resultados do emprego de *nós* e *a gente*, destacando a frequência e a porcentagem de cada variante. Na sequência, abordamos a apresentação e discussão dos fatores linguísticos e sociais do fenômeno em variação elencados para este estudo, destacando quais deles interferem na ocorrência das variantes, e fizemos a análise dos resultados probabilísticos fornecidos pelo programa estatístico *GoldVarb X*.

4.1 Resultados percentuais das ocorrências das formas *nós* e *a gente*

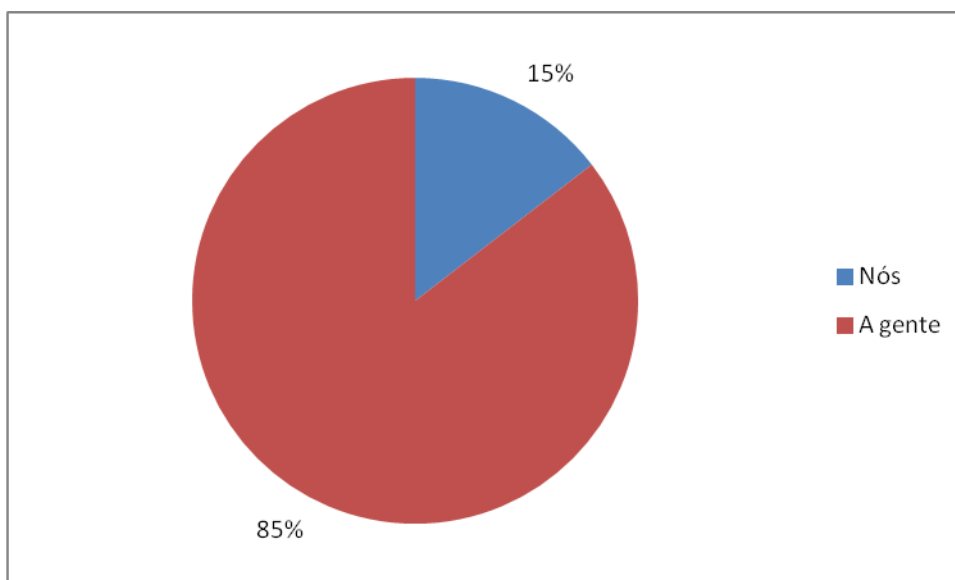
Os dados obtidos na pesquisa inicial somam um total de 275 (duzentos e setenta e cinco) ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito na fala benjamin-constantense, os quais ficaram distribuídos em 40 (quarenta) ocorrências para o pronome *nós* e 235 (duzentos e trinta e cinco) para *a gente* (explícitos ou não) conforme apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1 Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito

Pronome	Número de dados
Nós	40
A gente	235
TOTAL	275

A Tabela 1 apresenta a forma pronominal preferida pelos falantes benjamin-constantenses, referindo-se à primeira pessoa do plural na posição de sujeito, com um percentual de ocorrência em 15% para *nós* e em 85% para *a gente*, conforme ilustrado no Gráfico 1:

Gráfico 1 Percentuais de ocorrência de *nós* e *a gente* na função de sujeito



Esse resultado confirma a hipótese inicial de nossa pesquisa: a preferência dos falantes pelo uso da forma inovadora *a gente*. Essa mesma tendência já havia sido constatada nas pesquisas de Omena (1996, apud MUNIZ, 2008), Lopes (1998), Seara (2000), Franceschini (2011).

Em relação às ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* na fala Benjamin-Constantense, foram constatadas as realizações abaixo listadas (MUNIZ, 2008):

1) Forma *nós* explícita com verbo na 1ª pessoa do plural;

(21) Agora que *nós viemo* pra cá morar aqui mesmo de uma vez. (H1F1EF2)

2) Forma *nós* explícita com verbo na 3ª pessoa do singular;

(22) *Nós brincava* no nosso quintal, entendeu? (H2F1EM)

3) Forma *nós* não explícita apresentando o verbo com a desinência da 1ª pessoa do plural;

(23) Desde que *cheguemo* aqui era só um caminhozinho, *nós caçava* água... (M4F2EF1)

4) Forma *a gente* explícita com verbo na 3ª pessoa do singular;

(24) *A gente brincava* de bolinha, de peteca, bola, essas coisas todas.
(H4F3EM)

5) Forma *a gente* não explícita apresentando o verbo na 3ª pessoa do singular;

(25) ... *brincava* aí mesmo. (M2F1EM)

6) Forma *a gente* explícita com verbo na 1ª pessoa do plural.

(26) Aí *a gente* cheguemo, quer dizer, no meu tempo eu só cheguei até na ... no tempo da palmatória, risos. (M5F2EM)

No exemplo 21, o entrevistado discorreu que já havia morado em outros bairros antes de morar no bairro em que se encontrava atualmente. No exemplo 22, o informante informa onde brincava com suas irmãs. Já o exemplo 23, a entrevistada descreveu como era o bairro em que ela mora atualmente, na época em que se mudou para lá. O Exemplo 24, o entrevistado informou os tipos de brincadeiras que brincava com os irmãos. No exemplo 25, a entrevistada discorreu que as famílias mudaram muito, pois antigamente não podiam sair, ir para festa, era mais rígido, e tinham que brincar em casa mesmo. No exemplo 26, a entrevista descreve como foi o início dela na escola, das lembranças, das brincadeiras.

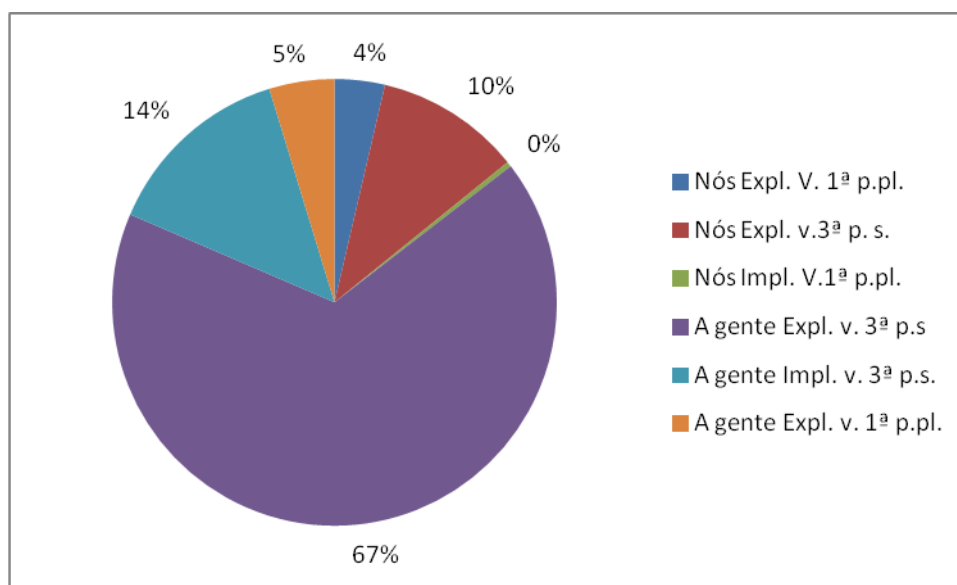
Sintetizamos através da Tabela 2 as realizações ocorridas na fala benjamin-constantense, conforme Muniz (2008). Notamos que entre as possíveis realizações, para as formas *nós* e *a gente*, a empregada com mais frequência foi a realização 'A *gente* explícita com verbo na 3ª pessoa do singular', com 184 ocorrências. Percebemos também a realização 'A *gente* implícita com verbo na 3ª pessoa do singular que teve 38 realizações.'

Tabela 2 Realização do emprego das formas *nós* e *a gente* na função de sujeito

Parâmetro	<i>Nós</i> (frequência)	<i>A gente</i> (frequência)
Verbo na P4 com <i>nós</i> ou <i>a gente</i> na forma explícita	10	13
Verbo na P3 com <i>nós</i> ou <i>a gente</i> na forma explícita	29	184
Verbo na P4 com <i>nós</i> na forma implícita	1	
Verbo na P3 com <i>a gente</i> na forma implícita		38
Total	40	235

No Gráfico 2 abaixo, mostramos os percentuais das realizações pronominais *nós* e *a gente* ocorridas na fala dos informantes benjamin-constantenses. Destacamos que das possíveis realizações propostas, as três mais frequentes foram: a forma *a gente* explícita com verbo na 3ª pessoa do singular com 67% das ocorrências; a forma *a gente* implícita, apresentando o verbo na 3ª pessoa do singular, com 14% das ocorrências; e a forma *nós* explícita com verbo na 3ª pessoa do singular, com 10% das realizações.

Gráfico 2 Percentuais das realizações das formas *nós* e *a gente*

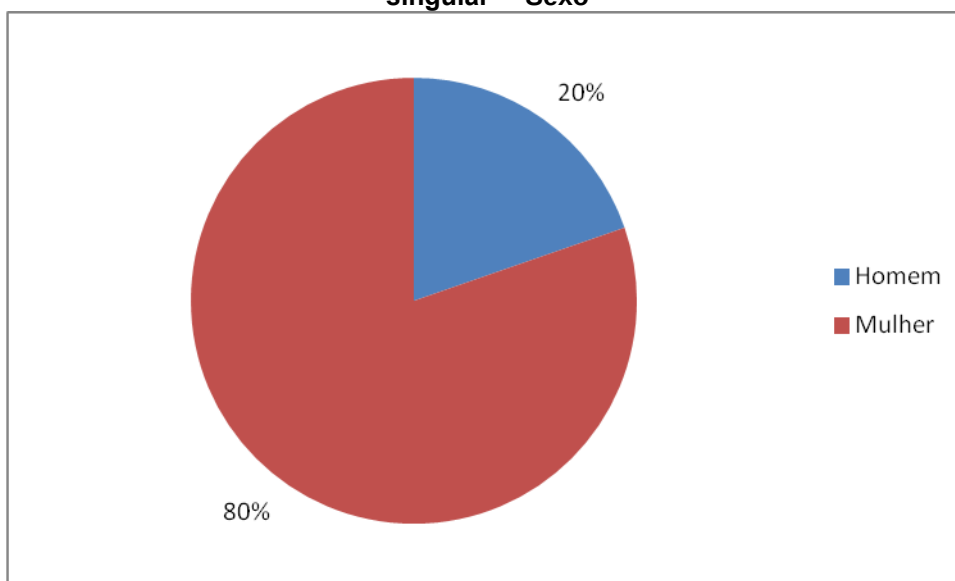


Esse resultado se assemelhou ao que foi pesquisado por Omena (1986; 1996, apud VIANNA e LOPES, 2015), pois naquele estudo, a autora identificou que das ocorrências realizadas, 73% dos cariocas entrevistados empregavam, em sua fala, a expressão inovadora *a gente*.

Resultado semelhante foi encontrado em Silva e Camacho (2017), em seu artigo intitulado “Os pronomes *nós* e *a gente* no português falado em Rio Branco”, em que houve um percentual de ocorrência em 76,7% para a variante *a gente*.

Ainda sobre a realização ‘*A gente* explícita com verbo na 3ª pessoa do singular’ no emprego das formas pronominais *nós* e *a gente*, na posição de sujeito, outro fator que chamou a atenção foi o emprego expressivo da forma *a gente* pelas mulheres, sendo que do total de 184 ocorrências realizadas, 147 (cento e quarenta e sete) foram realizadas por elas e 37 (trinta e sete) foram realizadas por homens, confirmando que a preferência pelo uso da forma inovadora é delas.

Gráfico 3 Percentuais de uso da forma “A GENTE explícita com verbo na 3ª pessoa do singular” –Sexo



O Gráfico 3 apresenta a porcentagem em relação ao emprego da forma ‘*A gente* explícita com verbo na 3ª pessoa do singular’, segundo a variável social sexo. Os dados estatísticos mostram que 80% das ocorrências da forma *a gente* foram obtidos na fala das mulheres, enquanto os 20% restantes foram obtidos na fala dos homens. O exemplo (22) mostra a ocorrência da forma *a gente* na fala de uma das informantes desta pesquisa:

(27) A gente **brincava** no terreiro, na época era terreiro. A gente **brincava** de peteca, de pião, de roda... (M4F2EF2)

(28) A gente vai pro banho, a noite é pizzaria, lanche e quando dá, assim, pra festa, às vezes. (M2F1EM)

No exemplo (27), destacamos que a entrevistada sempre brincou com brinquedos, que geralmente eram mais usados pelos meninos, pois ela era a única menina entre os irmãos. No exemplo (28) a entrevistada discorre o que faz com a família nos momentos de lazer.

Comparando com o resultado da pesquisa feita por Silva e Camacho (2017), o fator sexo também foi relevante. De acordo com esses autores, a forma inovadora *a gente* estava presente no discurso tanto de homens quanto de mulheres, com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 68% e em 82%. Ao considerar os pesos relativos, nessa pesquisa, a variante *nós* obteve (0.61) na fala dos homens;

enquanto na fala das mulheres, a variante *a gente* obteve peso relativo (0.58), sendo, portanto, a forma mais expressiva.

Essas informações acerca da tendência utilizada pelos informantes desta pesquisa foram importantes para auxiliar a análise e também para conhecermos a norma de uso utilizada pelos falantes benjamin-constantense.

Em relação aos grupos de fatores que foram controlados nesta pesquisa para as variantes *nós* e *a gente*, quatro foram considerados estatisticamente significativos, de acordo com o programa *GoldVarb X*, e por ordem de relevância foi: Paralelismo Formal; Sexo; Escolaridade; Faixa Etária. Em se tratando dos grupos eu-ampliado e Tempo Verbal, estes foram descartados pelo programa.

4.2 Análise das variáveis linguísticas e sociais selecionadas

As variáveis linguísticas e sociais selecionadas, na análise da variação *nós / a gente*, pelo programa estatístico *GoldVarb*, foram o Paralelismo Formal, Sexo, Escolaridade e Faixa Etária. A seguir, destacamos os dados obtidos na pesquisa acerca da variável selecionada.

4.2.1 Paralelismo Formal

O paralelismo formal foi a primeira variável linguística estatisticamente selecionada, pelo programa, na primeira rodada. Essa variável consiste na repetição, pelo falante, das variantes de uma mesma variável dependente. Para análise desta variável, foram considerados os fatores: Primeiro da Série, Realização Isolada, Antecedido por *a gente*; antecedido por *nós* (MUNIZ, 2008). Os resultados destes fatores do Paralelismo Formal para as formas pronominais *nós* e *a gente* constam na Tabela 3:

Tabela 3 Resultados de *nós / a gente* na posição de sujeito: Paralelismo Formal

Fatores	A GENTE			NÓS		
	Apli./Total	Freq. %	P.R.	Apli./Total	Freq. %	P.R.
Primeiro da Série	56/65	86%	.25	9/65	14%	.75
Realização Isolada	43/57	75%	.23	14/57	25%	.77
Antecedido por “a gente”	134/135	99%	.84	1/135	1%	.16
Antecedido por “nós”	2/16	11%	.01	16/18	89%	.99
Total Significância .013	235/275	86%		40/275	14%	

Os resultados, segundo os pesos relativos, mostram uma tendência, por parte do falante, na repetição do pronome *nós* e *a gente* quando o antecedente formal foi o mesmo, sendo o peso relativo (.84) para *a gente* e (.99) para *nós*.

Em relação aos fatores ‘primeiro da série’ e ‘realização isolada’ foram favorecidos pelo pronome *nós* (.75) e (.77), respectivamente; e desfavorecidos por *a gente* (.25) (.23), *respectivamente*.

Apresentamos abaixo alguns exemplos dos fatores investigados: Primeiro da Série (24), Realização Isolada (25), Antecedido por “a gente” (26) e Antecedido por “nós” (27).

(29) *A gente* brincava de bola, $\emptyset$ tomava banho no igarapé. (M4F2EF2)

(30) *A gente* vai lá de vez em quando. (M5F2EM)

(31) *A gente* vai assim, *a gente* vai prum passeio, *a gente* vai pra Tabatinga, *a gente* vai pro pai dela, *a gente* vai pras tias, *a gente* passeia mesmo por lá. Aqui, *a gente* quase não sai porque aqui é muito movimentado... (M5F2EM)

(32) *Nós* que apoiemo ela a viajar com ele porque ficaram aí ameaçando ele e *nós* fiquemo com medo e deixemo ela viajar com ele também. (M3F2EF1)

No exemplo (29), a entrevistada iniciou a fala com a forma inovadora *a gente* (Primeiro da série), referindo-se a ela e às colegas de infância. Na sequência, identificamos a forma pronominal inovadora pela presença do verbo na 3ª pessoa do singular, referindo-se ao que realizavam na infância. (critério estabelecido no tópico - 4.4.2.1 Paralelismo formal).

Já no exemplo (30), a informante relatou que visitava os parentes que moravam em outros municípios, empregando, nesse exemplo, o fator ‘realização isolada’. (critério estabelecido no tópico 4.4.2.1 - Paralelismo formal).

No exemplo (31), a informante relatou o que ela e a filha faziam nas horas de lazer. Observamos, nesse exemplo, que a informante empregou o fator ‘antecedido por *a gente*’, pois a variante foi repetida várias vezes no discurso. (Critério estabelecido no tópico 4.4.2.1 - Paralelismo formal).

Já no exemplo (32), a entrevistada relatou uma situação vivenciada pela família. Percebemos, no exemplo, o fator ‘antecedido por *nós*’, a repetição da mesma variante *nós* em todo o enunciado. (critério estabelecido no tópico 4.4.2.1 - Paralelismo formal).

Resultado semelhante foi apresentado por Vitório (2017) em sua pesquisa intitulada “A realização dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL”. Nesse estudo, a autora destacou que a variável linguística Paralelismo Formal foi considerada pelo programa estatístico como relevante; e que o fator ‘Antecedido por *a gente*’ contribuiu para o emprego da forma inovadora *a gente*, apresentando um P.R. de .82.

Segundo Lopes (1996, p.118-119, apud MUNIZ, 2008),

Em primeiro lugar, existe um paralelismo formal, o falante tendendo a repetir a mesma forma numa sequência discursiva (...). Isto indica que a probabilidade de usar “*a gente*”, ao invés de “*nós*”, é significativamente quando o falante utiliza também “*a gente*” em oração antecedente.

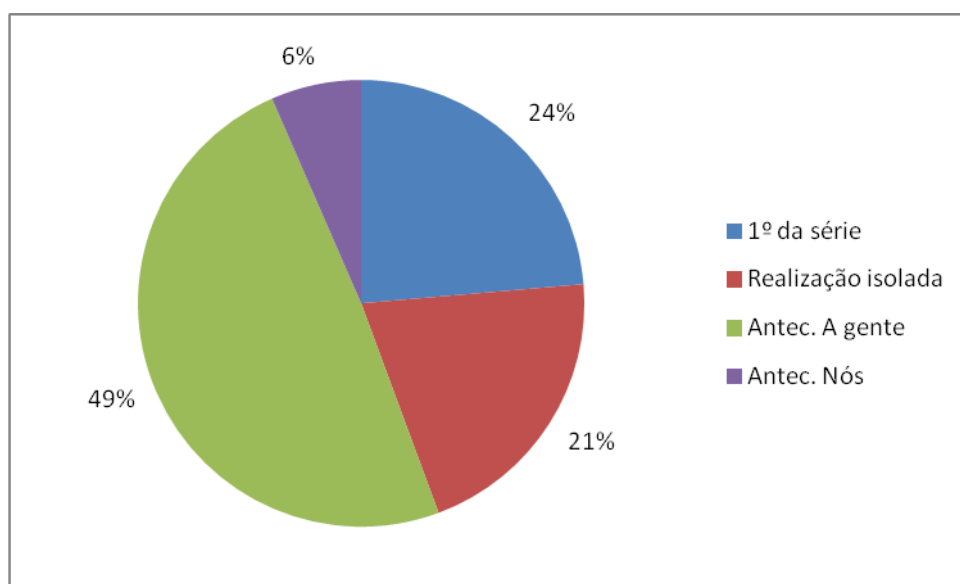
O mesmo ocorreu com o emprego do pronome *nós*, ou seja, quando a referência a primeira pessoa empregou a forma *nós*, a sequência discursiva também tendeu a seguir com a mesma forma pronominal, no caso a expressão *nós*.

De acordo com Omena (1996, apud MUNIZ, 2008), o que pareceu influenciar foram os mecanismos de repetição usados pelo falante, no intuito de manter uma coesão discursiva.

Acerca da sequência discursiva, Cunha (1996, apud MUNIZ, 2008, p.108) afirmou que uma vez que o falante escolhe a sua forma, o modo repetição é ativado, e que, esse falante repete a quantidade de vezes necessárias para seu uso, ou seja, desde que seu emprego esteja atendendo a condições pragmáticas específicas como grau de comprometimento com o discurso e as condições interativas até que o contexto determine o uso de outra.

No Gráfico 4 abaixo, ilustramos os percentuais de uso dos fatores do Paralelismo Formal:

Gráfico 4 Percentuais das formas nós e a gente na variável Paralelismo Formal



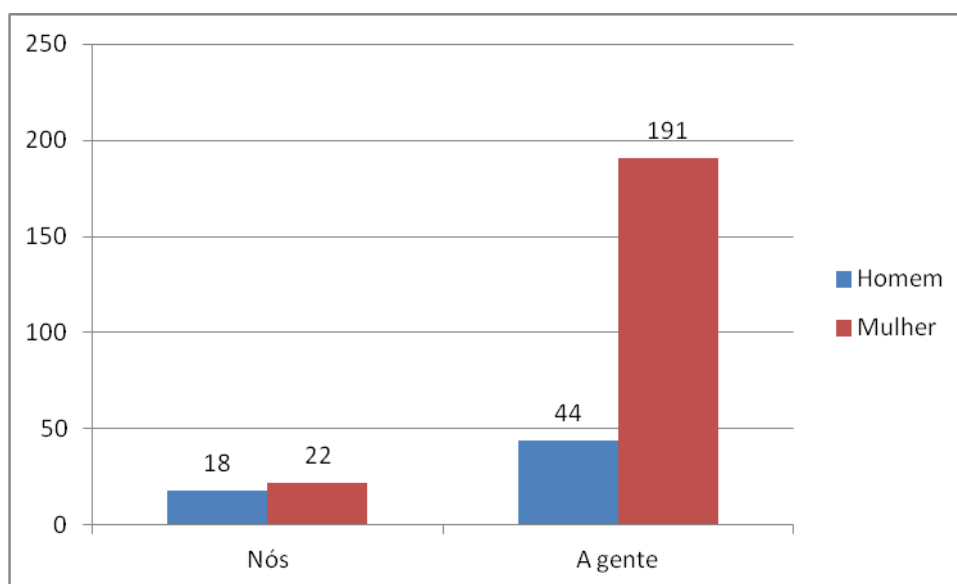
Percebemos que das 275 ocorrências realizadas na fala benjamin-constantense, envolvendo as variantes *nós* e *a gente*, o fator 'Antecedido por a gente' foi o mais empregado, com 49%, confirmando a hipótese da pesquisa para essa variável.

4.2.2 Sexo

A variável social sexo foi selecionada na segunda posição pelo programa estatístico *GoldVarb*. Apresentamos no Gráfico 5 a seguir, as ocorrências pronominais de /*nós*/ na fala benjamin-constantense.

Das 275 ocorrências, 213 foram constadas na fala de mulheres, e 62 na fala de homens, apresentando percentuais de ocorrências em 77% e em 23%, respectivamente (ver Gráfico 5).

Gráfico 5 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito segundo o fator sexo



Na Tabela 4, apresentamos os resultados para as variantes pronominais de /nós/, os quais foram obtidos do GoldVarb X.

Tabela 4 : Resultados de nós / a gente na posição de sujeito: Sexo

Fatores	A GENTE			NÓS		
	Apli./Total	Freq. %	P.R.	Apli./Total	Freq. %	P.R.
Homem	44/62	71%	.26	18/62	29%	.74
Mulher	191/213	90%	.58	22/213	10%	.42
Total	235/275	86%		40/275	14%	
Significância .013						

Percebemos, conforme visualização dos dados percentuais na Tabela 4, que tanto as mulheres quanto os homens empregaram mais, na fala, a forma pronominal *a gente*. O parâmetro *mulher* obteve 90% das ocorrências, enquanto o parâmetro *homem* obteve 71%. Em relação ao emprego do pronome *nós*, a frequência maior foi para o fator *homem* com 29% das ocorrências, e apenas 10% das ocorrências foi para o fator *mulher*.

Ao se verificar os pesos relativos, constatamos que as mulheres tendem a empregar mais a forma *a gente*, cujo peso relativo é (.58), enquanto os homens empregam mais o pronome *nós*, cujo peso relativo é (.74). O fator *homem* desfavorece o uso da variante *a gente* ao apresentar peso relativo (.26). Já o fator *mulher* desfavorece, por sua vez, o emprego da forma *nós* ao apresentar peso relativo (.42).

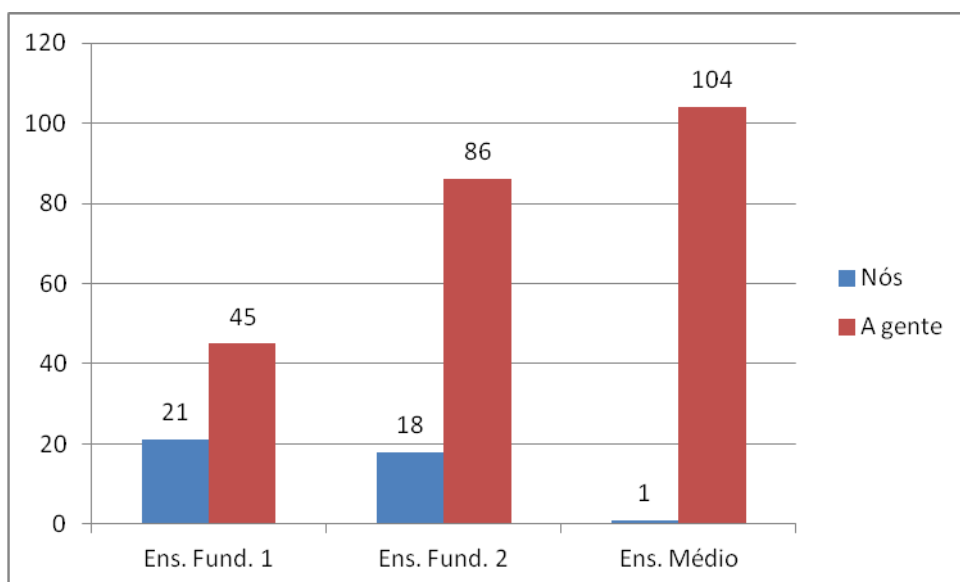
Os autores Laureano (2003), Monteiro (1994), Lopes (1996), Omena (1996, apud MUNIZ, 2008) apontam, em suas obras, maior propensão do parâmetro feminino para o uso da variante *a gente*. Monteiro (1994, apud MUNIZ, 2008) apontou também na fala culta, que a forma *a gente* tem maior uso entre as mulheres, e sugeriu que entre elas a aceitação dessa forma foi maior que entre os homens.

Portanto, as mulheres foram as que mais utilizaram em suas falas a forma *a gente*, confirmando o que foi proposto na hipótese sobre a variável social – sexo.

4.2.3 Escolaridade

Em relação à variável social Escolaridade, selecionada na terceira posição pelo programa estatístico *Goldvarb X*, a frequência relativa das variantes *nós* e *a gente*, somadas, do total de 275, ficou distribuída em 66 ocorrências, equivalentes a 24%, para o Ensino Fundamental 1; 104 ocorrências, equivalentes a 38%, para o Ensino Fundamental 2; e 105 ocorrências, equivalentes a 38%, para o Ensino Médio Completo (Visualizar dados no Gráfico 6):

Gráfico 6 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito: Escolaridade



Conforme Gráfico 6, a forma pronominal *a gente* foi a mais empregada em todos os níveis de escolaridade. Já o pronome *nós* foi mais empregado pelos falantes do Ensino Fundamental 1 e menos empregado pelos falantes do Ensino Médio.

Sobre essa preferência, Duarte (1995, apud SEARA, 2000, p. 181) também fez referência ao desaparecimento do pronome *nós* em favor da forma *a gente*,

[...] através da perda, em grande parte do território nacional, da segunda pessoa direta representada por *tu* e *vós*, substituída pela segunda pessoa indireta, que usou a forma verbal de 3ª pessoa, e por um lento desaparecimento do pronome *nós*, substituído pela expressão *a gente*, que usou igualmente a forma verbal de 3ª pessoa.

Apresentamos, na Tabela 5, os resultados para as formas pronominais *nós* e *a gente* para a variável escolaridade:

Tabela 5 Resultados de nós / a gente na posição de sujeito: Escolaridade

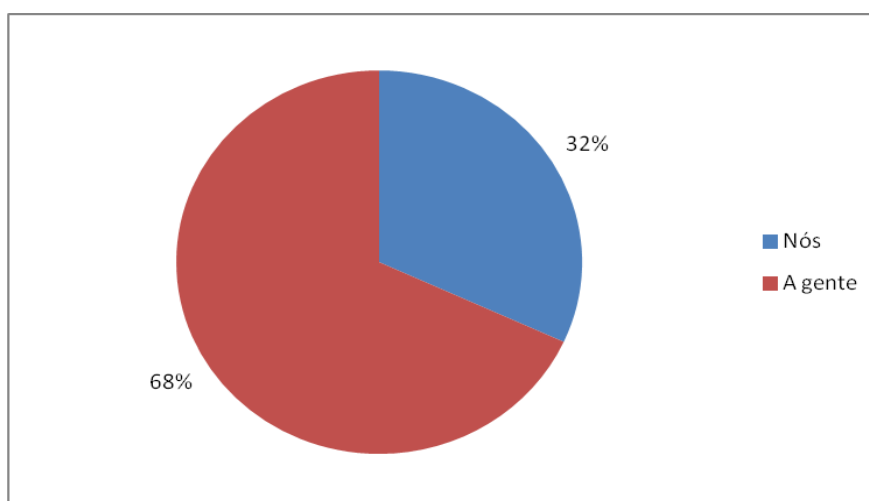
Fatores	A GENTE			NÓS		
	Apli./Total	Freq. %	P.R.	Apli./Total	Freq. %	P.R.
Ensino Fundamental 1	45/66	68%	.05	21/66	32%	.95
Ensino Fundamental 2	86/104	83%	.20	18/104	17%	.80
Ensino Médio	104/105	99%	.96	1/105	1%	.04
Total	235/275	86%		40/275	14%	
Significância .013						

Conforme visualização dos dados na Tabela 5, a forma pronominal *a gente* foi frequente em todos os níveis de escolaridade, apresentando incidência maior no Ensino Médio com 99% das ocorrências. Já o pronome *nós* foi frequente no Ensino Fundamental 1 (32%) e praticamente não foi empregado no Ensino Médio (1%).

Os resultados em pesos relativos destacam que o Nível Médio favoreceu o uso da forma *a gente* (.96); e que o Ensino Fundamental 1 e 2 favoreceram o emprego do pronome *nós* (.95) e (.80), respectivamente; e, ainda, o pronome *nós* foi desfavorecido no Ensino Médio (.04), enquanto a forma pronominal *a gente* foi desfavorecida no Ensino Fundamental 1.

Destacamos que o Ensino Fundamental 1 foi o que mais apresentou em suas ocorrências, o emprego da forma pronominal *nós*, ou seja, das 66 (sessenta e seis) ocorrências, 21 (vinte e uma) foram para o pronome *nós*, conforme visualização no Gráfico 7.

Gráfico 7 Percentuais “nós” e “a gente” na função de sujeito no Ensino Fundamental I



Na ilustração do Gráfico 7, percebeu-se que os entrevistados menos escolarizados utilizaram a forma *a gente*, como forma preferencial, mas que também utilizaram em suas falas o emprego da forma denominada padrão *nós*. Acerca disso, Omena (1996, apud SEARA, 2000, p.191), destacou que:

- a) Ser, no primário, justamente no 4o ano, que se inicia “o estudo sistemático da conjugação verbal”, daí o favorecimento então da variante *nós*;
- b) [...]

Cabe ressaltar que entre os entrevistados de nossa pesquisa, nesse nível de escolaridade Ensino Fundamental I, tivemos alguns entrevistados que frequentaram a escola por 1 (um) ou 2 (anos) anos.

Em relação ao Ensino Fundamental II, os entrevistados benjamin-constantenses também favoreceram o uso da forma *a gente*. E esse resultado também foi encontrado na pesquisa de Omena (1996, apud SEARA, 2000, p.191), que apontou como causas desse comportamento:

- a) [...]
- b) Ser, no colegial, a forma *a gente* sentida quase como gíria. Assim sabendo-se que não é raro adolescentes e universitários usarem mais gírias do que os demais falantes para terem uma maior identificação com o grupo, não se estranha ter-se uma maior tendência ao uso de *a gente* nesta faixa de escolaridade.

Acerca desse resultado, destacamos Silva & Paiva (1996, apud SEARA, 2000) que, na pesquisa deles, constatou que os falantes de maior escolarização

tendiam a privilegiar mudanças que implementavam uma forma socialmente aceita que é justamente o que ocorre em nossos dados com a variante *a gente*.

O resultado encontrado contrariou o que foi proposto na hipótese, pois se acreditou que a escolaridade influenciaria na realização das formas *nós* e *a gente*, ou seja, quanto maior o nível de escolaridade mais o falante se aproximaria da forma padrão *nós*; e quanto menor o nível de escolaridade, menor o uso da forma padrão *nós*.

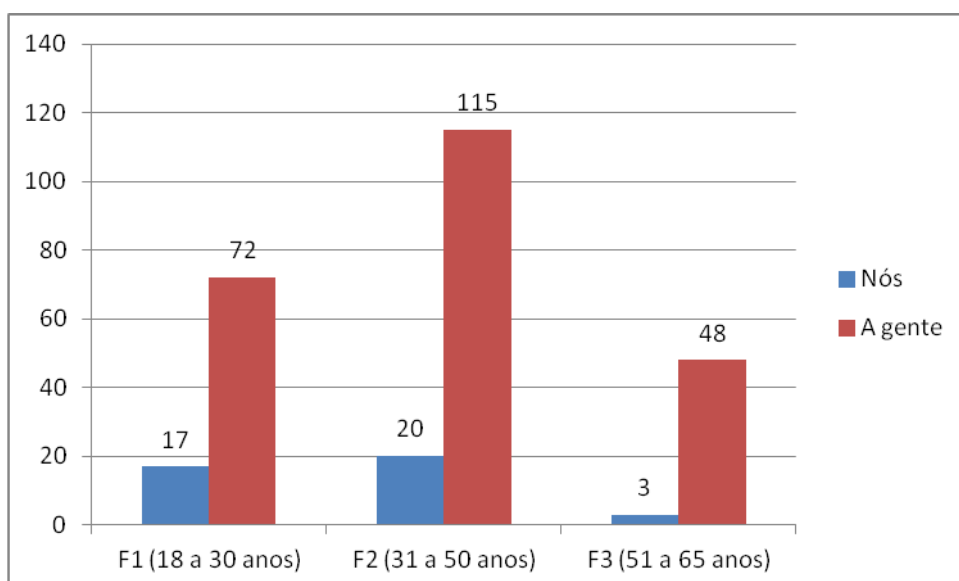
4.2.4 Faixa Etária

Para Vitório, (2017) a variável social faixa etária foi caracterizada como um grupo de fatores de grande relevância para os estudos sociolinguísticos.

Nesta pesquisa, investigamos três faixas etárias, distribuídas em F1 (18-30 anos), F2 (31 a 50 anos) e F3 (51 a 65 anos) e investigamos como ocorreu o emprego das formas *Nós* e *A gente* na fala Benjamin-Constantense. Para fins de compreensão desta análise, classificamos a F1(18-30) para faixa etária jovem; F2 (31-50) para faixa etária intermediária; F3 (51-65) para faixa etária de idade mais avançada.

Conforme visualização dos dados no Gráfico 8, a soma das realizações pronominais de *nós* e *a gente* são: 89 ocorrências (32%) para a F1 (18-30 anos); 135 ocorrências (49%) para a F2 (31 a 50 anos); e 51 ocorrências (19%) para a F3 (51 a 65 anos).

Gráfico 8 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito: Faixa Etária



Em todas as faixas etárias houve predominância numérica da forma pronominal *a gente*, tendo maior representatividade na F2 (31-50 anos). A incidência menor da variante pronominal *nós* aconteceu na F3 (51-65 anos), apresentando 3 ocorrências apenas, enquanto na F1 (18-30 anos) e F2 (31-50 anos) a incidência foi de, respectivamente, 17 e de 20.

Os resultados em relação à faixa etária gerados pelo *GoldVarb X* foram listados na Tabela 6.

Tabela 6 Resultados de nós / a gente na posição de sujeito: Faixa Etária

Fatores	A GENTE			NÓS		
	Apli./Total	Freq. %	P.R.	Apli./Total	Freq. %	P.R.
F1 (18-30 anos)	72/89	81%	.14	17/89	19%	.85
F2 (31-50 anos)	115/135	85%	.70	20/135	15%	.30
F3 (51-65 anos)	48/51	94%	.70	3/51	6%	.30
Total	235/275	86%		40/275	14%	
Significância .013						

Conforme dados descritos na Tabela 6, identificamos que todas as faixas etárias utilizaram mais em suas falas a forma pronominal *a gente*, sendo a F3 (51-65 anos) a que apresentou percentual de ocorrência maior em 94%. Em relação às ocorrências em número percentual do pronome *nós*, a F1(18-30 anos) apresentou 19%, sendo o *nós* mais frequente nessa faixa, e a F3 (51-65 anos) apresentou 6%, sendo o *nós* menos frequente nessa faixa.

Os resultados em pesos relativos destacaram que a probabilidade de uso do pronome *nós* é superior ao uso da forma *a gente* (.85 contra .14) na faixa etária jovem.

Em relação ao pronome *a gente*, a probabilidade de uso dessa forma é maior do que o uso da forma *nós* (.70 contra .30) na faixas etária intermediária e de idade mais avançada (acima de 51 anos).

Com esse resultado, refutamos o que foi proposto na hipótese da variável social faixa etária, visto que foi sugerido que os falantes mais jovens empregariam com mais frequência a forma inovadora *a gente*.

Após a análise dos resultados em gráficos e tabelas, envolvendo variáveis extralinguísticas, concluímos que:

Sexo – as mulheres empregaram com mais frequência à forma pronominal *a gente* (.58); já os homens empregaram mais o pronome *nós* (.74).

Escolaridade – o uso do pronome *a gente* foi favorecido no Ensino Médio (.96) e desfavorecido no Ensino Fundamental 1 (.05); enquanto o pronome *nós* foi favorecido no Ensino Fundamental 1 (.95) e desfavorecido no Ens. Médio (.04)

Faixa etária – o uso da forma pronominal *a gente* foi mais favorecida nas faixas etárias intermediária e acima de 51 anos (.70) do que na faixa jovem (.14). Já o pronome *nós* foi mais favorecido na faixa etária jovem (.85) do que na faixa etárias Intermediária e acima de 51 anos (.30).

4.3 Variáveis linguísticas e sociais não selecionadas

Acerca das variáveis linguísticas que não foram selecionadas pelo programa estatístico, os resultados apresentados foram descritos nos subtópicos seguintes.

4.3.1 Aspecto Verbal

O Aspecto verbal não foi selecionado como relevante para pesquisa, de acordo com o programa estatístico *GoldVarb X*, embora, em outros estudos, essa variável tenha sido bastante relevante na ocorrência de *nós* ou de *a gente*.

Nesta pesquisa, para as realizações pronominais da variável linguística */nós/* em *nós* e em *a gente*, na função de sujeito, controlamos os tempos verbais: presente, pretérito perfeito e imperfeito do Modo Indicativo, o mais empregado na fala benjamin-constantense. Destacamos ainda que para esta pesquisa, analisamos os tempos verbais descritos, em virtude de as entrevistas apresentarem, em sua maioria, relatos ou experiências pessoais e passadas, conforme Seara (2000).

Apresentamos na Tabela 7, as ocorrências realizadas com as formas *nós* e *a gente* na variável linguística Tempo Verbal.

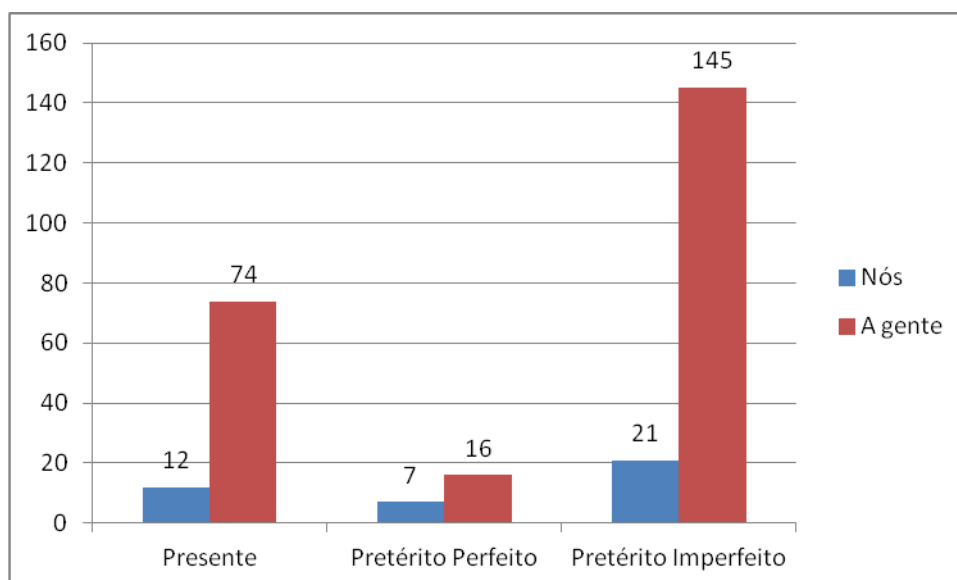
Tabela 7 Realização de Nós / A gente na posição de sujeito: Aspecto Verbal

Grupo de Fatores	A gente		Nós	
	Apli./Total	%	Apli./Total	%
Aspecto Verbal				
Presente	74/86	86%	12/86	14%
Pretérito Perfeito	16/23	70%	7/23	30%
Pretérito Imperfeito	145/166	87%	21/166	13%
Total	235/275	86%	40/275	14%

De acordo com os dados descritos na Tabela 7, constatamos que o tempo verbal Pretérito Imperfeito com 87% das ocorrências, e Presente com 86% das ocorrências, foram os tempos verbais mais empregados com a forma pronominal *a*

gente; e que o tempo verbal pretérito perfeito, com 30% das ocorrências, foi mais empregado com o pronome *nós*, na fala dos entrevistados benjamin-constantenses.

Gráfico 9 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito: Tempo Verbal



Em termos de número percentual, na fala benjamin-constantense, destacamos que as variantes *nós* e *a gente* apresentaram: no tempo presente 31% das ocorrências; no tempo pretérito perfeito 8% das ocorrências; e no pretérito imperfeito 61% das realizações.

O resultado apresentado no Gráfico 9 confirmou a hipótese proposta nesta pesquisa para a variável linguística Aspecto Verbal: a de que os tempos presente e pretérito imperfeito condicionam o uso da variante *a gente*.

4.3.2 Eu-ampliado

Para análise da variável linguística Eu-ampliado, procuramos analisar os parâmetros: 1 - 'Eu ou 1 pessoa qualquer'; 2 - '2 ou 3 pessoas (eu +1 pessoa; eu + 2 pessoas)'; 3 - 'Grupo Intermediário' e 4 - 'Grupo Grande', os quais foram utilizados no estudo de Oliveira (2008). Para fins de entendimento, esclarecemos que os fatores 1 e 2 foram identificados no discurso do informante pela presença do referente na fala. Para o grupo intermediário, limitamos a situações em que as ações envolveram apenas a família (grupo familiar); e para os grupos grandes, àquelas ações que envolveram a família e a comunidade do entrevistado (grupo comunitário).

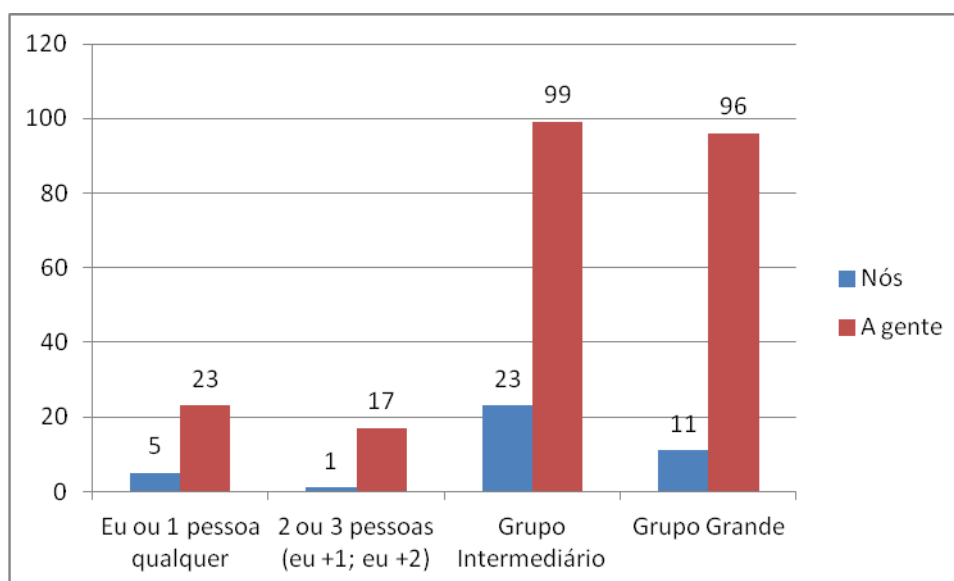
Apresentamos na Tabela 8, as ocorrências realizadas com as formas *nós* e *a gente* na variável linguística Eu-Ampliado.

Tabela 8 Realização de Nós / A gente na função de sujeito: Eu-Ampliado

Grupo de Fatores	A gente		Nós	
	Apli./Total	%	Apli./Total	%
Eu ou 1 pessoa qualquer	23/28	82%	5/28	18%
2 ou 3 pessoas (eu +1; eu +2)	17/18	95%	1/18	5%
Grupo Intermediário	99/122	81%	23/122	19%
Grupo Grande	96/107	90%	11/107	10%
Total	235/275	86%	40/275	14%

A partir dos dados dispostos na Tabela 8, percebemos que em todos os parâmetros analisados para a variável linguística Eu-Ampliado, a forma inovadora *a gente* foi mais expressiva. No Gráfico 10, é possível visualizar as ocorrências das variantes *a gente* e *nós*.

Gráfico 10 Ocorrências de nós / a gente na função de sujeito: Eu-ampliado



Em relação aos dados em número percentual resultante da soma do número de ocorrências das variantes *nós* e *a gente*, o fator Eu ou 1 pessoa qualquer foi influente em 10%, 2 ou 3 pessoas (eu +1; eu + 2) foi influente em 7%, Grupo Intermediário foi influente em 44% e Grupo Grande foi influente em 39%.

Diante dos resultados apresentados no Gráfico 10, confirmamos o que foi proposto na hipótese para a variável linguística Eu-Ampliado: que tanto o tamanho

do grupo, quanto a indeterminação ou amplitude influenciaram o uso da forma *a gente*. Destacamos ainda, que houve incidência maior da variante *a gente* em todos os tamanhos de grupos, sendo eles determinados ou indeterminados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi proposto nesta pesquisa, analisamos as realizações pronominais da variável /*nós*/, primeira pessoa do plural, em suas variantes *nós* e *a gente*, na função de sujeito, na fala de moradores da cidade de Benjamin Constant, localizada no Alto Solimões (AM). Fizemos parte desta pesquisa homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, com grau de escolarização divididos em Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio. Na realização das entrevistas com os moradores locais, percorremos os bairros Centro, Coimbra, Colônia e Cidade Nova.

As variáveis intralinguísticas controladas na análise foram: Paralelismo Formal, Tempo Verbal, Eu-ampliado; já as variáveis sociais ou grupo de fatores controlados foram: Sexo, Faixa Etária e Escolaridade.

Com os dados estatísticos fornecidos pelo programa estatístico *GoldVarb X*, obtivemos 275 (duzentos e setenta e cinco) ocorrências das realizações pronominais de /*nós*/. A partir desses dados, pudemos confirmar a hipótese inicial da pesquisa, pois foi constatada a preferência pelo emprego da forma inovadora *a gente*, com 235 (duzentos e trinta e cinco) ocorrências, equivalentes a 86% do total; enquanto o pronome *nós* apresentou 40 (quarenta) ocorrências, equivalentes a 14% das realizações ocorridas. Esse resultado assemelha-se ao resultado encontrado nas pesquisas realizadas por Vitória (2017) e por Seara (2002), pois a variante mais expressiva foi também a variante *a gente*.

Em relação às variáveis intralinguísticas e extralinguísticas que foram controladas na pesquisa pelo programa estatístico, destacamos que dos 6 (seis) grupos de fatores testados, 4 (quatro) foram selecionados como relevantes, a saber: Paralelismo Formal (variável intralinguística) e Sexo, Escolaridade e Faixa Etária (variáveis extralinguísticas).

Para a variável Paralelismo Formal, investigamos 4 (quatro) fatores - 1º da série, realização isolada, antecedido por *a gente* e antecedido por *nós*. Os resultados mostraram que o fator 'antecedido por *a gente*', apresentando peso relativo (.84), favoreceu o uso da forma *a gente*. Os fatores 1º da série, P.R (.75), realização isolada, P.R. (.77), e antecedido por *nós*, P.R. (.99), favoreceram o uso da variante *nós*.

Os dados em número percentual mostram que o fator ‘antecedido por a gente’ foi o mais empregado com 49% das ocorrências. Com esse resultado, confirmamos a hipótese sugerida para esta variável linguística, Paralelismo Formal, de que os falantes benjamin-constantenses empregam com mais frequência o fator ‘Antecedido por A gente’, em suas falas.

Em se tratando da variável social – sexo, os dados pesquisados mostram que as mulheres empregam com mais frequência a forma inovadora *a gente*, representando 77% das ocorrências. Em pesos relativos, as mulheres favorecem o uso de *a gente*, com o peso relativo (.58); enquanto os homens favorecem o uso de *nós*, sendo o peso relativo (.74). Esse resultado assemelha-se a muitas pesquisas sociolinguísticas como as de Muniz (2008) e Lopes (1998).

Em relação à variável social escolaridade, todos os níveis empregaram de forma expressiva a forma pronominal *a gente*. As ocorrências das variantes *nós* e *a gente*, em números percentuais, no Ensino Fundamental 2 e no Ensino Médio correspondem a 38% cada. O peso relativo (.96) para o fator Ensino Médio favoreceu o uso da variante *a gente*; enquanto os pesos relativos (.95) e (.80), respectivamente, para o Ensino Fundamental 1 e para o Ensino Fundamental 2, favoreceram o emprego da variante *nós*. Esse resultado contraria a hipótese levantada para essa variável, pois se esperava que quanto maior fosse o nível de escolaridade do informante, maior seria, por ele, o emprego da forma considerada padrão *nós*. Portanto, os falantes com nível médio foram os que mais empregaram em suas falas a forma inovadora *a gente*.

Sobre as faixas etárias pesquisadas, percebemos que a forma pronominal *a gente* foi empregada por todas as faixas etárias, sendo mais frequente no parâmetro Ensino Fundamental 2, com percentual de ocorrência em 49%. O resultado em pesos relativos destaca que as faixas etárias 2 (de 31 a 50 anos) e 3 (de 51 a 65 anos), ao apresentarem o mesmo peso relativo (.70), favoreceram o uso da forma pronominal *a gente*; e que a faixa etária 1 (de 18 a 30 anos) favoreceu o emprego de *nós*. Esse resultado contraria a hipótese desta variável, pois se esperava que os mais jovens (de 18 a 30 anos) empregassem mais a forma inovadora *a gente*.

Em relação às variáveis linguísticas Tempo Verbal e Eu-ampliado não selecionadas pelo programa estatístico *GoldVarb X*, destacamos que: os tempos verbais presente e pretérito imperfeito apresentaram mais ocorrências das variantes *nós* e *a gente*, somadas juntas, sendo nesses parâmetros, respectivamente, a

frequência relativa 86, correspondendo a 31%, e 166, correspondendo a 61%. Esse resultado confirmou a hipótese relativa a estas variáveis intralinguísticas: a de que os tempos verbais presente e pretérito imperfeito condicionam o uso da variante *a gente*.

Em relação ao eu-ampliado foram investigados quatro fatores: eu ou 1 pessoa qualquer, apresentando percentual de ocorrência em 10%, 2 ou 3 pessoas (eu + 1; eu + 2), apresentando percentual de ocorrência em 7%, Grupo Intermediário, apresentando percentual de ocorrência em 44%, e Grupo Grande, apresentando percentual de ocorrência em 39%. Destes fatores, os grupos Intermediário e Grande foram os que mais favoreceram o emprego da forma pronominal *a gente*. Esse resultado confirma, em parte, a hipótese para a variável intralinguística *eu-ampliado*, pois a forma *a gente* foi a mais frequente em todos os fatores e não apenas em grupos grandes e indeterminados.

Apesar das dificuldades encontradas para a realização da pesquisa, ocasionadas pelo contexto pandêmico, foi possível a concretização dos objetivos elencados na introdução deste trabalho.

Portanto, esses foram os resultados analíticos de números relativos, percentuais e de pesos relativos sobre as realizações pronominais de */nós/*, na posição de sujeito, em *nós* e em *a gente* na fala benjamin-constantense. A conclusão é a de que no português falado por moradores da cidade de Benjamin Constant (AM), a variante mais expressiva é *a gente*. É necessário, ainda, a realização de novas pesquisas sobre o mesmo fenômeno para que seja possível a descrição detalhada dos fatores intralinguísticos no português amazônico.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. -1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BARRETTO, M. M. G. S.; SALGADO, A. C. P. (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- BECKER, Fernando; MARQUES, Tânia Beatriz Iwaszko (Org). **Ser professor é ser pesquisador**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- BELINE, Ronald. **A variação linguística**. IN: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística – I. Objetos Teóricos**. 6ª. ed. Revista e atualizada. São Paulo: Contexto, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Editorial, 2004.
- BRAGA, N. A. **Variações de “A gente X nós” na fala dos habitantes Benjaminenses: flexões sobre o ensino de língua portuguesa**. Benjamin Constant. INC/UFAM, Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, 2010.
- CAUAMARI, L. C.. **Variação na concordância nominal de número na escrita de alunos de duas escolas do município amazonense Benjamin Constant**. INC/UFAM, Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, 2011.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: parábola Editorial, 2002.
- COELHO, Izete Lehmkuhl [et. al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COELHO, I. L et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 28 de fevereiro de 2020.
- FARACO, A. C. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concoórdia - SC. (Tese de Doutorado)**. UFPR: Curitiba, 2011.
- FREITAG, R. M. K; LIMA, G. O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão, SE: CESAD, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/250136718/Sociolinguistica-EaD-UFS-pdf>. Acesso em: 09 de março de 2021.

GUY, Gregory & ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de Análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HISTÓRICO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/benjamin-constant/historico>. Acesso em: 29 de fevereiro de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2020.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, M.M.P Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA, Jorge Luís de Freitas. **Oralidade e cotidiano: falares fronteiriços em Benjamin Constant – AM**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, 2014.

LOPES, C. R. dos S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. DELTA, v. 14, n. 2, p. 1-15, 1998.

_____. **A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, nº. 1 (47-80), julho de 2004.

_____. **Tópicos de história do português pelo viés da gramaticalização**. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 1 (2): 197-209, jul/dez, 2015.

MAPA DAS MESORREGIÕES DO AMAZONAS. Disponível em: <https://suportegeografico77.blogspot.com/2019/07/mapa-mesorregioes-do-amazonas.html>>. Acesso em 10 de Abril de 2020

MAPA DAS MICRORREGIÕES DO AMAZONAS. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-com-as-Microrregioes-dos-Municipios-do-Estado-do-Amazonas-que-aderiram-ao_fig1_341885048>. Acesso em 10 de Abril de 2020.

MARRA & MILANI. **Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet**. Linha d'Água, n. 25 (2), p. 67-90, 2012.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Flávia Santos. **Variação na Concordância Nominal de Números na fala dos habitantes do Alto Solimões (AMAZONAS)**. Florianópolis: UFSC, Tese de Doutorado, 2013.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

MATOS, Francisco Carlos Dantas de. **Comércio e Cultura na Fronteira: A Cultura de Consumo no Setor Varejista de Benjamin Constant**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, 2016.

MOLLICA, M. C. **Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação**. IN: MOLLICA, M. C & BRAGA, M. L (orgs.). **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação**. 2.Ed. São Paulo: Contexto, 2004

MOLLICA, M. C & BRAGA, M. L (orgs.). **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação**. 2.Ed. São Paulo: Contexto, 2004

MUNIZ, C.A.G. **Nós e a gente: traços sociolinguísticos no assentamento**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008.

NELO, M. J; QUEIROZ, N. S; GONÇALVES, G. S. **Abóbora ou Jerimum? Um estudo Semântico Lexical**. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 05, nº. 02, abr-ago, 2019. Artigo nº. 1629. Disponível em: <HTTPS://www.periodicos.claec.org.relacultdownload>. Acesso em 17/03/2021, às 2h38.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Sandra Carneiro de. **Nós e a gente em Caimbongo: aspectos sócio-históricos e sociolinguísticos de uma comunidade afro-brasileira**. Salvador, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é Linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAIVA, M. da C. de. **Transcrição de dados linguísticos**. IN: MOLLICA, M. C & BRAGA, M. L (orgs.). **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação**. 2.Ed. São Paulo: Contexto, 2004

RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R; ROCHA, M. de F.S. **Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão**. SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina, v.12, nº. 1, p.279-292, jul. 2009.

ROST SNICHELOTTO, C. A; GORSKI, E. M. **(Inter)Subjetivação de Marcadores discursivos de base verbal: Instâncias de Gramaticalização**. Alfa, São Paulo 55(2): 423-455, 2011. Disponível em <HTTPS://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4735/4040>. Acesso em: 17/03/2021, às 11h39.

SANTOS, Joab Araújo dos. **Estratégias de acesso e uso da água entre os moradores do bairro Javarizinho em Benjamin Constant/AM**. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais), Universidade Federal do Amazonas, 2018.

SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista**. Tabuleiro de Letras – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Nº. 4 – Junho de 2012.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. **Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul**. IN: MOLLICA, M. C & BRAGA, M. L (orgs.). **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação**. 2.Ed. São Paulo: Contexto, 2004

SEARA, Izabel. **A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana**. Organon. Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2000.

SILVA, A. I. C. da. **Governança ambiental e segurança alimentar: a agricultura familiar no Alto Solimões / AM**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente), Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SILVA, Caio Cesar Castro da. **A variação nós e a gente no português culto carioca**. Revista do GELNE, Piauí, v. 12, n.1, 2010.

SILVA, M. R. da; CAMACHO, R. G. **Os pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 46 (1), p.311-321, 2017.

SOUZA, A. dos S; BOTASSINI, J. O. M. **A variação no uso dos pronomes-sujeito Nós e A gente**. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós/a gente no Interior de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VIANA, Juliana Segadas e LOPES, Célia Regina dos Santos. **Variação dos pronomes nós e a gente**. In: MARTINS, Marco Antônio, ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, pág. 109 – 131.

VITÓRIO, Elyne. **A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL**. **Revistas Eletrônicas**. Porto Alegre, v.10, nº.1, p.122-138, janeiro-junho, 2017. Disponível em: [HTTP:// revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica). Acesso em: 27/06/2019.

ANEXO I – Ficha do Informante

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL /UFAM	
Ficha Social	
Nome:	Apelido:
Idade:	Sexo: M () F ()
Endereço:	
Estado Civil: Solteiro () Casado () Viúvo () Outro ()	
Local de Nascimento:	
Sempre morou em Benjamin Constant: Sim () Não ()	
Caso não seja nascido em Benjamin Constant, com que idade chegou a esta cidade?	
Caso tenha morado em outra cidade, qual o período e o local que morou?	
Escolaridade – Ano:	
Profissão:	
Local de Nascimento da mãe:	
Local de Nascimento do pai:	

Para preenchimento após a entrevista	
1. Características psicológicas do informante: () Tímido () Perspicaz () Sarcástico	
2. Espontaneidade da elocução: () Total () Grande () Média () Fraca	
3. Postura do Informante durante o inquérito: () Cooperativa () Não cooperativa () Agressiva () Indiferente	
4. Categoria Social do Informante: () A () B () C () D	
5. Grau de conhecimento entre informante e inquiridor: () Grande () Médio () Pequeno () Nenhum	
6. Interferência ocasional: () Sim () Não	Ambiente do Inquérito:
Data da Entrevista:	Duração:
Observações:	

ANEXO II – Roteiro para Entrevista

1. Há quanto tempo você mora em Benjamin Constant?
2. Sempre morou no mesmo bairro? Gosta de morar no bairro?
3. Por que você escolheu morar neste bairro?
4. O que você e sua família costumam fazer nos finais de semana?
5. O que mais gosta na cidade? Acha um bom lugar para viver / criar os filhos?
6. Fazendo uma comparação da época da sua infância / adolescência para os dias de hoje. Você acha que mudou muita coisa? O que você e suas amigas, da época, faziam / fazem para se divertir? Costumavam brincar de quê?
7. E com seus irmãos, o que faziam para se divertir? Lembra como era a casa da infância / adolescência de vocês?
8. Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para estar em casa?
9. E sobre os relacionamentos de hoje, você acha que está diferente de como era antes? Como você e suas amigas faziam para namorar naquela época?
10. E os contatos com os amigos, namorados, como eram feitos? Como faziam para se comunicar?
11. Na época da escola, o que costumavam fazer nos intervalos das aulas? Conte algo que marcou àquela época.
12. Você e sua família já passaram por alguma situação de perigo ou enfrentaram alguma doença ou passaram por algum momento de discussão? Como aconteceu?
13. Quando você está conversando, você fala mais o “nós” ou fala mais o “a gente”?
14. Qual dessas formas você acha melhor?

ANEXO III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada **A VARIAÇÃO DO SUJEITO NÓS E A GENTE NA FALA BENJAMIN-CONSTANTENSE** sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos dos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações e esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final deste documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

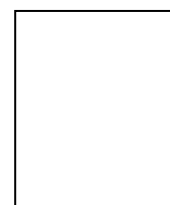
Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

_____/____-____-____
Pesquisador Data

_____/____-____-____
Orientador

APÊNDICE I -TCLE



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Profº. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

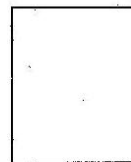
Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Adriano Mariano Ripanício

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helbia Reis Fernandes / ____ - ____ - ____

Pesquisador

Data

____ / ____ - ____ - ____

Orientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Profº. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, Lina Carla Silva de Souza, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Lina Carla Silva de Souza

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helvia Reis Fernandes - - - - -

Pesquisador

Data

_____/_____-_____-_____-

Orientador



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Profº. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

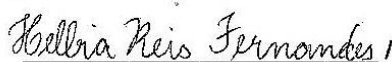
Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.


Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

 _____

Pesquisador

Data

_____/_____/_____/_____/_____/_____

Orientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Profº. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, Gilmara Ramos Guinda, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Gilmara Ramos Guinda
Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helvia Reis Fernandes - - -

Pesquisador

Data

_____/_____-_____-_____-

Orientador



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Prof^o. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

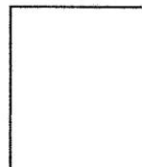
Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Thomar Bruno Gomes
Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helena Reis Fernandes / ____ - ____ - ____

Pesquisador

Data

____ / ____ - ____ - ____

Orientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Profº. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, Rundes Ordones Ramos, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Rundes Ordones Ramos

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Shellia Reis Fernandes - - -

Pesquisador

Data

_____/_____-_____-

Orientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

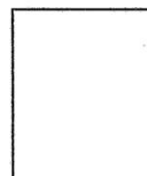
Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Helbia Reis Fernandes

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helbia Reis Fernandes / ____ - ____ - ____

Pesquisador

Data

____ / ____ - ____ - ____

Orientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Profº. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

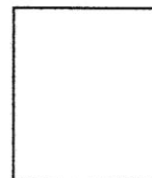
Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

maria maria loper

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helvia Reis Fernandes / ____ - ____ - ____

Pesquisador

Data

____ / ____ - ____ - ____

Orientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Prof^o. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

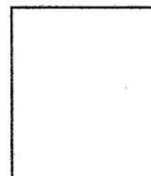
Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Neire Pedroni Ramos

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helio Reis Fernandes / ____ - ____ - ____

Pesquisador

Data

____ / ____ - ____ - ____

Orientador



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Prof^o. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Gonçalo Lopes Pereira

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helena Reis Fernandes / ____ - ____ - ____

Pesquisador

Data

____ / ____ - ____ - ____

Orientador



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr (a) a participar da pesquisa intitulada *A Variação do Sujeito Nós e A gente na fala Benjamin-Constantense* sob a responsabilidade da pesquisadora Helbia Reis Fernandes. Esta pesquisa será realizada na Zona Urbana de Benjamin Constant (AM). Eu, Helbia Reis Fernandes, sou a responsável pela pesquisa e sou orientanda do Profº. Dr. Orlando da Silva Azevedo, no programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido/a porque reside na localidade selecionada para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios deste estudo.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem do/a participante, uma vez que faremos uso da memória e história do/a entrevistado/a. Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento o/a participante pode deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos nos quais se sinta mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso o/a participante venha a se sentir prejudicado/a em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de uma entrevista sociolinguística, como instrumentos de coleta de informações. Se o entrevistado/a consentir, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do/a entrevistado/a e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que o/a participante tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terá nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitar. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria Instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, Sueli Gonçalves Bitencourt, fui informado/a sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Sueli Gonçalves Bitencourt
Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

Helvia Reis Fernandes _____
Pesquisador Data
_____/_____-_____-_____
Orientador

APÊNDICE II - EXEMPLOS DE TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

H1F1EF2

E: Há quanto tempo você mora em Benjamin Constant?

I: Hum, desde quando eu nasci.

E: Vocês sempre moraram no mesmo bairro?

I: Não, já em morei em outro bairro, já morei lá na Agropalm, Papoco, Cohabam, um monte de canto. Agora que *nós* viemo pra cá morar aqui mesmo de uma vez.

E: Tem algum outro bairro que vocês gostariam de morar?

I: Lá no Papoco mesmo, onde eu morava antes, porque desde pequeno *nós* morava lá também, desde pequeninho mesmo, aí *nós* viemo pra cá pro bairro (apontando para o Bairro de Bom Jardim), daí do bairro *nós* viemo pra cá.

E: Em relação a cidade, o que mais vocês gostam em Benjamin Constant?

I: Tem nada pra fazer aqui.

E: Vocês acham um bom lugar para viver / criar os filhos?

I: É bom é, porque é tranquilo.

E: E como foi a sua infância no bairro? Você pode contar um pouco de como foi?

I: Eu num lembro muito, muito bem das lembranças de lá não. Tomarra banho no rio, entrava debaixo das casas pra pegar peixe.

E: Você tem irmãos? O que vocês fazia?

I: Tenho. Brincar na rua, de taco, de um monte de coisa, todo tipo de brincadeira.

E: Como eram seus pais? Eram rígidos? Você tinha horário para estar em casa?

I: Tinha horário pá tá em casa.

E: A escola que você frequentou ficava no mesmo bairro? Gostava de ir para a escola?

I: Não. Estudava no Cesbi. Hurrum

E: Como é a vida em família hoje em Benjamin Constant?

I: Antes eles num tinham nem como comer assim, ir pra aula, pra fazer isso tudo. Hoje em dia *nós* tem tudo.

E: Muitas pessoas falam que as crianças hoje são mal-educadas. O que você acha disso? Você acha que as crianças hoje têm menos respeito pelos adultos?

I: São mesmo um pouco, tem criança que é. Tem muitas não, tem muitas não. Hunrum.

E: No passado, esperava-se que as mulheres ficassem em casa para tomar conta das crianças. E hoje, como é isso na cidade de Benjamin Constant? Mudou?

I: Mudou, mudou mesmo. Sai pra trabalhar minha irmã. Os meus sobrinhos que ficam com os meninos.

E: Você trabalha em quê? Gosta da sua profissão?

I: De vez em quando. Gosto.

E: E nas horas de lazer, o que vocês gostam de fazer?

I: Aqui, nada. Não tem nada pra fazer, só ficar deitado mesmo, mexendo no celular, assistindo.

E: Vocês acham que a cidade de Benjamin Constant tem boas opções de lazer?

I: Tem, um monte de ginásio aí pá jogar bola.

E: Vocês costumam viajar? Para que lugares já viajaram? Que lugares gostariam de conhecer?

I: Não, nem toda vez *nós* viaja não. Só pá Manaus mesmo, Tabatinga. Rio de Janeiro.

E: Quando você está conversando, você fala mais o “nós” ou fala mais o “a gente”?

I: Nós.

E: Qual dessas formas você acha melhor?

I: Nós.

H2F1EM

E: Há quanto tempo vocês moram em Benjamin Constant?

I: É... vai fazer 23 anos que to morando aqui.

E: Você sempre morou no mesmo bairro?

I: Sim, nunca mudei de lugar, sempre foi aqui no mesmo bairro, desde nascença.

E: Como era o bairro antes? Mudou muito?

I: Era um bairro muito estranho né? Assim, as ruas, num tinha nem rua quase, era tudo feito de barro, assim cheio de mato quase. Luz tinha, água não.

E: Tem algum outro bairro que você gostaria de morar?

I: Tem sim que seria o bairro da Cohabam. Tipo assim é o trânsito da cidade, mais movimento, entendeu?

E: Em relação à cidade, o que mais vocês gostam em Benjamin Constant?

I: Benjamin, eu gosto mais das quadras assim, porque eu frequento muito as quadras assim pra jogar, pra assistir. Sempre quando eu vou, eu vou com meus amigos, aqui os meninos tudo da rua, *a gente* se reúne aí *a gente* vai.

E: Vocês acham um bom lugar para viver / criar os filhos?

I: Sim, eu acho uma cidade tranquila, bem favorável para criar.

E: E como foi a sua infância no bairro? Você pode contar um pouco de como foi?

I: A minha infância, a maioria da minha infância foi aqui no PET quando tinha o PET, jogava bola, brincava de papagaio, andava de bicicleta, fazia essas coisas. Brincava na rua, às vezes, assim, como *a gente* chama, brincava da pira, assim.

E: Você tem irmãos? O que vocês fazia?

I: Sim, 3 irmãs, com as minhas irmãs *nós* brincava no nosso quintal, entendeu? *A gente* tinha balanço aí atrás, o nosso pai armava um balanço, fazia as brincadeiras, queimada.

E: Como eram seus pais? Eram rígidos? Você tinha horário para estar em casa?

I: Não, *a gente* podia brincar a vontade, mas *a gente* sabia da obrigação. *A gente* sabia o que fazer. Não, a mamãe e o papai nunca pressionaram *a gente* não assim.

E: A escola que você frequentou ficava no mesmo bairro? Gostava de ir para a escola?

I: Sim, eu gostava. A escola ficava longe, não ficava aqui nesse bairro não. No bairro de Coimbra. Eu estudei lá até o nono ano, aí depois eu já mudei foi pra Cohabam.

E: Como é a vida em família hoje em Benjamin Constant?

I: Sim, eu acho agora muito diferente, porque, antigamente, *a gente* pensava de um jeito, aí depois *a gente* já mais adulto já foi vendo que as coisas são diferentes, não são como *a gente* pensava quando criança. Tipo, antes o papai falava pra gente que antes não tinha quase assim nada como tem agora é, guardas, policiais. A maioria das cidades eram assim escuro, corria risco, assim, às vezes, de sair de casa. O risco agora são maiores, o trânsito aumentou. Já fui assaltado uma vez, aqui em frente de casa mesmo. Chegaram dois rapazes armados, apontaram a arma aí *a gente* só fez entregar o celular, tava eu e meu primo no dia. *A gente* ficou assim sem reação entendeu? Ficou assim tipo com trauma, traumatizado. *A gente* num esperava entendeu? Eles pararam assim do nada.

E: Muitas pessoas falam que as crianças hoje são mal-educadas. O que você acha disso? Você acha que as crianças hoje têm menos respeito pelos adultos?

I: O meu modo de ver isso aí é verdade. Agora tem criança que já grita com o pai com a mãe. Sim. No meu modo de ver é que os pais deixaram assim demais de pegar em cima dos seus filhos, assim. É de ser rígido como, no caso, assim, educar é falar, dar conselhos.

E: No passado, esperava-se que as mulheres ficassem em casa para tomar conta das crianças. E hoje, como é isso na cidade de Benjamin Constant? Mudou?

I: Hoje já num é mais assim entendeu? Agora as mulheres já pode tem mais liberdade pra ir trabalhar, pra sair. Os homens agora também tomam de conta das crianças. Tipo, na verdade, às vezes não contribuindo né? Porque, às vezes, a mãe precisa trabalhar, a irmã precisa sair pra trabalhar pra comprar também o seu sustento pra ajudar na casa. Aí o pai fica responsável tem que educar a criança, o jovem, tem que dar conselhos, dizer olha é isso, é aquilo.

E: Você trabalha em quê? Gosta da sua profissão?

I: Eu no momento, como eu te falei, eu trabalhava na quadra como técnico aí a empresa fechou pra cá, pro município, aí no momento eu to trabalhando só fazendo jogo, na aposta. Sim

a)Se não, qual a profissão dos seus sonhos?

I: Minha profissão um dia era ser policial.

E: Faz tempo que você trabalha nesse serviço?

I: Vai fazer 1 ano.

E: E nas horas de lazer, o que vocês gostam de fazer?

I: Nas horas de lazer, assim eu saio mais pra bola, correr. Tem um tempo livre, assim, às vezes, eu vou visitar algum amigo.

E: Vocês acham que a cidade de Benjamin Constant tem boas opções de lazer?

I: No meu modo de ver não muito. É uma cidade pequena entendeu? Tipo a *gente* já tem cantos que enjoa só de ir.

E: Vocês costumam viajar? Para que lugares já viajaram? Que lugares gostariam de conhecer?

I: Não. Viajar assim para lugares eu num viajei. Só fui a passeio, em Tabatinga, em Atalaia, municípios aqui próximo. Gostaria de conhecer assim, Manaus, porque eu nunca fui em Manaus, ainda, num sei como é, conhecer os lugares.

E: Quando você está conversando, você fala mais o “nós” ou fala mais o “a gente”?

I: Eu falo mais a gente.

E: Qual dessas formas você acha melhor?

I: Tipo o *a gente* porque *a gente* tá mais acostumado com esse... essa parte aí já.

M2F1EM

E: Tu nasceu aqui mesmo em Benjamin Constant?

I: Sim

E: Tu morava em que bairro?

I: Eu morei no ... na Colônia e Coimbra, só.

E: Tu morou na Colônia até quanto tempo?

I: Uns quatro anos com meu pai.

E: E depois você morou onde?

I: Aí depois, eu me juntei com o Dudu, né? Aí, *a gente* foi lá pra mamãe... lá na minha sogra, também.

E: Mas antes disso, tu morava com quem? Morava na Colônia mesmo?

I: Não, com a minha vó, em Coimbra.

E: Então, tu começou morando em Coimbra?

I: Depois fui para Colônia. Aí voltei pra Coimbra.

E: Lá com a tua avó? Foi tua avó que te criou:

I: Aham.

E: Quando tu morou no Bairro da Colônia, você acha que mudou alguma coisa do que é agora? O que você lembra?

I: Não

E: Qual a rua que você morava?

I: Na Colônia? Rua Nelson Noronha ... tá do mesmo jeito. Aquela ... subida do Vitinho. Acho que tu conhece meu pai, o *fulano*. O marido da *sicrana*. Só mudou a casa que eles reformaram né? A rua ... desde que *a gente* foi pra ... não mudou quase nada.

E: Tem água encanada?

I: Tem. Já era ... tinha tudo isso (água encanada e luz elétrica).

E: E lá na tua avó, em Coimbra?

I: Lá mudou. Lá era só assim ... é ... mato mesmo. Tinha poucas casas lá e era ... a maioria tinha ... plantava assim ... é plantava ... tinha roça lá.

E: Atrás das casas?

I: É, pra cá, porque é pra cá, né? Assim pertinho aqui. Aí, a minha vó tinha uma roça também, aí depois abriram pra fazer a rua. Agora tem muitas casas lá. Mudou muito.

Só era um caminho. E não tinha água. Tinha energia elétrica. A Água era difícil ... eu num lembro muito bem quando eu era pequena ... era da chuva ... tinha um garapezinho perto de casa. Aí depois colocaram.

E: Já aconteceu alguma coisa no bairro de Coimbra que te fez pensar em mudar de bairro?

I: É devido a rua lá ... que ... era asphaltada, agora tá só lama ... em frente de casa ainda. Aqui é tão bom que é tudo asphaltadinho né? Pra lá é muito feio ó? É a pavimentação mesmo.

E: Tem algum outro bairro que gostaria de morar?

I: Em outra casa, mas em Coimbra mesmo que eu gosto dali. Que eu fui criada ali. Alí mesmo, mas em outro ... em outro local. É aqui descendo a água dourada, ali ... ali ... é direto.

E: Em relação à cidade, o que mais gosta em Benjamin Constant?

I: É ... passear de moto, eu gosto assim dá .. de ir pra igreja, né? Também. Gosto dos festivais quando tem. Carnaval não gosto muito. É passear mesmo ... com a família. Eu gosto de passear mais com eles.

E: Acha Benjamin Constant um bom lugar para viver / criar os filhos?

I: Acho muito porque ... é tranquilo né? Não tem muito assim ... muita morte, muito assalto, é raro. É tranquilo, a gente pode ir ali ... andando, às vezes. É tudo perto. É bom ... por um lado é bom.

E: E como a sua infância no bairro?

I: Brincava, ia pro campo ... tomar banho ... campo do Magalhães. Eu ia brincar no CESBI, na escola ali do lado, com minhas primas tudinho. Aí, a gente gostava também de tomar banho no garapé que tinha lá perto de casa. Foi assim minha infância.

E: Do que vocês brincavam?

I: Antigamente era mais é casinha, né? Construía as casinhas né, brincava de casinha, de várias brincadeiras, de pular corda, de ... brincar na rua, de jogar bola junto com os meninos.

E: Você tem irmãos, do que vocês brincavam em casa?

I: A gente ia pro quintal que era grande, brincava lá atrás. A gente brincava muito assim no fundo de quintal. Muito bom! O da minha mãe era muito grande... da minha mãe, grande, grande. A gente ia pra roça com ela ... ela plantava ... a gente ajudava ela. Ajudar limpar, plantar, às vezes ia todo mundo.

E: Como eram seus pais? Eram rígidos? Você tinha horário para estar em casa?

I: Rígidos ... muito. 5h, 6h no máximo ela já tava gritando, senão apanhava.

E: Você acha que mudou essa educação de antes para o que está agora?

I: Mudou e muito. Hoje em dia não obedece mais os mais velhos. Antigamente a *gente* obedecia né? Hoje em dia eles respondem e os pais nem fazem mais nada.

E: A escola que você frequentou ficava no mesmo bairro? Gostava de ir para a escola?

I: CESBI. Eu lembro mais, assim, das brincadeiras ... eu gostava. Estudar também né? Claro, senão apanhava. Às vezes reprovava.

E: E quando era criança / adolescente, ia para que lugares aqui em Benjamin Constant?

I: A *gente* sempre ia pra igreja, pra igreja, assim, mais é ... mais era pra igreja que a minha vó era da igreja. Aí tinha aquela igrejinha do lado, aí a *gente* sempre ia pra igreja, quando tinha retiro da igreja, assim, a *gente* ia. A *gente* gostava sempre de ir pro campo do Magalhães. Todo mundo se reunia pra fazer um almoço lá ... pra praça, só. Não saía muito, muito longe daí do bairro não.

E: Em relação as famílias tu achas que mudou muito do que era antes para atualmente?

I: Não podia sair pra festa. Mudou muito. Aí né, eu e minhas primas, a *gente* só ficava só ... brincava aí mesmo. A *gente* não podia sair à noite. Ninguém podia sair, e se chegasse tarde ... já apanhava. Hoje em dia a *gente* vê criança né, na rua, até altas horas da noite. Mudou muito.

E: Nas horas de lazer o que você e sua família fazem?

I: A *gente* vai pra banho, a noite é pizzeria, lanche e quando dá, assim, pra festa, às vezes.

E: Você e sua família já passaram por alguma situação de doença, de morte?

I: A *gente* tá enfrentando, com meu avô ... câncer.

E: Quando você está conversando, você fala mais "nós" ou "a gente"?

I: A *gente*. Nós né a gente mais é a gente.

E: Qual dessas formas você acha melhor?

I: Tudo é igual.

M5F2EM

E: Há quanto tempo você mora em Benjamin Constant?

I: Já faz 31 anos.

E: Sempre morou aqui nesse bairro?

I: Quando eu era pequeninha eu morava lá em frente da CEAM, aí depois que eu vim pra cá.

E: Tu lembras de alguma coisa do Bairro quando tu moravas lá perto da CEAM? O que tu lembras da tua casa, da infância lá, alguma coisa?

I: Deixa eu ver ... lembro... como eu era pequena, eu não lembro assim totalmente, mas assim, eu era bem mimada, risos ... eu era bem mimada pelo papai. Então, as coisas naquele tempo, ele me mimava bastante assim ... aí ... aí, a minha merenda preferida que eu gostava era de pão com manteiga ... adorava.

E: E quando tu veio para cá para esse bairro, o que tu lembras? Mudou muita coisa daquela época para agora?

I: Hum ... bastante. Porque tinha poucas casas, aí não tinha o castanhal, era pé de castanha. Não tinha a Cidade Nova... Tinha algumas casas aqui só. E era um lugar calmo, entre aspas, né? Porque assim, roubavam muito, mas aí a rua era de barro. Quando chovia era lama, aí pra sair tinha que colocar o saco no pé para poder sair para a rua.

E: E tinha água encanada aqui na casa de vocês?

I: Não, era do Garapé mesmo.

E: Já aconteceu alguma coisa aqui no bairro que vocês pensaram em ir para outro bairro?

I: Não, não. Que aqui a *gente* somo assim é ... vizinho assim, unido. Aí quando uma coisa tem, a *gente* dá ou quando tem ... é assim somo bem unidos aqui, a *gente* somos.

E: Em relação à cidade, o que tu mais gosta aqui em Benjamin Constant?

I: Daqui ... Igreja mesmo. Quando eu saía né, que era do mundo, risos, eu gostava de ir para festa, risos, mas agora assim não tem muito, muito lazer não tem pra você, não tem muitos banho.

E: Acha um bom lugar para viver / criar os filhos?

I: É sim, entre aspas sim, por causa que naquele tempo não tinha tantas drogas, não tinha, mas dá, assim, pra ir indo e não ir com certas amizades, assim influências, mas é bom para morar ... é farto, todo mundo se conhece.

E: Você tem irmãos do que vocês brincavam na infância?

I: Tenho, *a gente* brincava da barbandeira, pira se esconda, jherry ... e os vizinhos da rua, *a gente* brincava de boca do forno que *a gente* ia lá no cemitério pegar a vela do finado *a gente* voltava, risos, e era de noite que *a gente* brincava. Aí depois devolvia lá pro finado, *a gente* pedia do finado com licença, *a gente* pegava e trazia.

E: Como eram os seus pais? Eram rígidos? Tinha horário para estar em casa?

I: Já com a mamãe tinha horário, tinha horário. Ela marcava tal hora e *a gente* tinha que tá tal hora aqui, que se *a gente* não tivesse a gente não saia mais. Aí tinha que tal hora só chegar em casa mesmo.

E: A escola que você frequentou ficava aqui no mesmo bairro ou ficava em outro bairro?

I: Quando eu era pequeninha ... estudei no Graziela.

E: Gostava da escola?

I: Gostei bastante porque naquele tempo não tinha índice assim de..é, coisa assim, de fugir, não tinha aquele índice. *A gente* estudava, *a gente* estudava mesmo. Aí *a gente* até chegemo, quer dizer, no meu tempo eu só cheguei até na ... no tempo da palmatória, risos, *a gente* brincava, quer dizer, estudava né, estudava tabuada e quem errava levava bolo na mão, risos. Era bem rígido e naquele tempo também, assim, os alunos respeitavam os professores.

E: Em relação a essa rigidez dos professores você acha que mudou daquela época para a atualidade?

I: Eu acho que sim porque naquele tempo era bem rígido. Agora os alunos fazem o que fazem, assim, levam os professores a pagode, num respeitam, num tem aquela consideração. Às vezes tu tá explicando, aí o menino tá no celular, coisa que num tinha.

E: Quando era criança / adolescente qual o lugar ou lugares que gostava de ir com seus irmãos?

I: Era ... era tinha o PET que era bem aqui. Aí tinha coisa, *a gente* ia pra lá, jogava bola, aí tinha os balanços... é finais de semana. Quando é dia de semana que eu estudava, aí tinha o projeto que ... era um reforço, *a gente* aprendia bastante, aí era até no tempo da diretora, esqueci o nome dela, risos, era bem rígido entendeu? Aí tinha o coral, tinha artesanato, tinha violão, tinha teclado, tinha capoeira, tinha bordado.

E: E o restante da família vive em Benjamin Constant?

I: Depois que o vovô assim é,... ficou doente aí separaram, um, meu tio, mora em tabatinga, outro, mora em Manaus, alguns já morreram.

E: E com que frequência vocês se veem?

I: Agora é pouco. De primeiro era muito. *A gente* vai lá de vez em quando.

E: Como é a vida em família em Benjamin Constant? Tu achas que mudou muito do que era antes para o que está agora?

I: Eu acho que sim porque *incompreensível* tinha aquele respeito com o pai com a mãe. O pai só olhava com o rabinho do olho, aí tinha que ficar caladinho, risos. Agora não, é filho que bate o pé e sai, e num tem aquele respeito com os pais, com os avós, grita em cima, quer comer o que tem comer, num ... num ... num tem assim, aquele ... não! O quem tem é o que vai comer, não é o que quiser. Aí eles tem que ... é como se eles fossem já os pais da gente, não respeitam mais.

E: Muitas pessoas falam que as crianças hoje são mal-educadas. O que você acha disso, acha que mudou mesmo?

I: Mudou. Até mesmo assim na ... assim né, nas escolas quando os pais vão deixar, aí ... aí, imbirra, aí ... começa a bater, começa a fazer birra. Num tem aquele ... aquele respeito pelos pais, num tem um limite.

E: No passado, esperava-se que as mulheres ficassem em casa para tomar conta das crianças. E hoje, como é isso na cidade de Benjamin Constant? Você acha que mudou? Qual tua visão a respeito?

I: Eu acho que agora, algumas, não são todas, mas assim ... algumas, elas trabalho, pra sustentar os filhos. Num tem que tá ... que tá ... é ... precisando de homem. Elas trabalham por conta própria, elas trabalham, vão lá, lutam, pra poder ser independente.

E: Você trabalha em quê?

I: Faço bicos. Faxina, lavo roupa, sou babá, sou diarista, sou um pouquinho de cada, risos.

E: Nas horas de lazer, o que você e sua família ou tu e tua filha gostam de fazer?

I: Quando a nenê tá bem, *a gente* vai, assim, *a gente* vai ... prum passeio. Quando tá bem, *a gente* vai pra Tabatinga, *a gente* vai pro pai dela, *a gente* vai pras tias, *a gente* passeia mesmo por lá. Aqui, *a gente* quase não sai porque aqui é muito movimentado e cheio de poeira né. Aí, assim, quando eu saio é que eu rapto a nenê da mamãe. É que a mamãe não gosta que eu leve a nenê para Tabatinga, Deus me livre, risos.

E: Você e sua família já passaram por alguma situação ruim de morte ou de morte?

I: Já, de doença já ... a minha filha ela pegou, é porque ela é asmática né, aí ela quase que ia ... aí eu peguei levei pro hospital, aí deram um remédio que não deveriam ter dado para ela, aí começou a tossir, começou a passar mal ... quase ela ... vai. Quando ela começa a tossir já faço nela inalação.

E: Quando você está conversando, você fala mais o “nós” ou “a gente” na frase?

I: Risos, eu acho que um pouco de cada. É porque, às vezes assim, *a gente* conversa ou *nós* conversa, assim, *a gente* ... *a gente* quase não ... não ... *a gente* coloca certas palavras que ... *a gente* não presta atenção nas coisas.

E: Qual dessas formas você acha melhor?

I: Acho que são iguais.